



— ROSA MENDONÇA DE BRITO —

O Homem Amazônico em Álvaro Maia



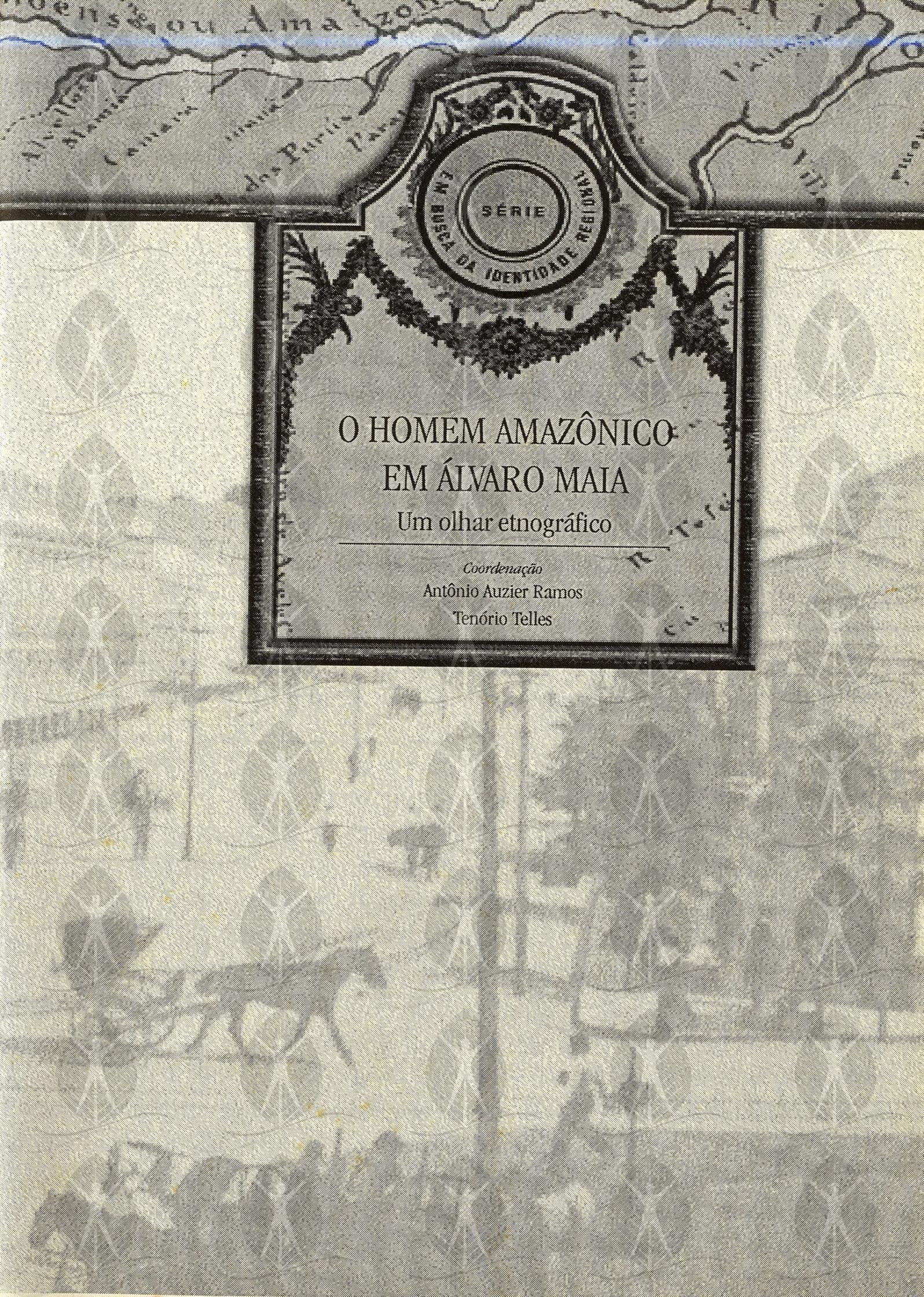


A presente obra trata de aspectos relevantes da percepção de Álvaro Maia sobre a interação “natureza e cultura” na região amazônica, especialmente aqueles capazes de possibilitar um recorte antropológico de sua concepção a partir de suas obras. Esse sentido humano da obra desse filho do Madeira não escapou à sensibilidade da autora deste livro: *A obra de Álvaro Maia constitui uma farta contribuição narrativa sobre a condição humana, em especial, do homem amazônico. Descreve, relata a formação e composição de uma sociedade encravada nas selvas e nos rios, relatando fatos que explicam suas experiências, o seu comportamento individual e social, suas lutas, sofrimentos e esperanças.*

Nesse sentido, além de recorrer à vivência do cotidiano no interior, visando resgatar experiências imprescindíveis para compreender a sensibilidade de Álvaro Maia, a autora mergulhou na leitura das seguintes obras: *Pela glória de Ajuricaba, Na vanguarda da retaguarda, Gente dos seringais, Buzina dos paranás, Beiradão, Banco de canoa e Defumadores e porongas.*

Esse roteiro metodológico permite identificar relatos e descrições que revelam um Álvaro Maia observador-participante, escritor de cenários nos quais está inserido desde o nascimento: *Escrevo no interior, vendo e sentindo a influência genésica da natureza. E somos, na verdade, fragmentos dispersivos dessa natureza, impregnados por suas ansiedades e suas forças construtoras.* Adentrando em sua percepção sobre os povos amazônicos, Rosa Mendonça de Brito mostra como Álvaro Maia





O HOMEM AMAZÔNICO
EM ÁLVARO MAIA

Um olhar etnográfico

Coordenação
Antônio Auzier Ramos
Tenório Telles

GOVERNO DO



AMAZONAS

Governador do Estado do Amazonas
Amazonino Armando Mendes

Vice-Governador
Samuel Assayag Hanan


AMAZONAS
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E TURISMO

Secretário de Estado da Cultura e Turismo
Robério dos Santos Pereira Braga

Subsecretária
Vânia Maria Cyrino Barbosa

Coordenador de Edições
Antônio Auzier Ramos

Edições
Governo do Estado

Rosa Mendonça de Brito

O HOMEM AMAZÔNICO
EM ÁLVARO MAIA

Um olhar etnográfico

**Valer**
EDITORA

CULTURA
Edições
Governo do Estado

Copyright © Edições Governo do Estado, 2001

EDITOR

Isaac Maciel

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Tenório Telles

ASSISTENTE EDITORIAL

Dori Carvalho

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

Marcicley Rego

DIAGRAMAÇÃO

Epifânio Leão

REVISÃO

Alcides Werk

Cynthia Teixeira

Marcos Sena

Sergio Luiz Pereira

NORMALIZAÇÃO

Ycaro Verçosa

B862h Brito, Rosa Mendonça de.

O homem amazônico em Álvaro Maia: um olhar etnográfico. / Rosa Mendonça de Brito. – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2001.

114p. (Série: Em Busca da Identidade Regional)

ISBN 85-86512-93-1

1. Ensaio biográfico I. Título. II. Série.

CDU 82-94(811.3)

2001

Editora Valer

Rua Ramos Ferreira, 1195

69010-120, Manaus-AM

Fone: (0xx92) 633-6565

E-mail: editora@valer.com.br

SUMÁRIO

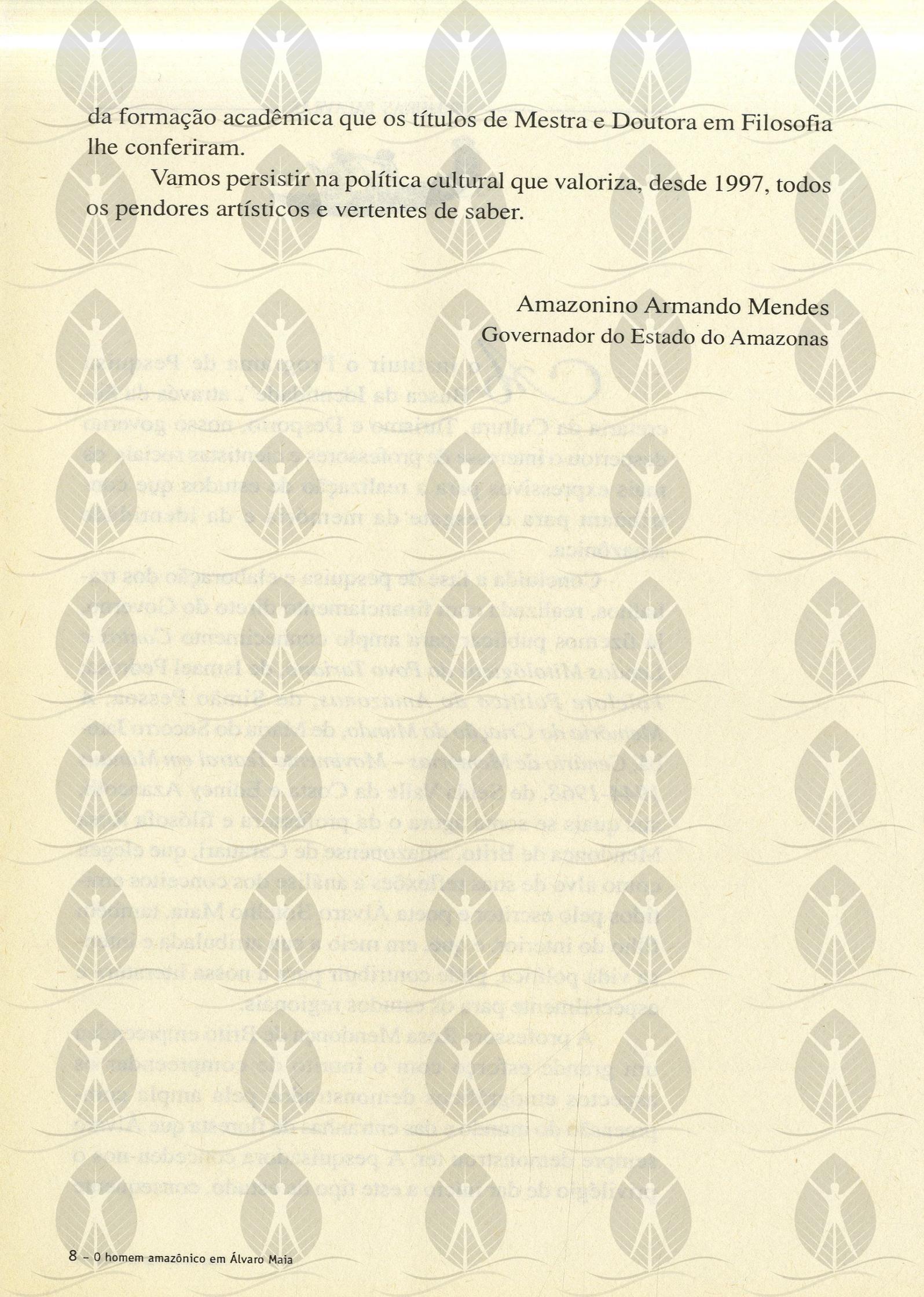
Primeiras Palavras	7
Apresentação	9
Introdução	11
Capítulo I – Inscrevendo a obra no campo antropológico	13
Capítulo II – Etnia e identidade étnica	17
Capítulo III – Desenhos regionais	21
Capítulo IV – Identidades amazônicas: o índio, o branco, o caboclo	49
4.1 O Índio	51
4.1.1 Os Manáus	53
4.1.2 Os Parintintins	58
4.1.3 A invasão do espaço	59
4.2 O Branco	68
4.2.1 Povoamento e exploração	69
4.2.2 Figuras marcantes do processo de ocupação	73
4.2.3 Expedições de extermínio e de conquista	98
4.2.4 Convívio civilizado	101
4.3 O Caboclo	104
Capítulo V – Cenário sombrio	107
Conclusão – Um olhar etnográfico	111
Bibliografia	113



Ao instituir o Programa de Pesquisa “Busca da Identidade”, através da Secretaria da Cultura, Turismo e Desporto, nosso governo despertou o interesse de professores e cientistas sociais os mais expressivos para a realização de estudos que contribuam para o resgate da memória e da identidade amazônica.

Concluída a fase de pesquisa e elaboração dos trabalhos, realizada com financiamento direto do Governo, já fizemos publicar para amplo conhecimento *Contos e Lendas Mitológicas do Povo Tariano*, de Ismael Pedrosa; *Folclore Político do Amazonas*, de Simão Pessoa; *A Memória da Criação do Mundo*, de Maria do Socorro Jatobá, *Cenário de Memórias – Movimento Teatral em Manaus 1944-1968*, de Selda Valle da Costa e Ediney Azancoth, aos quais se soma agora o da professora e filósofa Rosa Mendonça de Brito, amazonense de Carauari, que elegeu como alvo de suas reflexões a análise dos conceitos emitidos pelo escritor e poeta Álvaro Botelho Maia, também filho do interior, e que, em meio a sua atribulada e intensa vida política, pôde contribuir para a nossa literatura e especialmente para os estudos regionais.

A professora Rosa Mendonça de Brito empreendeu um grande esforço com o intuito de compreender os aspectos etnográficos demonstrados pela ampla compreensão do mundo e das entranhas da floresta que Álvaro sempre demonstrou ter. A pesquisadora concedeu-nos o privilégio de dar início a este tipo de estudo, conseqüente



da formação acadêmica que os títulos de Mestre e Doutora em Filosofia lhe conferiram.

Vamos persistir na política cultural que valoriza, desde 1997, todos os pendores artísticos e vertentes de saber.

Amazonino Armando Mendes
Governador do Estado do Amazonas



REENCONTRO

Estudar a obra de Álvaro Maia foi para mim, a um só tempo, um exercício intelectual fascinante e um emocionado retorno ao passado na rememoração de minha vida nas barrancas e bamburrais.

Pés descalços de menina, pisei várzeas e terra firme novamente. Trilhei caminhos na selva, cortei seringa, plantei roça, armei espinhel. *Semeando espumas pelos rios*, varei furos e paranás.

Diante de mim – paragens distantes do Juruá, o rio que chora –, um reencontro verdadeiro: meu pai, minha mãe, meus irmãos, outros braços solidários – vidas cansadas das lutas e desenganos. Trabalho duro, necessidades, dias sem amanhã...

Se pude realizar algum serviço no resgate da vida amazônica, neste escrito, agradeço ao meu passado, à própria vida, e à fidelidade do poeta, do escritor – no fascínio de sua palavra, na agudeza do seu pensamento, na força de seus relatos, na sensibilidade de seu humanismo – que me conduziram à compreensão da obra. Inscrevê-la no campo etnográfico é a minha contribuição.

A Autora
Manaus, junho, 1999.



Político, professor, jornalista, pensador, escritor, Álvaro Botelho Maia tem presença marcante no cenário cultural do Amazonas a partir dos anos vinte.

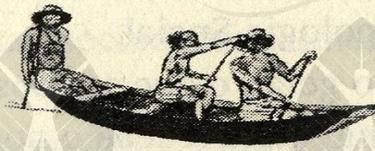
Nascido no *Seringal Goiabal*, no rio Madeira, município de Humaitá, aos 19 de fevereiro de 1893, e falecido no dia 4 de maio de 1969 em Manaus, Álvaro Maia estréia nas letras em 1904, ainda estudante, com o poema “Cabelos Negros”, e publica, em 1943, *Na Vanguarda da Retaguarda*, seu primeiro livro, deixando-nos um legado de expressiva obra.

Na literatura, onde se situa a quase totalidade de sua produção intelectual, comparece como contista, ensaísta, cronista, romancista e poeta, retratando em seus escritos a terra e o homem amazônicos.

Detectar os vários recortes que perpassam a sua obra e inscrevê-los em campos epistemológicos específicos constitui nosso objetivo.

Obra multifacetada, em Álvaro Maia encontramos questões políticas, éticas, econômicas, religiosas e antropológicas como partes de um mesmo tecido, o Amazonas, em especial o rio Madeira e seus afluentes.

No presente trabalho, optamos pela ordenação do recorte antropológico, deixando para futuros estudos o desenvolvimento das demais dimensões.



INSCREVENDO A OBRA NO CAMPO ANTROPOLÓGICO

*P*ara afirmar que a Antropologia permeia a obra de Álvaro Maia, é indispensável, antes, situá-la nesta esfera do conhecimento.

A Antropologia era, inicialmente, uma disciplina global singularizada pela junção de traços biológicos e características históricas e socioculturais. Em fins do século XIX, a Antropologia Geral começa a dividir-se em dois grandes campos, sobretudo na Inglaterra. A partir de então, a dimensão biológica da especulação sobre o homem, suas origens e capacidades como animal, ficou sendo objeto de estudo da Antropologia Física ou Biológica, enquanto o estudo do homem em seus aspectos socioculturais passou a constituir o campo da Antropologia Social (Inglaterra) ou Cultural (EUA).

Ao ocupar-se tanto do homem fóssil como do homem vivo, a Antropologia apresenta ao homem um grande espelho e deixa que ele olhe e veja a si mesmo na sua infinita variedade. Como ciência da humanidade e da cultura, a Antropologia busca um conhecimento mais aprofundado da natureza humana e de seu comportamento como um ser que está em evolução, preso a uma cultura, vivendo em sociedade. Deste modo, o biológico e o cultural, segundo E. Adamson Hoebel e Everett L. Frost (1995), destacam-se como aspectos essenciais da Antropologia, subdividindo-a em Antropologia Física e

Antropologia Cultural, e esta, por sua vez, em Arqueologia, Etnografia, Etnologia e Antropologia Social.

De um modo geral, o que se considera como Antropologia Cultural nos EUA, na Inglaterra recebe o nome de Antropologia Social, considerada mais como um ramo da Sociologia do que uma subdivisão da Antropologia. Os antropólogos ingleses dão maior ênfase às instituições, aos sistemas e às estruturas sociais, enquanto os antropólogos norte-americanos estão mais preocupados com as culturas, dentro de uma perspectiva histórico-cultural.

Antropologia (*anthropos* = homem + *logia* = estudo) tem por objetivo o estudo da humanidade como um todo.

Os antropólogos estudam os seres humanos onde quer que os encontrem – nas neves árticas ou nas regiões desérticas; nas planícies temperadas, nas regiões florestais e nas selvas verdejantes (...). As fronteiras da Antropologia vão desde os relatórios de pesquisa até as análises profundas do que se encontra atrás das aparências, até as questões da evolução humana, da motivação, da estrutura social, e da função.¹

Cultura (do latim *colere* = cultivar o campo – *cultura* = ação de cultivar ou resultado de uma ação de cultivar). No campo antropológico significa, segundo Boas,

a totalidade das relações e atividades mentais e físicas que caracterizam a conduta dos indivíduos componentes de um grupo social, coletiva e individualmente, em relação ao seu meio natural, a outros membros do grupo, e de cada indivíduo em relação a si mesmo.²

A Antropologia Cultural dedica-se ao estudo da cultura humana, ou seja, ao estudo dos processos desenvolvidos pelo homem para modificar o meio natural e, ainda, o modo pelo qual em cada sociedade todo um corpo de costumes é desenvolvido, conservado e transmitido, de geração em geração. Trata das características do comportamento do homem como

1 E. Adamson HOEBEL e Everett L. FROST. *Antropologia Cultural e Social*. 1995, p. 3.

2 Mirador. V 7, 1990, p. 3.105.

membro de uma sociedade e que não são o resultado de herança biológica e justifica as suas realizações nas sociedades humanas passadas, presentes e futuras.

Etnografia (*ethnos* = raça, povos + *graphein* = escrever), como uma das subdivisões da Antropologia Cultural, ocupa-se com o estudo descritivo das sociedades humanas.

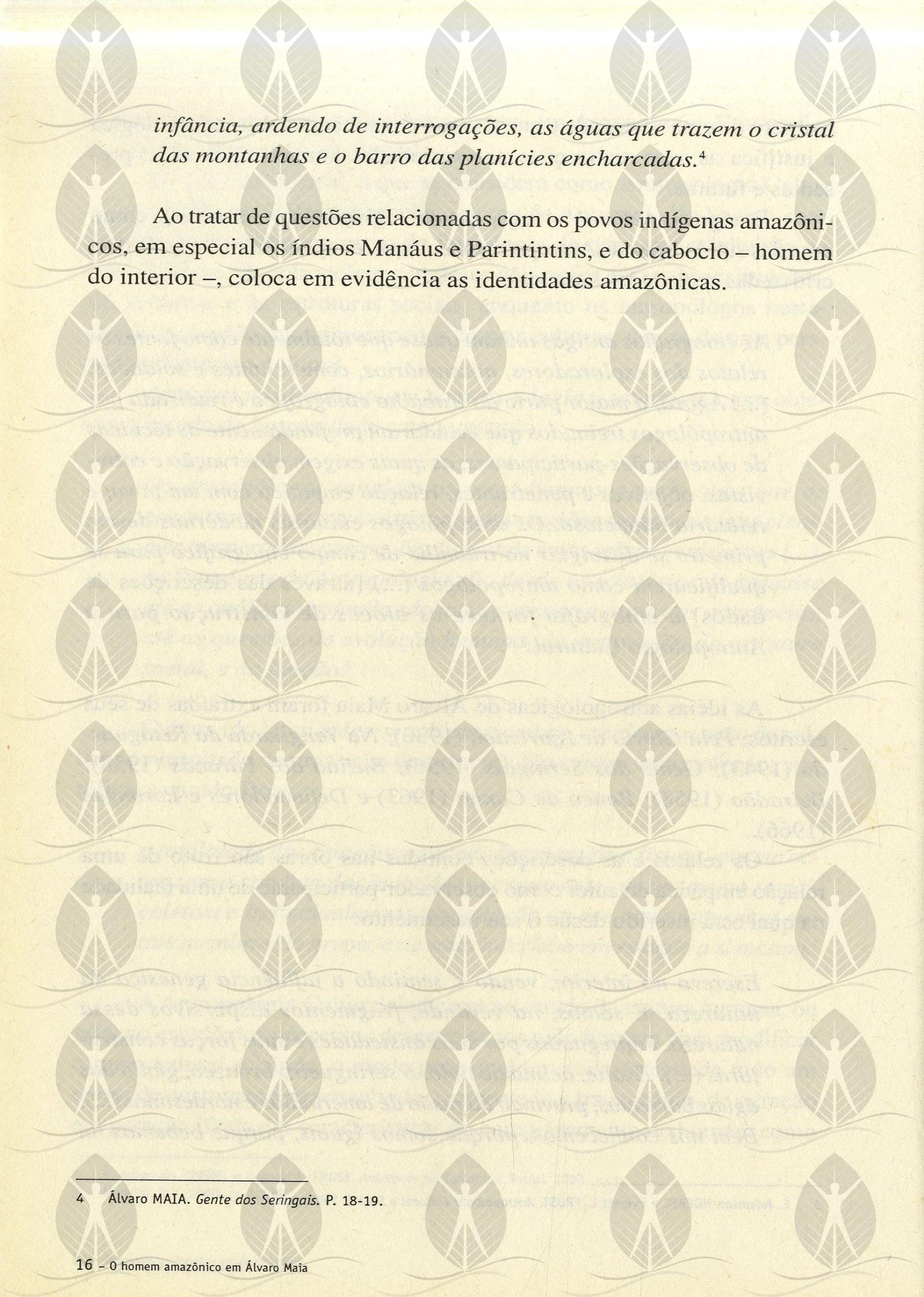
As etnografias antigas tinham quase que totalmente como fontes os relatos dos exploradores, missionários, comerciantes e soldados. (...) Agora, a maior parte do trabalho etnográfico é realizada por antropólogos treinados que estudaram profundamente as técnicas de observações-participantes, as quais exigem observação e entrevistas, objetivas e penetrantes, relação empática com um povo, e relatório minucioso. Os antropólogos culturais modernos devem primeiro se distinguir no trabalho de campo etnográfico para se qualificarem como antropólogos (...) [através das descrições de dados] a etnografia fornece os blocos de construção para a Antropologia Cultural.³

As idéias antropológicas de Álvaro Maia foram extraídas de seus escritos: *Pela Glória de Ajuricaba* (1930); *Na Vanguarda da Retaguarda* (1943); *Gente dos Seringais* (1956); *Buzina dos Paranás* (1958); *Beiradão* (1958); *Banco de Canoa* (1963) e *Defumadores e Porongas* (1966).

Os relatos e as descrições contidas nas obras são fruto de uma relação empática do autor como observador-participante de uma realidade na qual está inserido desde o seu nascimento:

Escrevo no interior, vendo e sentindo a influência genésica da natureza. E somos, na verdade, fragmentos dispersivos dessa natureza, impregnados por suas ansiedades e suas forças construtoras (...). Exalte, acima de tudo, o seringueiro brônzeo, gênio das águas barrentas, provindo da fusão de ameríndios e nordestinos (...). Bem nos conhecemos, porque somos iguais, porque bebemos na

3 E. Adamson HOEBEL e Everett L. FROST. *Antropologia Cultural e Social*. 1995, p. 9.



*infância, ardendo de interrogações, as águas que trazem o cristal das montanhas e o barro das planícies encharcadas.*⁴

Ao tratar de questões relacionadas com os povos indígenas amazônicos, em especial os índios Manáus e Parintintins, e do caboclo – homem do interior –, coloca em evidência as identidades amazônicas.

⁴ Álvaro MAIA. *Gente das Seringais*. P. 18-19.



ETNIA E IDENTIDADE ÉTNICA

*T*omamos aqui o termo identidade como categoria de atribuição de significados específicos a tipos de pessoas em relação umas com as outras e, no caso particular deste trabalho, em relações interétnicas.

O diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu sou. (...) O outro sugere ser decifrado, para que os lados mais difíceis de meu eu, do meu mundo, de minha cultura sejam traduzidos também através dele, de seu mundo e de sua cultura. Através do que há de meu nele, quando, então, o outro reflete a minha imagem espelhada e é às vezes ali onde eu melhor me vejo. Através do que ele afirma e torna claro em mim, na diferença que há entre ele e eu.⁵

As identidades são representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com o outro e pelo próprio reconhecimento social da diferença. A construção das imagens com que os sujeitos se percebem passa pelo entrelaçamento de suas culturas, nos pontos de interseção com as vidas individuais.

5 Carlos Rodrigues BRANDÃO. *Identidade & Etnia: Construção da pessoa e resistência cultural*. P. 7.

A idéia de identidade tem a ver tanto com os dramas individuais de sua biografia, quanto com os dramas sociais da história do grupo e da cultura de que é parte.⁶

Enquanto nos grupos étnicos a noção de pessoa aparece como um problema interno a uma cultura e aponta para o consenso, a noção de identidade, ao contrário, tende a emergir como um problema de relação entre culturas e aponta para o conflito. Como a pessoa ou sociedade não constrói a sua identidade ativa e atual sobre valores desvinculados de sua situação real, a etnicidade é, então, uma construção social no tempo, um processo que implica uma relação estreita entre a reivindicação cultural e a reivindicação política. É uma categoria objetiva de auto-reconhecimento de diferenças.

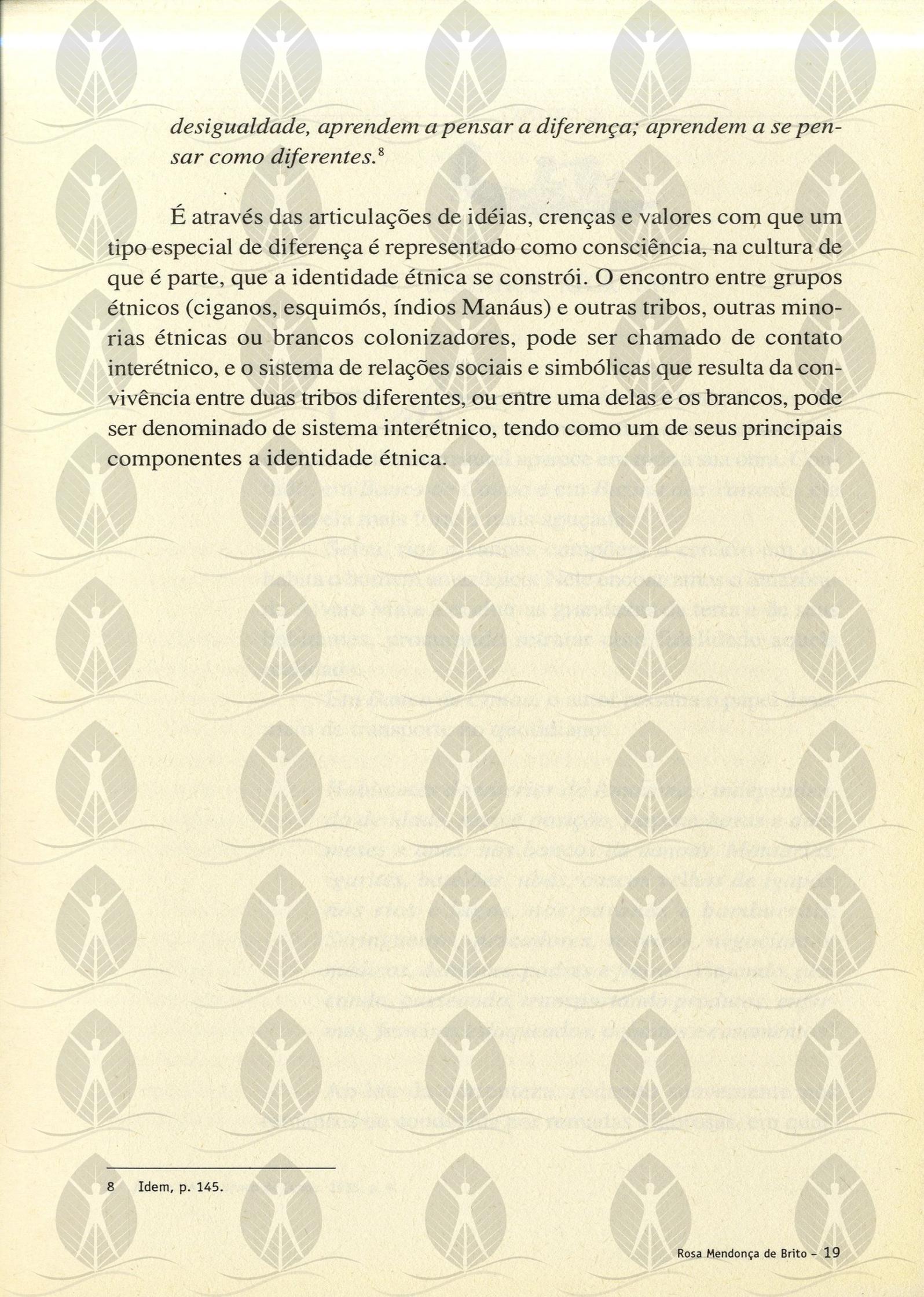
Ser pessoa de tal grupo, ou ser uma experiência pessoal de uma etnia é, justamente, o haver aprendido a incorporar subjetivamente aquilo que realiza em cada sujeito maneiras de ser, de pensar, de sentir e de se relacionar, que são peculiares de um grupo no jogo das relações interpessoais que tornam 'tudo isso' uma realidade social objetivamente construída e partilhada.⁷

Os grupos étnicos se distinguem pelas suas diferenças biológicas (cor da pele, tipo de olhos ou cabelos) e diferenças culturais (códigos de orientação de comportamento, crenças religiosas, forma de organização do trabalho comunitário). Possuem um

tipo organizacional peculiar culturalmente diferenciado de outros; uma categoria de articulação de tipos de pessoas que, por estarem historicamente unidas por laços próprios de relações realizadas como famílias, redes de parentes, clãs, aldeias e tribos, e por viverem e se reconhecerem vivendo em comum um mesmo modo peculiar de vida e representação da vida social, estabelecem para eles próprios e para os outros as suas fronteiras étnicas, os seus limites de etnia. Mergulhados em um sistema de relações regidas pela

6 Idem, p. 40.

7 Idem, p. 151.



*desigualdade, aprendem a pensar a diferença; aprendem a se pensar como diferentes.*⁸

É através das articulações de idéias, crenças e valores com que um tipo especial de diferença é representado como consciência, na cultura de que é parte, que a identidade étnica se constrói. O encontro entre grupos étnicos (ciganos, esquimós, índios Manáus) e outras tribos, outras minorias étnicas ou brancos colonizadores, pode ser chamado de contato interétnico, e o sistema de relações sociais e simbólicas que resulta da convivência entre duas tribos diferentes, ou entre uma delas e os brancos, pode ser denominado de sistema interétnico, tendo como um de seus principais componentes a identidade étnica.

⁸ Idem, p. 145.



DESENHOS REGIONAIS

A percepção de Álvaro Maia do ser, do viver e conviver do homem amazônico e do seu ambiente natural aparece em toda a sua obra. Contudo, em *Banco de Canoa* e em *Buzina dos Paranás*, ela se revela mais forte e mais aguçada.

Selva, rios e canoas compõem o cenário em que habita o homem amazônico. Nele encontramos o amazônida Álvaro Maia a exaltar as grandezas da terra e de seus habitantes, procurando retratar com fidelidade aquela realidade.

Em *Banco de Canoa*, o autor ressalta o papel desse meio de transporte no cotidiano:

Habitantes do interior do Amazonas, independentemente de idade, sexo e posição, passam horas e dias, meses e anos, nos bancos de canoas. Montarias, igarités, batelões, ubás, cascos velhos de igapós, nos rios e lagos, nos paranás e bamburrais. Seringueiros, pescadores, roceiros, negociantes, médicos, dentistas, padres e freiras. Viajando, pescando, passeando, transportando produtos, enfermos, festeiros esfaqueados, defuntos e casamentos.⁹

Ao léu da correnteza, rodando suavemente nos remansos ou conduzida por remadas vigorosas, em qual-

9 Álvaro MAIA. *Banco de Canoa*. 1963, p. 9.

quer momento do dia ou da noite, ao orvalho úmido das cerrações ou ao calor do sol a pino, a canoa é o transporte para ir aos forrós, atos religiosos, trabalho, raptos e excursões politiquieras.

Há canoas respeitadas, com três ou quatro remeiros; a do padre, do agente fiscal, do dentista, do médico e da diligência policial são quase sempre motorizadas. Em cada uma um sentimento, um destino:

– *Lá vem a canoa do Santo!*

Rezas desde o cedro de bater roupas, no porto, escada acima, com os degraus cavados no barro, escorregadios à chuva, rezas pelo caminho, aberto no capinzal ou no terreiro, rezas à entrada da barraca. É a esmola para o Santo, para a festa do Santo, em que os doadores são ordinariamente convidados.

– *Lá vem o fiscal!*

Recebem-no com desconfiança. Quem vai querer o homem da prefeitura? Aumenta sempre os impostos e ameaça os recalci-trantes com soldados e execuções.

A canoa odienta é a da diligência policial: o subdelegado aparece com tremendas pistolas, caindo do cinturão, semivergado ao peso das balas.

– *Ó de casa. Quem sobe é o tenente-delegado, acompanhando o engenheiro da demarcação!*

O seringueiro treme logo: na certa é espoliação de terras, mais terras pro coronel. Passa-lhe, nos olhos frios, uma descarga de 44: mais terra pro ricão farrear, e o pobre sem roça e farinha.

Mas, em compensação, vem a canoa do vacinador, do camarada que vem fazer eleitores...¹⁰

Quando é longo o trajeto, as canoas conduzem toldas onde se abrigam as pessoas mais importantes, os mais velhos e as crianças. Há, também, as que servem de tapiri: arrastadas e emborcadas nas praias, em chuvaradas e temporais, passam a ser dormitórios e instrumentos de defesa; as que deram baixa do serviço, imprestáveis para o transporte, transformam-se em depósitos de mandioca, mergulhados no rio para a feitura de farinha-d'água; em terra, apoiadas em forquilhas, servem de canteiros de tomates e cebolinhas.

¹⁰ Ibidem, p. 11.

Na fala do mariscador Fabrício, que o cronista recolhe e reproduz, uma síntese insuspeita:

– Vivi mais de 60 anos na canoa. Peguei peixe, mulher; dormi, cacei, fiz viagens, farras, carreguei defunto, feridos, tudo na canoa. Quando chego em terra, dou pra ficar triste.¹¹

Em *Buzina dos Paranás*, o poeta fala dos mistérios, encantos e desencantos da floresta. “Paraíso Verde”, “Buzina do Mato” e “Veio d’Água” retratam esse cenário:

PARAÍSO VERDE

*Paraíso verde! Verde em várzeas e ladeiras,
possuis, como excessões abertas ao porvir,
praias, campos gerais, queimadas e clareiras.
No entanto, quanto dói, no verde sem fronteiras,
ver a árvore tombar, ver a floresta ruir...*

*Nas queimadas sem-fim, caem a folha e a flor no
palude: enfrenta o galho o sol, a morrer de
febre – pulso que expela a combustão de um forno,
enquanto, nágua, a raiz morre de frio e, em torno,
o lodo é verde, a espuma é verde, a morte é verde.*

*Paraíso! Em teu inferno é verde a luz da aurora...
Verde a esguia palmeira, abrindo-se em troféus.
Mas, no verde triunfal, que exuberava em pletora,
a água atinge o apogeu, no ardor de quem devora,
destrói as plantações, ameaça os próprios céus...*

11 Ibidem, p. 10.

BUZINA DO MATO

*Clarim das selvas, em teu canto
rola o rumor das outras eras,
– anseios mortos num quebranto,
clamores de índios e de feras...*

*Quantos idílios não despertas
no lago imenso das lembranças,
– rubras paixões das Descobertas,
revôos de frechas contra lanças...*

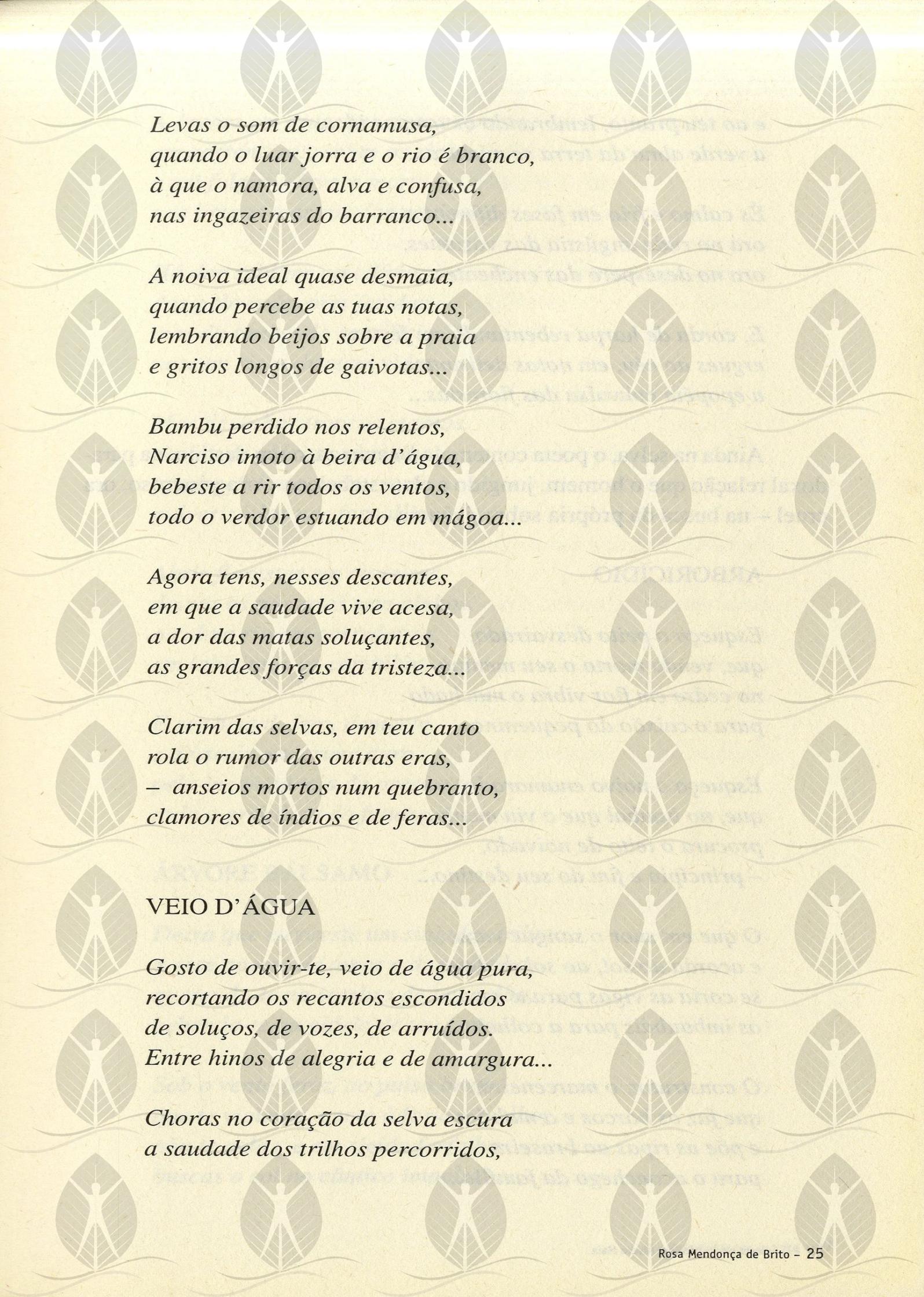
*Com essas canções de citaredo,
cobres a tarde de perfumes:
as folhas bolem no arvoredado
e ardem no bosque os vaga-lumes...*

*Falas... e trazes nos zunidos
as redolências das florestas,
e enches os olhos e os ouvidos
de trechos verdes e de festas...*

*Rias ao vento... Mas, um dia,
caíste nágua e, agreste avena,
vinhas sem luz, vinhas tão fria,
vinhas tão-só de causar pena...*

*O seringueiro, que remava,
semeando espumas pelo rio,
o seringueiro, que passava,
erguendo os remos, te acudiu...*

*Hoje, em seu lábio, agradecida,
agitas no ar sonoras asas,
e, pela voz, levas a vida
aos entes bons, que estão nas casas...*



*Levas o som de cornamusa,
quando o luar jorra e o rio é branco,
à que o namora, alva e confusa,
nas ingazeiras do barranco...*

*A noiva ideal quase desmaia,
quando percebe as tuas notas,
lembrando beijos sobre a praia
e gritos longos de gaivotas...*

*Bambu perdido nos relentos,
Narciso imoto à beira d'água,
bebeste a rir todos os ventos,
todo o verdor estuando em mágoa...*

*Agora tens, nesses descantes,
em que a saudade vive acesa,
a dor das matas soluçantes,
as grandes forças da tristeza...*

*Clarim das selvas, em teu canto
rola o rumor das outras eras,
– anseios mortos num quebranto,
clamores de índios e de feras...*

VEIO D'ÁGUA

*Gosto de ouvir-te, veio de água pura,
recortando os recantos escondidos
de soluços, de vozes, de arruídos.
Entre hinos de alegria e de amargura...*

*Choras no coração da selva escura
a saudade dos trilhos percorridos,*

*e ao teu pranto, lembrando os tempos idos,
a verde alma da terra se mistura...*

*És calmo e frio em fases diferentes,
ora na rude angústia das vazantes,
ora no desespero das enchentes...*

*E, corda de harpa rebentando em festas,
ergues ao céu, em notas delirantes,
a epopéia convulsa das florestas...*

Ainda na selva, o poeta contempla a natureza, o seu destino, na paradoxal relação que o homem, jungido a ela, estabelece – ora generoso, ora cruel – na busca da própria sobrevivência.

ARBORICÍDIO

*Esqueço o peito desvairado,
que, vendo morto o seu menino,
no cedro em flor vibra o machado
para o caixão do pequenino...*

*Esqueço o noivo enamorado,
que, no itaubal que o viu menino,
procura o leito de noivado,
– princípio e fim do seu destino...*

*O que em suor o sangue vaza,
e acorda ao sol, ao sol se deita,
se corta as vigas para a casa,
os imbaubais para a colheita...*

*O construtor, o marceneiro,
que faz os barcos e a mobília,
e põe as ripas ao braseiro
para o aconchego da família...*

*A árvore em cruz, que se transporta
em correntezas, sobre os rios,
e vai fulgir – árvore morta
nos longos mastros dos navios...*

*Há dor sublime no cilício
das pobres árvores feridas,
mas do tremendo sacrifício
nascem risos, brotam vidas...*

*Mas derrubar troncos eternos,
cheios de glórias e batalhas,
apodrecê-los nos invernos,
pulverizá-los nas fornalhas.*

*Abrir florestas em clareiras,
deixar os pássaros sem ninhos,
o calmo rio em corredeiras,
em labirintos os caminhos.*

*É ser brutal, fero, demente,
e destruir, em crime duro,
pela inconstância do presente,
toda a grandeza do futuro...*

ÁRVORE BÁLSAMO

*Deixa que eu preste um singular tributo
a esse poema de amor e de trabalho,
querendo-te na sombra de teu galho,
bebendo-te na glória de teu fruto.*

*Sob o vento feroz, ao pulso bruto,
que te violenta, como à forja o malho,
não te calas, e em rígido farfalho,
buscas o sol no cântico impoluto...*

*Ao céu, que te coroa de esplendores,
ergues, coleando a fronde verdejante,
urnas de essências e pendões de flores.*

*Ó árvore que as florestas embalsamas,
estende-me também, no extremo instante,
a verde bênção dessas verdes ramas!*

ÁRVORE ENFERMA

*Alma! Na solidão do sacrifício,
no rude isolamento que maltrata,
maldizes as angústias do flagício,
mas fitas vales de ouro e céus de prata.*

*Buscando a perfeição, foges ao vício
e preferes, no ideal que te arrebatava
aos soberbos repuxos de artifício
a humilde fonte que ilumina a mata.*

*Tombarás só... Indiferente ao grito,
solto em coro por anjos e serpentes,
tu serás como um pântano maldito,*

*que, infundindo pavor, vive de rastros,
mas alimenta as árvores doentes
e reflete no espelho a luz dos astros.*

ÁRVORE FERIDA

*Ante a constelação do céu florindo em lume
temos, ó árvore, o mesmo ideal e a mesma sina...
Sangrou-me o peito inerte a sensação divina,
como a acha te sangrou em golpe de negrume.*

*Dando esmola ao faminto e consolo à ruína,
subimos em bondade, ardemos em perfume...
Bendita a dor criadora, o perfurante gume,
que em mim produz o verso e em ti produz resina...*

*Ninguém virá curar-te! Apenas os ramalhos
ensinarão à flor a música dos galhos
e ensinarão ao galho as lutas das raízes.*

*Ninguém virá curar-me! Os meus versos apenas
serão o bálsamo esfeito em minhas próprias penas,
sob a ronda de dor dos dramas infelizes.*

ÁRVORE-ESPETRO

*Possa viver somente até o dia
em que entender a luz que o céu entorna,
e todo o sangue, na volúpia morna,
cantar na artéria em cólera bravia...*

*Árvore-espetro! A trepadeira adorna
teus galhos secos, ermos de alegria,
mas a esmola te fere na agonia,
indiferente ao sol que te contorna.*

*Viver é revoltar-se, é brandir lanças,
buscar vitórias, enfrentar pampeiros,
ter esperanças e desesperanças...*

*Tombar com vida, e não ficar velhinho,
sem meios próprios, esperando por terceiros,
como as árvores mortas no caminho!*

ÁRVORES E VENTOS

*Folhas de almo verdor, selvas convulsionadas,
que ergueis ao céu longínquo os galhos retorcidos,
cessai por um momento esses longos bramidos,
esse réquiem de angústia, esse bater de enxadas...*

*Em lutas de titãs, as árvores zangadas
lançam no redemoinho os corações feridos:
no clamor da procela há tremendos rugidos,
no barulho da mata há furiosas risadas.*

*No arremesso brutal de um braço turbulento,
em trovejante tropel, a torva ventania
rasga, vivaz e viva, o velário violento...*

*– Ah! como me recorda esse quadro assassino
o vão surto de ideal que tenho todo o dia!
Ó floresta, és a vida! ó vento, és o destino!*

SERINGUEIRA

*Ó germen do celeiro, ó bendita semente,
que trazes no tecido o vigor destas zonas,
brota, deslumbra, mostra o delírio fremente
das florestas, dos céus, dos rios do Amazonas.*

*Quantas bênçãos de luz não te brilham nas franças,
que harmonizam de dia o rincão que adoramos...
Resplende em tua fronde um fanal de esperanças,
solta hosanas à noite o oboé dos teus ramos...*

*Rainha poderosa imperando na mata,
com tua ardente seiva o terreno enriqueces...*

*E, às carícias do sol e aos luas de prata,
esbanjas a bondade, entreabrindo-te em preces...*

*És a imagem ideal do crescer formidando,
do holocausto divino em favor de quem chora...
Dão-te golpes na casca e, em resposta, cantando,
dás teu leite e teu pão, que são gotas da aurora...*

*Sacodes tua copa aos clamores do vento,
ofereces ao solo o teu pólen fecundo...
Sorves pela raiz o abençoado alimento
para dar alimento aos que vivem no mundo...*

*Ó florestas, ó céus, ó rios do Amazonas,
estancai um momento e, em delírio fremente,
levantai orações ao porvir destas zonas,
ao galho, à folha, à flor, ao perfume, à semente...*

SUMAUMEIRA

*Venho adorar-te à sombra da folhagem,
olhando o nascente, ao vento ondeando a fronde...
E soltas o farfalho, que responde
à voz das coisas, num bramir selvagem...*

*Teu verde-branco, verde-azul, aonde
a passarada canta em vassalagem,
vem procurar ventura na estiagem,
que doura as copas e a fartura esconde.*

*Ó sumauemeira patrícia! Infiltra-me na frente,
quando o corpo volver ao transformismo,
as riquezas do ar, as bênçãos do horizonte.*

*Leva minha alma ao céu, que o bem resume,
e espalha-me, em piedoso romantismo,
na luz, no pendão e no perfume...*

OS LENHADORES

I

*(A turma infernal destrói os troncos para as fornalhas dos
[navios fluviais e das locomotivas.
As grandes árvores desaparecerão em toros e pranchões
[mortos, transportados ao lombo de alimárias.
Itaúbas, paus-d'arco, jatobás, gigantescos troncos, onde os
[cortiços fulgiam,
serão amontoados à margem das águas convulsivas.
O caminhante, sentado numa sapopema, ouve o tatã
[dos machados
dos lenhadores, retalhando as fibras da terra milionária...)*

II

*“– Aqui, dentro da selva, aqui, no isolamento,
sofro, e quero sofrer a dor do pensamento.
Sussurra o rio embaixo... E, por minha cabeça,
a folhagem constrói uma abóbada espessa,
como de catedrais... A cúpula sombria,
formada pela união da verde ramaria,
acalma a fronte em febre... A música inserena
dos ventos em tropel os nervos envenena...
Aumenta a ventania, esvoaça, tamborila...
Esta grande harmonia, até então tranqüila,
ascende para o céu em lúcidas escurvas...
Dedilham pela selva apaixonadas harpas,
que se ajuntam aos sons, penetrantes e belos,
de flautas e oboés, de pianos e violoncelos...*

*De longe, de bem longe, em vozes compassadas,
chegam em confusão mecânicas pancadas...
A selva é escura. Mas, penetrando-lhe as brechas,
o sol arremessa do alto um turbilhão de frechas...
Quanto é suave rever as mil folhas inquietas
fulgirem em cor de ouro à luz das áureas setas...
Debaixo do arvoredado, onde a sombra se derrama,
o sol ferve e levanta um oásis de flama,
espalhando-se em cima em flamejantes laivos...
Vai-te em brumas, ó sol! Ó sons de ouro, calai-vos!
Homens, como titãs, de fortes pulsos de aço,
no horror da destruição, ebriados de cansaço,
cortam, brandindo o gume, os troncos seculares...
Cortam. De quando em vez, reboa pelos ares,
como uma queixa verde, a vírde folhagem,
talvez chorando o mal desse crime selvagem.
Rolam, beijando o solo, os troncos decepados,
entre berros de fúria... Amolam-se os machados,
que, brandidos a mão no silêncio da mata,
riscam na escuridão relâmpagos de prata...”*

III

*(O caminhante ouve a floresta em prodigiosa sinfonia.
As mães do mato soluçam, como virgens perseguidas,
[agitando as cabeleiras da folhagem.
Os veios d'água, as resinas lembram prantos das
árvores em agonia.
Os pássaros, os ventos, as folhas secas choram
convulsamente a profanação bravia...)*

IV

*“Vai-te em brumas, ó sol! Ó sons de ouro, calai-vos!
Escondei-vos na luz dos flamejantes laivos!
Voz formada de dor, canto que me confundes,*

*perece em maldições, vai-te em De profundis,
com os galhos em roldão, com as folhas amarelas!*

*Sorvo o eterno verdor destas ramagens belas,
verde a raiz, e verde o tronco, e verde o galho,
verde o caminho, verde a voz de que me valho...*

*A cor verde, reunião do azul e do amarelo,
é feita pelo céu e pelo sol... Ostenta,*

*unidos num só tronco, a porcelana e o ouro,
que, às vezes, rebenta em fragorosas bolhas...*

*O exemplo, do que afirmo, existe e se revela,
de forma opulenta,
no tesouro
das folhas!”*

V

*(Levanta-se o caminhante e avança em direção ao som dos
[machados, por estreitas veredas.*

*No percurso, vê claros na floresta – árvores secas, sapopemas viúvas,
galhos sepultados em folhas, atulhando igarapés, entre pedreiras.*

*Num ponto, a selva torna-se impenetrável, com os galhos
[estrangulados*

noutro, palmas e arvoredos formam frescas alamedas.

*O vento continua a harmonizar o ambiente, rufando nas copas
[altas e tocando árias invisíveis nos leques das palmeiras...)*

Nos poemas “Chuva e Sol”, “O Rio”, “Terra Caída”, “Na Correnteza”, “Sobre as Águas Barrentas” e “Os Remadores”, o poeta percorre o rio como um caminho de muitos contrastes, de muitos mistérios, de muitas lutas, de muitas vidas, muitos destinos:

CHUVA E SOL

*Aviões de névoa e fumo, os nevoeiros brancos
cobrem o espaço em cinza... O temporal soluça
e brame... Brame o rio em raivosos arrancos...
E, dobrada no leito, à borda dos barrancos,
com as folhas riscando a água, a selva se debruça...*

*Mas escorre da altura, entre nuvens lilases,
negras, pardas, azuis – rendas a retremer,
o arco-íris, no esplendor de rebrilhos vivazes,
– sol na prisão de um véu de arminhos e de gazes,
ou turbante de luz a esvoaçar de prazer.*

*Enquanto jorra a chuva, o sol, caindo louro,
achega ao ombro em brasa o refulgente manto...
A chuva a tremular, no horror do sorvedouro,
lembra um tear de platina entrelaçado de ouro,
tecendo o véu nupcial da natureza em pranto...*

O RIO

*Em troncos mortos há marrecas e gaivotas,
boiando na torrente, em direção do mar...
Soltam nos ares sons de flauta, agudas notas,
e fogem, – lá se vão destas zonas remotas
para além, rio abaixo, a revoar e a cantar...*

*Guarda uma fauna ignota a calma dos remansos.
Nos rebojos se agacha a sombra da perfídia.
As ondas que, até então, eram rebanhos mansos,
correm aos ventos, onça uivante, e, entre balanços,
têm no leito o redil, correndo à luz merídia...*

*Dentro, surdos ao mal que freme e tempesteia,
dormem serpes sensuais e monstros de olhos maus...
Noite alta, quando escorre o luar a lua cheia,
e envenena o silêncio o silvo da sereia,
a cobra-grande sai do fundo dos peraus...*

*Sai e rugue, através de desgarrões e furnas,
que as boiúnas não vêm e os apuís não cingem...
Seguem-na cabriolando, a essas horas noturnas,
curupiras, anões e bruxas taciturnas,
os gênios do pavor que estão na mata virgem...*

*Todo o ímpeto do mal, todo o castigo corso
resume-se no som, resume-se na voz...
O rio é um monstro informe a ribombar de esforço,
que leva, na agressão de seu barrento dorso,
a fúria destruidora, o assassínio feroz...*

*Delira em luz, delira em êxtases supremos,
ora em margens de fogo, ora em longínquos arcos:
florestas e alvos céus chocam-se nos extremos,
onde, entreabrindo um leque ao impulso dos remos,
há esfumados vitrais de canoas e barcos...*

TERRA CAÍDA

*Na outra margem, na enseada esbatida nas brumas,
rolam blocos de terra em dolente estertor
com frondes e sopés, flores e sumaúmas...
O rio estoura e ferve em torvelins de espumas,
e pranteia o infortúnio em regougos de dor...*

*Lembras, terra caída, um festim de dementes...
És o drama de fel dessas enchentes grandes,
que recolhem no inverno o choro das vertentes,
os ludros bamburrais e os paranás nutentes,
os aludes dos céus e os degelos dos Andes...*

*O denso cantochão das árvores vizinhas,
desde o galho à raiz, celebra essa hora má.
Vozes da escuridão, musicadas em linhas,
rezam missas de morte, evocam ladainhas:
é a macumba, aclamando o tremendo sabá.*

*O rio não retorna... Em vingativo anseio,
crava sobre o barranco as tenazes ocultas...
Rasga-o, lambe-o. Começa o fero bombardeio.
Mostra na luta a força hidráulica do seio,
– explosões de petardo, uivos de catapultas...*

*Findo o estrídulo estrondo, a selva acorda. Acorda,
como uma lira verde a conversar com o sol...
Cada árvore cintila: é melodiosa corda
a celebrar a enchente, o leito, que transborda
e envolve a criação com um barrento lençol...*

NA CORRENTEZA

*I
A mossa d'água cresce e, lenta, se amontoa
na parede de pedra, onde borbulha presa...
Parece branda, esplende à luz, à orgia acesa
do sol, ao rir da selva, ao tombo que retroa...*

*Veio em fúria, através da brutal correnteza,
que os rebojos contorce e as margens esboroa.
Mas parou, de repente, em repelão... Domou-a
o óbice artificial de potente represa.*

*Breve, de novo o seio estuante de revoltas,
subirá, à constrição das enchentes sombrias.
E, forte, no estertor de suas brônzeas voltas,*

*Cercará, libertada enfim dos velhos males,
as roças e as rechãos de suaves melodias,
contornando a montanha e fecundando os vales.*

II

*Voa, rio que agora escorres com doçura,
mas prometes fragor de rude cachoeira.
Estira o dorso hercúleo, abrilhanta a carreira,
ao vento que te eriça e às vagas te mistura...*

*Desliza! Além se perde a imensidade escura...
A flor incensa, a folha ensombra, a árvore cheira...
O horizonte termina em cristalina esteira,
em campo verde-longe, em céu de doce alvura.*

*Abandona a revessa e, em ímpetos e ardências,
sobre o álveo de ouro e luz, que beijas e perfumas,
solta gritos, espalha odores, sorve essências...*

*Destruíste a barreira, estás em leito raso...
Voa! Ostenta no espelho, unidos em espuma;
os sorrisos da aurora e os queixumes do ocaso...*

III

*Ó áureo rio de Amor, que dentro em sonho passas,
vens dos Andes da Mágoa e tens, como afluentes,
desesperos febris e lágrimas ferventes,
findando no caudal em preces e ameaças...*

*Contra teu curso ergui pesadas argamassas,
tentei desviar em febre os vagalhões frementes...
Mas trazes no conjunto a força das vertentes,
e os muros, que te oponho, escarvas e estilhaças.*

*Transcorres em delírio, e a luta não te cansa.
Lembras um livro enorme, abrindo para os lados
as margens-folhas rindo em ânsias de esperanças...*

*Ó áureo rio de Amor, na audácia de entendê-las,
sofrerei em delírio os teus beijos velados,
à harmonia do luar e ao clarão das estrelas...*

SOBRE AS ÁGUAS BARRENTAS

*Sob o sol fugitivo, a tarde prisioneira
abre à invasão da noite as águas do Madeira...
Calor de agosto. O vento encrespa o sorvedouro,
que embala ao vento langue as lentas ondas de ouro...
– Rema, conoeiro amigo! A noite se avizinha.
Não risca o espaço escuro uma asa de andorinha...
Deixa o barco fugir à flor da correnteza,
e apresta as férreas mãos com vigor e presteza...
Há quem te espere ansiosa, entre as portas da casa,
mostrando à boca em sangue um sorriso de brasa...*

*O sol filtra na queda o derradeiro feixe...
A montaria investe e corre como um peixe,
ora em quieto remanso, ora na maresia,
por entre a escuridão da mata fugidia...*

*Recurvo, o corpo de aço escandesce e trabalha,
mas a idéia repousa à janela de palha,
onde um rosto amanhece e um corpo alvoroçado
é um maduro pomar, onde cresce o pecado...*

*Tudo em nosso redor é um solene incentivo
a esse beijo de fogo, a esse abraço furtivo:
o vento, que te afaga, enchendo-te de frio,
este encanto, esta noite, esta cena, este rio,*

*tudo é um riso imaturo, uma carícia calma,
que se lançam do céu sobre as misérias da alma.*

*Ao rever a ampla selva em que folguei menino,
sinto meu coração fundir-se em brônzeo sino,
como se a terra fosse uma igreja, uma aurora,
e o meu corpo em delírio uma torre sonora...
Às ilusões da infância, a minha vida acorda:
cada sentido é a força e cada nervo é a corda,
que me levam no rio, – áurea flor de bubuia,
na estranha languidez de uma branda aleluia...*

*A alegria luariza o sonho... E o sino canta
ante a consolação desta harmonia santa...
Ajoelho em pensamento, entrecruzando os braços,
para beber num sorvo as selvas e os espaços...*

*Insculpo em meu olhar, recolho nos ouvidos
tantos quadros da Vida em vidas repartidos...
Longas praias sem-termo, onde alvejam gaivotas,
bosque em cores aberto e rio aberto em notas,
árvores de São João, sumaumeiras em prece,
doces recordações que nunca a fronte esquece,
heis-de embutir um dia, entre a lembrança rude,
na prata da velhice o ouro da juventude...*

*Sois o romance, a voz, que nos vem, de repente,
a uma valsa, a um perfume, a uma vista, em que a gente
ouve, abraça, recorda a trindade bendita
– a mãe, a noiva, a irmã, em doçura infinita...*

*Vivei, entrai em mim! Quero, tempos afora,
sentir-vos a vibrar, como vos sinto agora,
onde me surja a mágoa, onde me leve o sonho,
imagens maternais de meu berço risonho!*

*Mais distante, a distância, onde o caudal não dorme,
desliza um batelão, vagaroso e disforme...*

*Hércules seminus lutam, batendo a voga,
e a espuma, em revulsão sob os remos que afoga,
confunde a queixa humana ao rumor de fadigas
da embarcação que lembra as galeras antigas...*

*– Homens, ó meus irmãos, ó párias que aí dentro ides,
em dolentes canções para a dor de outras lides,
que buscais e quereis, nesse destino obscuro,
despidos de ambição, cegos para para o futuro?
Nada! Mas, na floresta onde as hordas selvagens
viam palcos de guerra ao verdor das ramagens,
traçais a nova estrada, ergueis o mundo novo,
por onde há de rolar em marcha um grande povo...*

*Os dias, que passais em conquistas e arrojos,
viverão dentro em nós, cantarão nos rebojos,
como o sangue brutal destas barrentas veias,
como o suave dulçor destas fulvas areias...*

*– Rema, canoeiro amigo! O vago céu escorre
uma toalha de breu sobre a tarde que morre...
Estas margens azuis são muralhas de fumo,
– muros de sombra e medo, em que vamos sem rumo...*

*Tudo apavora, tudo assusta, tudo assombra,
nesta hora de refrega entre o sol-morto e a sombra...
Há bruxedos de anões sobre as luras do charco,
índios e iaras trovando à passagem do barco...*

*Bóia, monstruoso, à proa, o balseiro de uma ilha...
Mas, em cima, o bando irial das estrelas fervilha...
Erra o bosque em perfume. Há bocas nos barrancos,
e o lindo luar nascente esparge lírios brancos...*

*A noite aumenta o espasmo em que nos debatemos,
ouvindo no silêncio o chapinhar dos remos...*

*É a recompensa... E, enquanto idealizas o beijo
da que te espera muda, em pudor e desejo,
eu guardo a imensa voz destas imensidades
e encho o meu coração de vindouras saudades,
Terra, ó mãe, que me deste, em mesma hora dorida,
a luz do amor, o bem do sonho, o pão da vida!*

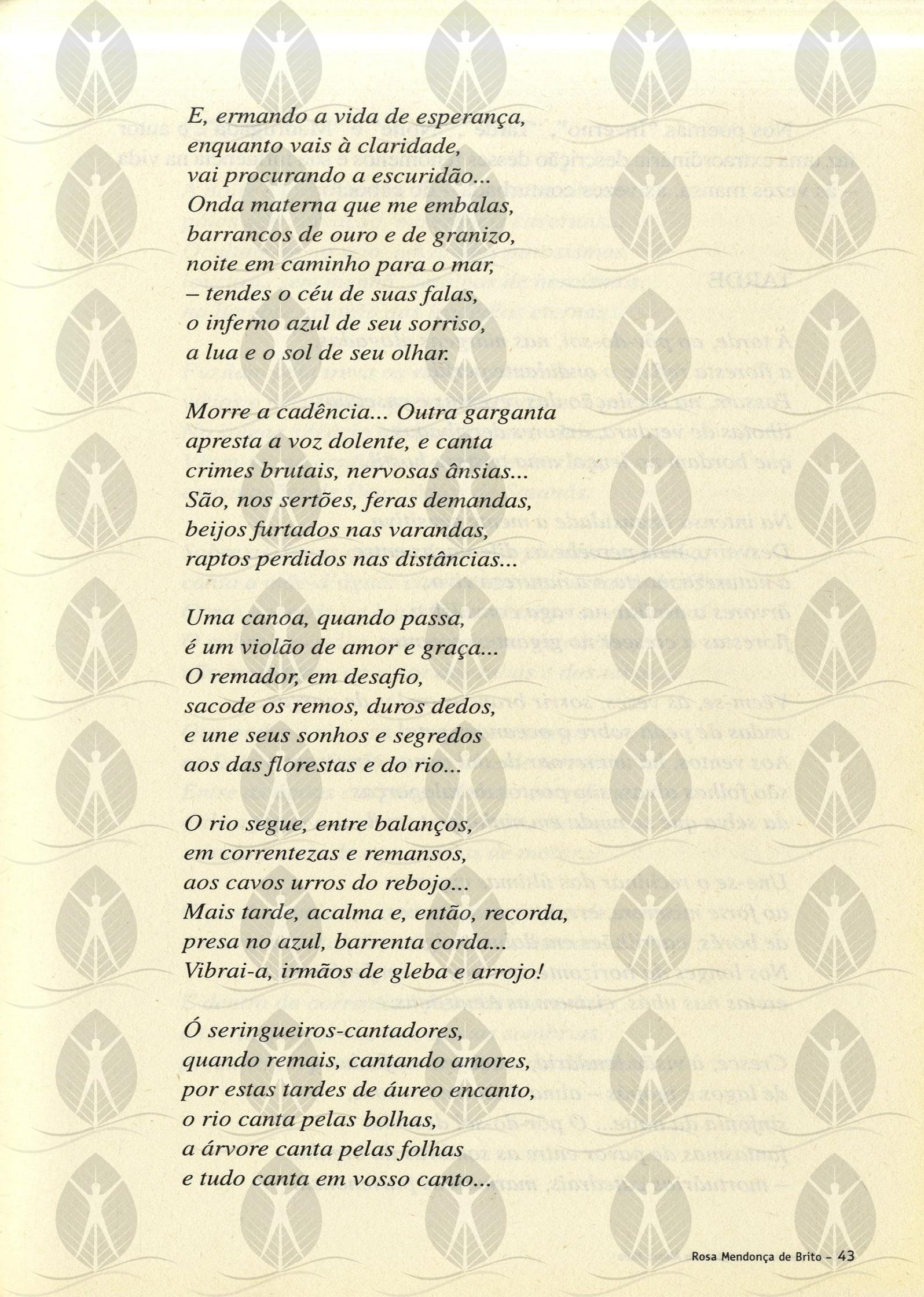
OS REMADORES

*A tarde é linda... A noite desce...
O sol é uma âmbula de prece
sobre a indolência destas águas...
Ao longe, vão doidas canoas:
levam nas popas e nas proas
homens viris chorando mágoas...*

*Os remos na água bordam rendas...
Fulgem, refulgem velhas lendas,
longos terrores que a alma espraia,
– posses cruéis, punhais à vista,
ou pardos botos em conquista
a moças nuas, sobre a praia...*

*Nos ventos fogem cavatinas
de langues frases cristalinas
do remador, como um lamento...
Penso em teu vulto... E, deslumbrado,
ouço no canto o meu passado...
E o canto se ergue, lento e lento...*

*– Ouve estas vozes, em lembrança
de quem passou pela bondade
com o pulso em febre e a alma em vulcão...*



*E, ermando a vida de esperança,
enquanto vais à claridade,
vai procurando a escuridão...
Onda materna que me embalas,
barrancos de ouro e de granizo,
noite em caminho para o mar,
– tendes o céu de suas falas,
o inferno azul de seu sorriso,
a lua e o sol de seu olhar.*

*Morre a cadência... Outra garganta
apresta a voz dolente, e canta
crimes brutais, nervosas ânsias...
São, nos sertões, feras demandas,
beijos furtados nas varandas,
raptos perdidos nas distâncias...*

*Uma canoa, quando passa,
é um violão de amor e graça...
O remador, em desafio,
sacode os remos, duros dedos,
e une seus sonhos e segredos
aos das florestas e do rio...*

*O rio segue, entre balanços,
em correntezas e remansos,
aos cavos urros do rebojo...
Mais tarde, acalma e, então, recorda,
presa no azul, barrenta corda...
Vibrai-a, irmãos de gleba e arrojo!*

*Ó seringueiros-cantadores,
quando remais, cantando amores,
por estas tardes de áureo encanto,
o rio canta pelas bolhas,
a árvore canta pelas folhas
e tudo canta em vosso canto...*

Nos poemas “Inverno”, “Tarde”, “Noite” e “Madrugada”, o autor faz uma extraordinária descrição desses fenômenos e sua influência na vida – às vezes mansa, às vezes conturbada – do caboclo.

TARDE

*À tarde, ao pôr-do-sol, nas margens alagadas,
a floresta reflete o ondulante perfil...*

*Passam, na oscilação das revessas e enseadas,
ilhotas de verdura, árvores derribadas,
que bordam no lençol uma tristeza hostil.*

*Na intensa imensidade a mente sensitiva
Desvaira, mas percebe as diferenças entre
a natureza morta e a natureza viva:
árvores a oscilar na vaga convulsiva,
florestas a crescer no gigantesco ventre.*

*Vêm-se, às vezes, sorrir brancas ondas de garças,
ondas de pena sobre o oceano vegetal...*

*Aos ventos, há um revoar de mil penas esparsas:
são folhas alvas, são pontos de talagarças
da selva que se muda em ninho maternal.*

*Une-se o rechinar das últimas cigarras
ao forte miserere, errante nessas zonas,
de borés, carrilhões em dobres, algazarras...*

*Nos longes do horizonte, aos ventos em fanfarras,
eretas nas ubás, cismam as Amazonas.*

*Cresce, à visão lendária, a música roufenha
de lagos e igapós – alma da terra em sons,
sinfonia da noite... O pôr-do-sol desenha
fantasmas de pavor entre as sombras da brenha,
– mortuárias catedrais, marmóreos partenons...*

NOITE

*A noite é formidanda. Exsurge atros abismos,
pólos sem salvação, miseráveis cavernas...
Ocultam-se no seio, em doidos paroxismos,
loucuras sem manhã, batalhas de heroísmos,
na lúgubre eclosão das tragédias eternas...*

*Fuzilam pela treva os espectros malditos,
vícios e perversões que a amargura nos traz...
No solene silêncio há mandingas e ritos...
Vêm-se, na confusão de vidas e detritos,
consolações de Deus, ódios de Satanás.*

*Sobre as águas que, ao luar, têm platina e vidrilho,
canta a mãe-d'água: canta entre as curvas imbaúbas.
Como horroriza o luar! Como é triste o seu brilho!
O pobre pescador, que segue esse estribilho,
não mais torna ao calor das tabas e das tubas...*

*Que poder e riqueza a torrente carrega
no leito e nos fundões, torcidos de terror...
Entre as águas e a selva, abertas em refrega,
arde a força a sonhar, completamente cega,
usinas, fornos de aço e rodas de motor...*

*Chove! a enchente borbulha em forjas de energia,
– energia brutal, fora do alcance humano...*

*E dentro da corrente, à flor das maresias,
a terra, que foi mar em épocas sombrias,
procura, em pesadelo, o coração do oceano.*

MADRUGADA

*Ainda ao longe, o sol, varrendo os astros limbos,
despede a escuridão da noite que morreu...
Nasce em umbelas de aço, em cachos, em corimbos,
em catléias de incêndio, e ergue raios e nimbos
para coroar de fogo o Vale-Prometeu.*

*Em frente à arena rompe a indomável carreira,
num ríspido tropel de poldros invisíveis...
Mergulhados no vento, em delírio e canseira,
formam pelo ar roldões de nuvens em poeira,
galopam na ascensão dos édens impossíveis...*

*Flameja a solidão numa carícia amarga...
A árvore acena ao sol os vermelhos pendões...
Súbito, no sem-fim dessa planície larga,
rola um surdo rumor de peças em descarga:
é a alvorada que marcha em louros esquadrões...*

*Ao tropel renitente, o mundo se descerra
em coro pastoril, em sinistro retumbo...
No levante há um jardim, que, entre névoas, encerra,
uma orquestra escondida... Ouvindo-a, acorda a terra,
desde o ouro do pau-d'arco ao lodo do nelumbo.*

INVERNO

I

*Vai morrendo a alegria dos estios,
num retintim de pompas e fanfarras:
bandos de pombos em revôos sombrios,
periquitos em loucas algazarras...*

*A água se espelha em volumosos fios,
que a terra escarvam, ferem como garras...
Fogem do espaço os fracos vozerios
das aves, das abelhas, das cigarras...*

*Os rios, como veias rebentadas,
dão o sangue lustral, – a água que escorre –,
às margens, em torrentes e enxurradas...*

*Há vozes pela selva, em canto eterno,
– voz de saudades ao verão que morre,
– voz de exorcismos ao vindouro inverno!*

II

*Em cada folha a chuva se pendura,
em gotas alvas que recolhe o vento:
são prantos soltos do desvairamento,
presos aos cílios da floresta escura...*

*Entre os galhos o zéfiro murmura...
Qualquer árvore é um límpido instrumento...
Como deslumbra essa linguagem pura,
que sonoriza as coisas num momento!*

*Bramem trovões, a orquestração se eleva...
Quantas folhas carrega a ventania,
quanta lágrima chove pela treva...*

*Enquanto ruga o inverno formidando,
a natureza toda é uma elegia,
no atro coro das árvores chorando!*



IDENTIDADES AMAZÔNICAS: O ÍNDIO, O BRANCO, O CABOCLO

A cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situação de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que se acresce às outras, enquanto se torna cultura de contraste: este novo princípio que a submete, a do contraste, determina vários processos. A cultura tende ao mesmo tempo a se acentuar, tornando-se mais visível, e a se simplificar e enrijecer, reduzindo-se a um número menor de traços que se tornam diacríticos.¹²

Da chamada tradição, a construção da identidade étnica extrai os elementos culturais que, sob a aparência de serem idênticos a si mesmos, ocultam o fato essencial de que, fora do todo em que foram criados, seu sentido se alterou. Isto é, extraídos de seu contexto original, eles adquirem significações que transbordam das significações primitivas.

A miscigenação, no caso brasileiro e, em consequência, no caso amazonense, como fruto primeiro de alianças entre portugueses e índios no período que antecedeu a colonização propriamente dita (1500/1549), é

12 Manuela Carneiro da CUNHA. *Atopologia do Brasil* – mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 99.

acrescida mais tarde pela união, fruto da violência, e, a partir de 1755, pela promoção do Estado, recomendando casamentos de brancos com índias. Contudo, o caboclo, como resultado dessa miscigenação, foi quase sempre diminuído e desprezado pelos preconceitos regionais tendentes a ocultar essa identidade. Apesar disso, essa identidade não desapareceu na consciência indígena nem na consciência da população eminentemente regional.

Em Álvaro Maia, as descrições antropológicas referentes ao homem dos beiradões, dos bamburrais e dos seringais, colhidas nos escritos *Buzina dos Paranás*, *Beiradão*, *Gente dos Seringais*, *Banco de Canoa*, *Na Vanguarda da Retaguarda* e *Defumadores e Porongas*, estão circunscritas a um tempo: 1943/1966, e a um espaço: o rio Madeira e seus afluentes.

Embora escritas em momentos diferentes – auge e declínio da borracha –, as obras não diferem muito no seu conteúdo. Assim, o presente estudo não obedece a ordem cronológica, senão uma ordem lógica, com vistas a possibilitar melhor compreensão dos temas tratados.

Como recortes de um mesmo tecido, as obras descrevem o viver e o fazer do homem amazônico – índios, nordestinos, estrangeiros e caboclos –, esteja ele nos beiradões, bamburrais, seringais ou banco de canoa, tendo como cenário a floresta e o rio. Contam a história do seu dia-a-dia, suas aventuras, tragédias e alegrias.

Retratam a vida durante o apogeu e declínio da borracha, quando acontece um forte processo de migração de estrangeiros e do homem do Nordeste, banido pela seca, que vêm para a região em busca do eldorado, na quase sempre frustrada ilusão de fazer fortuna.

Falam dos componentes étnicos, das relações e dos sistemas interétnicos da região.

O índio e o caboclo são as etnias que formam a nossa identidade. O caboclo, como resultado do contato interétnico entre o índio e o branco:

Índio (matriz) + branco (matriz) = caboclo (nova identidade).

Desse encontro, surge um sistema interétnico, ou seja, uma nova cultura, a cultura do contato ou cultura da diáspora, tendo por fundamento a sua identidade étnica.

4.1 O ÍNDIO

A palavra índio foi utilizada para nomear o homem ou grupos humanos que habitavam as terras americanas à época dos descobrimentos. Assim, a categoria índio é uma criação, segundo a Comissão Pró-índio, da nossa sociedade e da nossa cultura e não das sociedades ou culturas indígenas. Estas sempre se pensaram e se definiram como grupos específicos: são ou eram, Manáus, Tikunas, Barés, Passés e não simplesmente índios, que isto lhes foi ensinado no contato com a sociedade nacional. A partir de então, esta categoria foi incorporada pelos grupos tribais como instrumento de definição de sua posição face ao civilizado.

O problema do índio, do seu lugar na sociedade, nasceu com a formação da colônia, permanecendo, ainda, embora de modo diferente, sem solução. Ao longo desse tempo, a imagem ou a pessoa do índio foi exaltada ou diminuída. Para a Comissão Pró-índio,

*os defensores dos índios têm vencido brilhantemente a batalha ideológica; seus inimigos têm vencido a guerra real que se trava na sociedade brasileira contra os grupos indígenas, destruindo sua cultura, despojando-os de seus territórios e mesmo exterminando-os fisicamente.*¹³

Ser índio, definir-se como tal, importa, segundo Brandão, reconhecer sua diferença em relação ao civilizado. Significa, também, e cada vez mais, a descoberta da semelhança que une cada grupo a todos os demais grupos indígenas e os distancia ou separa dos civilizados.

Tribos indígenas, para sua sobrevivência, vivem relações muito estreitas e limitadas com a natureza. Do seu trabalho realizado na natureza – caçando, pescando, coletando, plantando, criando animais –, os índios sobrevivem. As tribos reproduzem a vida física de suas pessoas, a ordem em que se passa essa vida de todos, de cada um; possuem uma maneira própria de constituir-se de geração em geração, e de reproduzir cotidianamente as suas trocas com a natureza, com outros grupos sociais e, dentro delas mesmas, entre suas pessoas, famílias, clãs, aldeias; a tribo cria

¹³ Comissão Pró-índio. *O índio e a cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 12.

regras, princípios, mitos, lendas, crenças, idéias e valores que norteiam a sua existência. As relações dos índios com a natureza criam sistemas de “pensar o mundo e pensar-se no mundo”.

O contato de tribo ou tribos com outra ou outras tribos pode alterar o equilíbrio interno. Uma tribo pode dizimar outra ou submetê-la a um regime de servidão, mas pode também encontrar formas de convivência pacífica em um mesmo território.

O contato de tribo ou tribos com o mundo dos brancos é totalmente distinto. Aí “são dois tipos de sociedades desiguais em suas diferenças, onde uma se relaciona com a outra dentro dos padrões de dominação”.¹⁴ O contato entre índios e brancos provoca alterações sucessivas em todas as dimensões da vida do índio:

- a) ele perde suas terras ou uma parte delas;
- b) ele perde toda ou parte da autonomia de suas relações políticas;
- c) ele perde as condições anteriores de preservação da vida física e social de todos entre todos;
- d) ele perde a sua liberdade e suas características étnicas.

O propósito de todos os colonizadores sempre foi escravizar através do domínio físico, intelectual e político, jamais civilizar, levando, quase sempre, à destruição dos valores da cultura primitiva considerada selvagem e atrasada. O encontro ou contato interétnico entre o índio e o branco colonizador não tinha como finalidade construir e desenvolver um sistema interétnico, mas desconstituir ou aniquilar os grupos e as identidades étnicas existentes.

Ao tratar da questão do índio, Álvaro Maia o faz limitando-se aos Manáus e Parintintins, tendo como palco a selva amazônica, como cenário o rio Negro, o rio Madeira e seus afluentes, as vilas e as aldeias; como personagens, os índios, os brancos colonizadores e o caboclo amazônico.

14 Idem, p. 87.

4.1.1 Os Manáus

Conforme Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendaju (Rio de Janeiro: IBGE, 1981, p. 27), o povo indígena que deu o nome à cidade de Manaus pertence ao grupo lingüístico Aruak e recebia o nome de Manáo. Como não há um entendimento unânime em torno do nome, o presente estudo usará a palavra Manáus em respeito à grafia do autor.

Os índios Manáus comparecem em Álvaro Maia no discurso *Pela Glória de Ajuricaba* (1930), que os exalta:

*Ajuricaba é um vulto singular que projetou uma luz rubra e gloriosa sobre este Mundo Verde, e cuja heroicidade e desprezo pela vida arrancaram exclamações de justiça aos próprios inimigos espan-tados.*¹⁵

Em Ajuricaba, o valor liberdade suplanta o valor vida. Pertencente a um dos grupos étnicos matriciais das identidades amazônicas, o índio, ao perceber a ameaça de destruição ou aniquilamento de seu grupo, ou de seus grupos por parte do branco invasor, rebela-se e, em ato extremo, pre-fere pôr fim à existência a ser aprisionado e desconfigurado em seu Ser. Diante dessa postura ativa e obstinada de Ajuricaba, entende Álvaro Maia que ninguém poderá, com justiça, referir-se às expansões colo-nizadoras do Amazonas sem falar em seu nome.

Ao tratar da conquista do Amazonas e do povo Manáus, Álvaro Maia afirma: “O estuário do Amazonas foi, por mais de cinquenta anos, teatro de tragédias entre flamengos, ingleses, franceses e portugueses”.¹⁶ Na luta por esta conquista, na desvirginação de rios, os colonizadores deparavam-se com traições a cada curva, a cada enseada transposta: tronqueiras se ati-ravam dos barrancos; rebojos afunilados brotavam sob as embarcações; tribos guerreiras, com as surpresas letais, afloravam das matas. O interior amazônico era, assim, um enigma.

Entre os remotos pretendentes à nossa terra, destacam-se, pela per-tinácia, os holandeses, que se fixaram no Xingu antes do estabelecimen-to dos portugueses em Belém.

15 Álvaro MAIA. *Pela Glória de Ajuricaba*. Manaus: IGHA, 1952, p. 4.

16 Idem, p. 7.

Entre portugueses e holandeses, uma diferença fundamental no processo de colonização. Os lusos, diz o autor, violando “as ordens d’el-rei, ‘caçavam escravos’, dessangravam as malocas” trucidando ou escravizando os silvícolas. Os holandeses, seguindo orientação um pouco diversa, praticavam o comércio e, sutilmente, os catequizavam.

Tratando da fundação da Cidade de Manaus, Álvaro Maia ressalta o importante papel dos índios no processo de colonização da “Terra Verde”. Possuidores de grande ousadia,

*obedeciam a um rudimentar masdeísmo, a princípios do bem e do mal: Ormuz, o princípio de bem, tinha o nome de Manara.*¹⁷

De combate em combate com os Barés, Banibas e Passés, estabeleceram-se os Manáus à foz do rio Negro.

Guilherme Valente, soldado luso, fatigado com tanto derramamento de sangue, casou-se com a filha de um dos tuxauas dos Manáus e fundou uma cidade nas proximidades da embocadura do rio Negro, lugar “onde parece que as ondas, ladrando em fúria, tentam invadi-lo e ali dormir na quietude embaladora de um golfo, estrangulado entre Educandos e São Raimundo”,¹⁸ o qual denominaram de Lugar da Barra, recebendo mais tarde o nome de Manaus, futura capital do Estado do Amazonas.

Com os ataques constantes dos portugueses às malocas, os índios começaram a fugir para as profundezas das matas, procurando evitar as perseguições e os escravizamentos. Apesar disso, as aldeias eram atacadas muito freqüentemente:

*Não raro, lugares populosos, entregues ao trabalho e a uma relativa tranqüilidade, despertavam, sem motivo justificado, às agressões dos ‘caça-bugres’, se escapavam aos zagalotes, aos pontaços das durindanas, eram os murubixabas e curumins agrilhoados, repetindo-se amiúde as cenas dos negreiros nas costas da África. À orla da floresta, a carusma, que o vento soprava das ruínas, anunciava mais uma tribo ferida, mais um aldeamento extinto.*¹⁹

17 Idem, p. 13.

18 Idem, p. 14.

19 Idem, p. 12.

Desta situação, originou-se a revolta dos índios contra os brancos. O levante foi liderado por Ajuricaba e visava a preservação de seu povo, ou seja, a preservação dos seus grupos e sistemas étnicos que, num contato interétnico (índios e brancos), se vêem ameaçados pela vontade de dominação dos brancos, em especial, dos portugueses.

O domínio de Ajuricaba na região deu-se, a princípio, na condição de tuxaua da tribo Manáus e, depois, na de “príncipe” das tribos federadas contra os portugueses. Cansados das investidas dos brancos contra a sua liberdade, “no recesso das tabas, os nativos guardavam as armas para represálias fulminadoras aos desbravadores”.²⁰

Daí em diante, surgiu e perdurou por alguns anos uma guerrilha inflexível:

*De um paraná, do furo, de um lago, brotavam, de repente, pirogas cheias de tripulantes desnudos e morenos, que, a tangapenas e flechas, ofereciam luta mortal aos invasores (...) nas águas e em terra, ao longo do rio Negro, onde quer que soldados, colonos e jesuítas se enraizassem em surtos de conquista.*²¹

Agora, a situação mudara e as investidas eram feitas não mais pelos portugueses, mas pelos índios aos aldeamentos portugueses:

...proas de ubás esguias e velozes (...) aproximavam-se com a rapidez do raio, e um bramido gutural, com todas as explosões da cólera retumba pela margem. É Ajuricaba! E um fio de pavor corre pelos adversários; à abordagem em que os manáus transformam os remos em tacapes, entregam as presas e tombam na canoa e no rio com os crânios espatifados. (...) Soldados passeiam despreocupadamente. Súbito, grito horrendo gela a palavra em todas as bocas, e as estacas das cercas cedem às bordoadas dos assaltantes vermelhos. É Ajuricaba! E esse nome formidável espalhou-se pelas tribos, como um trocano reivindicador: refloriu nos lábios da população, aterrorizou religiosos, colonos, soldados, governadores, e chegou à Europa. Disse um cronista português: ‘tudo que se

20 Idem, p. 12.

21 Idem, p. 17.

fazia era por sua ordem e indução. A natureza o tinha dotado com ânimo ardente, intrépido e guerreiro'.²²

Diante da situação e com objetivo de fazer tropas de resgate, João da Maya Gama, governador do Maranhão, envia, em 1723, Manoel Braga ao rio Negro para combater os nativos. Derrotado pelos Manáus, retorna e pede tropa de guerra para enfrentar os índios. Atendido em parte pela coroa, João Maya Gama organiza a expedição. Neste intervalo, o padre José de Souza consegue um armistício com Ajuricaba.

Contudo, segundo a versão oficial dos fatos, contida nas crônicas das autoridades, Ajuricaba, por motivo ignorado, viola o pacto e, na primeira oportunidade, ataca por três vezes as aldeias missionadas, à vista das tropas portuguesas ou perto do arraial. Da quebra do pacto provém a justificativa para o extermínio dos Manáus.

Todavia, segundo se pode verificar em documentos verdadeiros, compendiados por Joaquim Nabuco, a violação não foi praticada pelos índios, mas pelo padre José de Souza ao pedir a prisão de Ajuricaba. Com tal medida, o padre pediu a luta, a guerra, porque o “príncipe” dos Manáus não se deixaria escravizar, não se entregaria jamais.

Com isso, as lutas recomeçaram. Após a obtenção do apoio de teólogos, juristas e a aprovação da corte, Maya Gama arregimenta a expedição de guerra e a entrega ao comando de João Paes do Amaral, que tem Belchior Mendes de Moraes, conhecido de Ajuricaba, como auxiliar. Em 1727, os barcos artilhados, unidos aos do corpo de infantaria, dão início ao combate contra os índios. Ajuricaba, que voltava de mais uma vitória contra os moradores de Carvoeiro, é surpreendido, vencido e aprisionado pelos portugueses:

Acorrentado ao cavername de uma barcaça, o tuxaua ainda traçou um plano de rebelião. Esse plano seria uma luta desigual de ameríndios presos a cadeias contra brancos desimpedidos, com armas à mão. Arriscada, louca tentativa, mas reveladora do indomável anseio libertário! Dado o sinal convencionado, os manáus atiraram-se contra os portugueses, frente a frente, tilintando as algemas nos pulsos; os últimos, com movimentos livres e armas

²² Idem, p. 19.

de fogo, subjugaram os que não tinham movimentos nem armas de qualidade alguma. 'Acutilaram uns, mataram outros', (...) Ajuricaba estava vivo (...). Com o pensamento em Corema, sua noiva morena, e com um último olhar às florestas que ainda guardavam as buzinadas guerreiras, proferiu rápidas palavras em Guarani, e arremessou-se ao rio Negro: as águas (...) receberam o grande amazonense, que nelas procurava heroicamente a sua igaçaba silenciosa, digna de tanta valentia. Os portugueses pararam o barco, prescrutando em vão o inimigo (...) que, pelo cooperativismo do sangue, preferiu o suicídio à escravidão.²³

Em toda a sua vida, Ajuricaba foi um herói entre os índios. Dissolvido nas águas negras de sua pátria, tornou-se um herói perante todos os homens e continua a viver, por muitos anos, na alma de seu povo:

As suas ações o tornam tão grande, como Tupac Amac, o herói peruano, que tudo sacrificou para a aquisição da liberdade de seus irmãos, exceto a honra.²⁴

As sementes plantadas pelo infatigável paladino frutificaram. Apesar de seu desaparecimento, os Manáus persistiram nos levantes. Com isso, forçaram o envio de uma nova expedição militar em 1729, sob o comando de Belchior Mendes. Contudo, a luta continuava. Trinta anos após a morte de Ajuricaba (1757), ainda os Manáus reduziram a cinzas vários aldeamentos, o que levou ao enforcamento os seus principais chefes:

Ajuricaba aspirava ardentemente a liberdade do seu povo: com esse fim, respeitava os que a respeitavam e combatia os que a combatiam. (...) A revolta originou-se da truculência manifestada nos primeiros arremessos dos conquistadores europeus. Daí, a oposição de Ajuricaba. Conductor de Homens, teve-os sob suas ordens, numa sujeição férrea, e a sua lembrança, como um manitó arrebatador, projetou sobre as tribos, por muitos anos, a irradiação patriótica e disciplinadora.²⁵

23 Idem, p. 40.

24 Idem, p. 34.

25 Idem, p. 34-35.

Até agora, diz Álvaro Maia,

vaga e romântica é a nossa gratidão pela raça essencialmente brasileira; restringe-se a poemas, caricaturas e novelas. Quanto a nós, os manáus revivem no suave nome da 'cidade-surpresa', no idioma e no sangue dos habitantes amazonenses do rio Negro. Abrandaram-se, fundiram-se muitos aos brancos, tornando-se a população, dentro em pouco, toda ou quase toda de 'raça mista'.²⁶

4.1.2 – Os Parintintins

A questão dos índios Parintintins figura em praticamente todos os livros de Álvaro Maia, com ênfase, principalmente, em *Defumadores e Porongas*, *Gente dos Seringais* e *Beiradão*.

De acordo com o Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendaju (Rio de Janeiro: IBGE, 1981), o povo Parintintim – Kawahiwa, pertencente ao grupo lingüístico Tupi, habita o rio Madeira e seus afluentes:

A margem direita do Madeira, o Marmelos e o Maici, em seringais e castanhais hoje mais ou menos explorados, eram o palco dos parintintins em permanentes razias, aproveitando os canais de afluentes e igarapés, que se bifurcam e interpenetram. Nos últimos anos do século findo, e ainda neste século, os silvícolas reagiam às incursões, no velho sistema de guerrilhas, atacando um ponto estratégico para desaparecerem logo após em longas distâncias.²⁷ Ainda hoje, quando descobre algum resto de igaçaba ou utensílio indígena, o seringueiro lembra os companheiros vermelhos: o Parintintim morou aqui. Há peixe, caça e saúde. Podemos ficar, plantar nesta terra e beber esta água, sem medo de coisa alguma. O Parintintim viveu aqui...²⁸

26 Idem, p. 38.

27 Álvaro MAIA. *Defumadores e Porongas*. 1966, p. 46.

28 Idem, p. 227.

4.1.3 – A Invasão do Espaço

O encontro entre os índios e os brancos, durante o descobrimento dos seringais e castanhais, deu-se entre tribos em estado de barbárie indomável e outras acessíveis à catequese. Estes encontros envolveram, quase sempre, lutas desiguais entre o rifle e a flecha, o terçado e a borduna. A margem direita do Madeira, entre o igarapé de Três Casas e o Ji-Paraná, foi um dos cenários que compôs o palco das guerrilhas e emboscadas entre seringueiros e Parintintins:

Os barrancos do Barro-Vermelho, à direita do rio, aprumam-se ameaçadores e íngremes, recordando, nas pedras apontadas, os encontros entre civilizados e Parintintins. (...) O barro parece conservar a cor da sangueira derramada, a tiros e flechas com bico de osso.²⁹

As lutas que se desenrolaram nos desertos verdes foram determinadas por invasões e posses de terra, especialmente pelas anexações dos castanhais através de erros nas demarcações onde as linhas cortavam posses, barracas e sepulturas indígenas, o que levaria, mais tarde, ao sacrifício da vida dos proprietários pelas flechadas à traição ou encontros sangrentos. Vingando o desrespeito às malocas, onde viveram seus ancestrais, combateram, mataram e incendiaram e, quando não tinham mais forças para enfrentar os inimigos em lutas desiguais, flecha contra bala de rifle, partiam para os centros e serras.

A ambição pela riqueza das árvores extrativas, dos lagos recobertos de pirarucus e tartarugas marcou a decadência de alguns silvícolas e determinou o extermínio de outros, pelos civilizados:

As escarpas avermelhadas do Madeira constituíam-se em acampamentos provisórios de vanguarda onde os Parintintins se tapeizavam no verão, seduzidos pelos bichos-de-casco e para variar o paladar com os cardumes do rio, cujas águas arregimentam peixes diferentes dos lagos e igarapés escuros e profundos (...). Os Parintintins veraneavam nessas colinas e deixavam uma vanguar-

29 Álvaro MAIA. *Gente dos Seringais*. 1956, p. 204.

*da em permanente vigilância. Corrigiam as vizinhanças e nenhum civilizado se encorajava a encostar nos arrampados, naqueles idos, antes do bloqueio seringalista.*³⁰

Segundo o autor, os agricultores e seringueiros povoavam ilhas e margens onde brancos e Parintintins travaram sangrentos encontros. Os igarapés *Boa-Esperança, Salomão, Boiassu e Paraíso* são elos de comunicação entre o Madeira e as malocas dos centros, por onde moradores e novos cursos d'água interligam a região fértil, coberta de castanhais, sorvais, seringais, repletos de lagos, em cujas margens os índios construía as suas tabas, plantavam roças e aí viviam, por muitos anos, entregues à caça, pesca e agricultura:

Nas terras do Salomão e do Boiassu, mesmo à beira d'água, ainda se encontram lascas de igaçabas e, florestas adentro, o pão de milho, que os índios coziam e enterravam, como reservas de abastecimento. Agricultores descobrem esses cuscuz ameríndios, cobertos por uma capa impermeável, semelhante aos queijos do Nordeste, e resistentes aos anos. Corta-se o envoltório, cor de barro queimado, e lá está o milho, amarelado e cheiroso, como se tivesse saído do forno.

*Pupunheiras, laranjeiras, roças de mandioca e arroz cobrem as capoeiras amatadas dos índios, cujos descendentes bateram para os sertões distantes, a dez dias de viagem, sem comunicação por água corrente, ainda não atingidos pelos civilizados. Restam alguns redutos, que se amansaram, em Três Casas, Paraíso e Maici, dissolvidos dia a dia, pela massa conquistadora.*³¹

Ao exilarem-se para bem longe, deixaram descendentes. Destes, alguns, desempenhando a função de mateiro, descobrem as extraordinárias reservas florestais; outros auxiliam os novos habitantes em suas arrancadas para o domínio do rio.

Apesar do deslocamento do índio para os centros, os produtos extrativos não poderiam ser explorados e se perdiam nas árvores e no chão

30 Idem, p. 223.

31 Idem, p. 223-224.

porque, mesmo aos seringueiros mais destemidos, impunha terror a flecha certa:

*Os seringueiros mudavam-se, não cortavam todas as madeiras das estradas e fugiam, quarenta e quatro a tiracolo, quando surgiam os adversários vermelhos, à traição ou fincando flechas nas estradas, como sinal proibitivo. Daqui não se passa: estas florestas pertencem aos índios!*³²

No trabalho de domesticação dos índios, destaca-se a figura do cearense José Garcia que, pela coragem e generosidade, tornou-se um protetor dos Parintintins. Internou-se por igarapés e afluentes de água preta, meses e meses nas solidões florestais, constituindo-se no terror e no respeito das tabas como uma espécie de pajé branco. Preconizando o conselho altruísta de Rondon, afirmava: *morrer algumas vezes, matar nunca. Conversava com os morubixabas, trocando machado e pano vermelho.*³³

Apesar do trabalho de José Garcia, as feridas permaneciam e, a qualquer transgressão dos acertos tacitamente estabelecidos entre índios e brancos, novas lutas são travadas. Queimam-se barracas e afugentam-se seringueiros ou queimam-se malocas e afugentam-se índios. Para ilustrar tal peleja, Álvaro Maia apresenta alguns casos.

O caso de demarcação do território está expresso em “Razia de Parintintins”:

Um dia, nos centros de Boa-Esperança, vizinho ao Maici, três seringueiros desrespeitaram a proibição. Para o inferno o bugre e suas taquaras!

*Arrancaram as flechas, em pé no meio da estrada, e persistiram no corte das árvores. (...) O mato foi feito para índio, bicho e gente. Palmilharam as estradas, na faina diária. Era esse o maior perigo e o desafio. Amarraram, por precaução, a canoa com a proa virada para baixo, no igarapé abarrentado, para a facilidade da fuga, em caso de ataque.*³⁴

32 Idem, p. 184.

33 Idem, p. 201.

34 Idem, p. 184.

Tal atitude custou-lhes a vida mais tarde. Dos três, dois trabalhavam nas colocações das terras firmes; o outro, José Penha, na estrada mais perigosa, marginal ao igarapé, era o último a chegar ao defumador, por isso, sentia ao longe o cheiro dos caroços queimados e do leite em defumação. Um dia, no entanto, ao aproximar-se do defumador, não sentiu o cheiro denunciador dos ouricuris queimados e, do aceiro da mata, não viu fumaça. Aproximou-se do defumador com cautela e bala na agulha, pronto para atirar – *matar nunca é para o general Rondon (...). Se o bugre mostrar o lombo vermelho, bala nele.* À beira do capinzal, vislumbra um companheiro todo flechado, o sangue a escorrer dos ferimentos. Deu mais alguns passos em direção à estrada do varadouro, rastejou e deparou com o outro companheiro debruçado na canoa, morto a flechas e terçado.

Dominando a emoção, frio e corajoso, defumou o leite dos companheiros, arrumou os cadáveres na montaria, rumando depois, igarapé abaixo, para *Boa-Esperança*, às margens do Madeira. Semanas depois, como revide, a distante maloca era reduzida a cinzas.

A resposta a tal agressão não seria imediata, que não era essa a tática dos Parintintins: eles nunca contra-atacavam as mesmas posições e nem imediatamente, mas anos depois, quando tudo parecia estar esquecido. Por isso, José Garcia avisou os moradores dos seringais vizinhos a *Boa-Esperança* para estarem atentos às surpresas, pois os índios iriam fatalmente responder ao incêndio das malocas e à morte de seus irmãos.

Em Maici, próximo à foz do Machado, o proprietário mandou alargar o campo, escalou sentinelas indígenas e partiu para o alto Madeira a negócios. Ficou o barracão entregue à dona Santa, sua esposa, o trabalho de contabilidade, a Júlio Silva e a defesa, a Nuno, índio manso.

Um dia, Nuno percebeu e avisou à patroa a existência de vestígios dos selvagens.

Meio-dia. Sol de rachar (...). Súbito, latidos sucessivos dos cachorros de caça. Vozerio na orla da mata, vozerio à boca do varadouro, aproximando-se do barracão. Dois homens apenas em Maici, o seringal visado, que iria pagar o incêndio da maloca em Boa-Esperança, anos atrás. Dois homens apenas, Júlio Silva e Nuno – o guarda-livros e o vigia. (...) Invadido o escritório, esfumaçando no fogo ateado pelos invasores, cabia a vez do barracão, para

onde correram em berros de vingança. (...) Dois índios robustos tentaram raptar o menino, (...) dona Santa, vibrando um cacete, defendeu-o contra os agressores, pelo lado de fora, até o instante, em que recebeu mortal flechada no peito. Conseguiu arremessar a criança para dentro da casa, pela porta ainda aberta, que, nesse instante fora fechada por mãos misteriosas. Ferida, em soluços de imploração a Deus, a mulher caiu na escada, esvaindo-se em sangue, enquanto a indiada desaparecia na mata. Nuno arrombou a porta, colocou-se na sala principal, junto ao menino, pegou um rifle e, cortando atalhos, surpreendeu e matou vários atacantes. Júlio Silva, horas depois, ainda se ocultava, imerso no escavado da privada, aberta no chão, entre fezes e tapurus.³⁵

Outro exemplo desses ataques e revides é descrito em *O Marinha do Barro-Vermelho*. Uma flechada no mariscador Felipe é a causa da correria de Parintintins em *Boiassu*.

Com os olhos presos à superfície do rio, em busca de algum casco, quando uma das pernas fora varada por uma taquara, jogou-se às águas e conseguiu arrastar a canoa do remanso para a correnteza. As flechas choviam sobre a tolda onde se encontravam a mulher e o filho. Arrastando-se pelos porões da canoa, Maria entregou o rifle a Felipe, que mesmo dentro d'água e em condições difíceis, despejou balas nos Parintintins que se aproximavam; dois ou três desapareceram na correnteza, os demais regressaram aos barrancos, onde os companheiros, pulando, emitiam berros guturais. Felipe salvou a si e aos seus e com dificuldades chegou a *Boiassu*. Contado o sucedido, planejou-se a vingança.

Esta aconteceria no verão quando os índios acampavam em *Barro-Vermelho*, atraídos pelas piracemas, tracaajás e ovos. Os seringueiros aprontaram os rifles e entrincheiraram-se nas escarpas do *Barro-Vermelho*. Sairiam caras as flechadas em Felipe. Os seringueiros esperaram vários dias – havia sinais de Parintintins –, pois, desconfiados, não desciam às beiradas:

35 Idem, p. 187-188.

Certa manhã, olhando para os lados, um grupo de índios desceu a ribanceira. Não vacilaram os seringueiros. Dez corpos tombaram na fuzilaria, outros rebolavam, feridos no areial, deitando sangue. Receosos, com poucas balas, os atacantes correram para a igarité, abandonando o campo da luta. Amarraram três feridos, para que o pessoal visse aqueles diabos ainda vivos. Rumaram para o largo. Voltaram bem armados, no dia seguinte, bem cedo. Os cadáveres e feridos haviam desaparecido. No mesmo lugar, exatamente onde caíram os índios, flechas estavam fincadas, em sinal de guerra...³⁶

Os três Parintintins aprisionados foram levados à presença do dono de *Boiassu*. Renato fitou os índios, entre eles um curumim de cinco ou seis anos e mandou que os levasse para o quarto do paiol com panos e arnica. Renato cuidou dos feridos durante dias, alimentou-os, vestiu-os. Queria experimentar a resistência e a reação dos bugres. Passados três meses e já curados, Renato mandou-os regressar às suas tabas; mandaria deixá-los no *Barro-Vermelho*, de onde partiriam sem perseguições à procura dos seus parentes:

O índio mais velho sacudiu a cabeça em negativa formal. Queria permanecer ali, trabalhando como os demais. Pertencia a Renato, que o curara e salvara. E ficou, integrado ao seringal, como uma canoa ou um motor. A família indígena, – Manoel, Ana e Nuno – servia em tudo, no roçado, na limpeza, na caça e pesca. Outros filhos de Renato nasceram no seringal e, quando veio Altino, a índia foi a sua mãe de leite.³⁷

Sem represália ao acontecido, resolveram abrir novas estradas no *Barro-Vermelho*, tendo Manoel como mateiro. Era uma temeridade, mas Manoel não recusou. Abertos os caminhos, os seringueiros, por precaução, foram morar na margem oposta; cortavam e defumavam e, à tarde, seguiam para suas barracas. Certa manhã, os seringueiros encontraram os defumadores revolvidos e flechas cravadas nas palhas. Renato consultou Manoel para que este se tornasse o marinha das novas estradas.

36 Idem, p. 205.

37 Idem, p. 206.

Marinha não corta, seu papel é vigiar, atravessar as veredas, caminhar pelo mato a fim de verificar os rastros e os sinais dos índios e avisar os seringueiros.

Manoel não esquecera que o Parintintim, por não perdoar os companheiros que se evadem da tribo, procura-os para a vingança. Com o rifle nos ombros, atravessava as matas quase invisivelmente; queria salvar os seringueiros sem ferir os seus irmãos de sangue. Passaram-se meses e a tranqüilidade reinava no *Barro-Vermelho*, os seringueiros abriram clareiras para os roçados. Manoel, no entanto, não ignorava que um dia os índios voltariam e que sua vida estava ameaçada.

Devido a calmaria, Manoel foi mandado a realizar outros trabalhos que envolviam longas viagens a centros desconhecidos. No regresso de uma verificação no alto Maici, Manoel deparou-se com pisadas frescas de índios, água toldada nos bamburrais e comunicou ao patrão, que não levou muito a sério o aviso. Algum tempo depois, Manoel partiu em visita ao seringal vizinho. Renato, sem aviso, embrenhou-se, acompanhado por mateiros, para os centros do Maici, a fim de descobrir palhais para a invernada.

Ao regressar e ser informado da incursão, desconfiado da agressão, Manoel partiu para o Maici, encurtando as distâncias pelo mato. No trajeto, vislumbrou ao longe os silvícolas, fortes e moços, estacando de quando em quando, ouvidos atentos às distâncias. Tinir de terçados ressoou na mata. O mais robusto, sem falar, apontou rumo à direita. O marinha tomou a mesma direção, esforçando-se para tomar a dianteira aos Parintintins. Adiante, desuniram os amarrados das flechas e encurvaram os arcos. Diante da ameaça, Manoel soltou um grito de alerta, ao mesmo tempo selvagem e civilizado, e pulou na clareira da floresta. Retumbaram tiros de rifle e os índios abalaram em corrida alucinada. Renato e os mateiros aproximaram-se de Manoel, que estava ferido. Queriam ir atrás dos índios, mas Manoel disse ao patrão que a perseguição será inútil, porque os índios já vão longe e é melhor que não sejam atacados. Conseguiram o seu intento e não voltaram mais, porque sabiam que o tinham ferido com flechas envenenadas. Renato arranjou uma padiola com a sua blusa e as dos mateiros e emergiu na selva sem uma palavra. Pela manhã, Manoel era cadáver.

Em *Eutanásia Ameríndia*, Álvaro Maia descreve as lutas e retirada dos Parintintins para as entranhas da floresta, e da prática de eutanásia coletiva pela impossibilidade de maior resistência em função do uso desigual de armas, evitando, com isso, o aprisionamento pelos brancos.

Em uma das retiradas, para evitar o aniquilamento da tribo, o tuxaua ordena que Iupan e Mangatuí, responsáveis pela condução das crianças e grávidas, velhos e doentes que não andam velozmente, cuidem da retaguarda, caminhando fora dos varadouros para evitar armadilhas. Nestes deveriam ficar, apenas, os rastros dos guerreiros para despistar os perseguidores.

Dias seguidos de verão e matas sem igarapés, sem frutas, sem caça e sem pesca, nem leite nas mães, esgotaram os retirantes. A caminhada para o local de agrupamento e fundação de nova maloca foi interrompida. Mulheres e crianças tropeçavam nos buracos, à fadiga e à fome:

As velhas assentaram-se no chão, palpando as pernas inchadas de carrapatos e mucuins; as de promessa desbarrigavam-se sobre folhas de sororoca, morrendo após os filhos mortos, em crise de eclampsia e hemorragia. (...) Ante o irremediável, na solidão sem respostas, consultaram-se os mais velhos e decidiram, – ou a espera da morte, como nas malocas, sem direito, entretanto, a entaniçamento, igaçaba e sepultura, ou a matança dos curumins e dos inutilizados. Salvar-se-iam poucos: era a eutanásia selvagem, evitando o assassinio, a prisão pelo inimigo e o sofrimento sem remédios. Resolveu-se, com aprovação unânime, o sacrifício supremo. Encontraram uma buraqueira, entre lanhos de terras: despediram-se e maconharam crianças e velhos; furaram-lhes o coração com estrepes agudos de maçaranduba.³⁸

Os seis homens sobreviventes continuariam a viagem para relatar ao tuxaua e ao pajé o ocorrido. Iupan e Mangatuí, trôpegos e desvairados pelas cenas de imolação, já não caminhavam com rapidez, e os inimigos ganhavam tempo para cercá-los e prendê-los. Pouparam apenas os três mais robustos para servirem de guias sob esbordoamentos constantes. Vagaram por muitos dias pelos cerrados e, sem provisões, regressaram a *Caiari*.

38 Idem, p. 225.

Os aprisionados não tentaram voltar aos altos rios, para onde seguiram seus irmãos: ignoram se os encontrariam, se perdoariam, se aceitariam a explicação de tantas mortes. Os maridos protestariam, com razão, pelas mulheres e filhos perdidos. Impassíveis, Iupan e Mangatuí não soltam uma lágrima. (...) olham as mesmas castanheiras que embalaram os índios, em suas passagens para o Caiari. O lago, onde pescavam, mantém o primitivismo daqueles dias: cardumes de jutuaranas, com a rapidez das flechas prateadas, tucunarés e piranhas coloridas, (...) patos e marrecos, papagaios e araras cruzam os ares, (...). Se os Parintintins regressassem, encontrariam os velhos torrões estratégicos em mãos de agricultores brancos, cujas mentalidades se transformaram.³⁹

Um outro exemplo dessas lutas é encontrado em *A Taba de Diaí*. Descrevendo um ataque às cabeceiras do igarapé de Três Casas, onde os índios incendiaram barracas, afugentando os seringueiros. Em revide, os seringueiros se arregimentaram e, após seis dias de viagem, conduzidos pelos mateiros, cercaram a maloca e atacaram os selvagens que, ao chegarem do banho, aglomeravam-se no terreiro em frente ao barracão do tuxaua:

As balas choveram, sem reação. Morreram e fugiram homens e mulheres; crianças foram espetadas nas pontas dos facões. Eram feras de menos para mais tarde. Queimadas as casas, só ficou cinza no terreiro. Voltaram os expedicionários ao Madeira, satisfeitos com as incursões, que ativavam mais ódio e mais vinganças, em ataques de surpresa num e noutro seringal. Quando menos se esperava, um seringueiro tombava varado na estrada, ou caía em alçapão disfarçado, em pontões de paracuuba.⁴⁰

Sob espionagens cautelosas, dois dias depois, Diaí tocou a buzina; os vivos foram chegando um a um, alguns estavam feridos. Juntou os cadáveres e cavou sepulturas; não havia igaçabas, nem esquifes bastantes para tantos mortos. Arrumaram os paneiros de farinha torrada, derrubaram

39 Idem, p. 227.

40 Idem, p. 201.

as fruteiras e os manivais, torraram os últimos beijos com a lenha das ubás, e o restante da tribo, sob o comando do tuxaua, encaminhou-se para o alto *Marmelos*, procurando lugar seguro longe dos brancos trucidadores de crianças. Nos firmes dos *Marmelos*, sem vereda para trás, nem civilização pela frente, estabeleceram-se os índios: levantaram as novas casas, abriram os roçados, fizeram a queima e o plantio das manivas e das sementes, mas a situação se complicava:

Um índio ia caçar e não voltava mais; ouvia assobios e se perdia para sempre. (...) Na primeira caçada o caçador vai na frente. Dois vigias seguem no rastro. Algum bicho deve ser. Cumpriam-se as determinações do tuxaua. Ouviam-se assobios misteriosos, não havia outro caçador no mato. Novo assobio agudo e um salto entre as frecheiras, numa abertura entre paus grossos. O caçador vibrou o taquara, que acertou no bicho, mas não matou. Os dois vigias também flecharam e acabaram de matar a onça a cacetadas. Outros assobios soaram na mata. Eram novas pintadas.⁴¹

Diante das ocorrências, Diaí sentenciou: ninguém pode viver aqui, estas onças vivem em bandos e não podemos com elas. Ninguém deve sair de casa. Arrumem tudo e vamos para outro lugar.

Percorreram lagos e rios, como judeus errantes. Parintintins perseguidos por febres, onças-vermelhas e balas de brancos. E, enfim, se acoitaram em Igarapé-Assu, a cinco horas de Paraíso. O coronel Lelis concordou, desde que vivessem em paz com os seringueiros. Lá ficaram por anos, desconfiados. Vendiam tartarugas, peles de bor-racha, paneiros de farinha. Os índios se amansaram.⁴²

4.2 – O BRANCO

Branco, na obra de Álvaro Maia, são todos os homens que não são índios, negros, nem caboclos. Entre os brancos que contribuíram para o

41 Idem, p. 201-202.

42 Idem, p. 202.

desenvolvimento do Amazonas e a formação de uma de suas identidades étnicas – o caboclo – estão os portugueses, holandeses, franceses, ingleses, libaneses, espanhóis, italianos e os sírios, entre os estrangeiros; figurando entre os brasileiros, com papel preponderante, o nordestino.

4.2.1 – Povoamento e Exploração

A chegada do homem branco na região amazônica, especificamente no Estado do Amazonas, é registrada por Álvaro Maia, fundamentalmente, em *Banco de Canoa*, tendo como suporte os escritos do norte-americano Neville Craig (1878). Os escritos falam do sacrifício de homens afeitos à coragem, de naufrágios dramáticos entre o Brasil e os Estados Unidos, da penetração até Santo Antônio, dos esforços contra as distâncias, os selvagens, as pragas, a malária.

Lendo Neville, Álvaro Maia relata que a partir de 1541, quando Orellana fez a sua famosa subida pelo Amazonas em busca do El-Dorado, passaram-se mais de duzentos anos para que se percebesse as vantagens da comunicação entre a Bolívia e o Atlântico pelos rios Madeira e Mamoré. Do que se sabe, em 1716 houve uma expedição que subiu o Madeira inferior. Uma outra em 1719, quando o capitão-mor do Pará morreu vitimado pela queda de um cedro no rio Madeira. Nesse tempo, os portugueses já cuidavam de ampliar seus aldeamentos pelos principais rios do médio Amazonas. Em 1723, o governo do Pará enviou Francisco de Melo Palheta para fazer um reconhecimento ao Madeira, a fim de ser informado sobre a região e a nacionalidade dos povoadores. Essa expedição saiu do Pará em direção à Bolívia por via do Amazonas. Em 1734, com a descoberta das minas de Mato Grosso, houve um grande afluxo de aventureiros brancos, especialmente de portugueses. Em 1742, uma nova expedição, comandada por Manoel Félix de Lima, saiu do Pará e percorreu vários caminhos, retornando pelo Madeira e Amazonas. Em 1749, José Gonçalves da Fonseca, partindo de Belém, subiu o Amazonas, o Mamoré e o Guaporé até atingir as minas de Mato Grosso.

Em 1851, os americanos, por intermédio dos tenentes Herndon e Gibbson e por ordem do ministro da Marinha norte-americana, exploraram por terra os principais cursos fluviais que ligam o Brasil ao litoral. O tenente Gibbson venceu as cabeceiras, os rios, até Belém, num percurso

de 3.600 quilômetros, e recomendou a construção de uma rodovia entre Santo Antônio e Guajará-Mirim.

Em 1867, após a decisão de construir uma estrada ligando o Brasil à Bolívia, via Madeira–Mamoré, uma delegação boliviana foi ao México à procura de um engenheiro para a execução da obra. O coronel Church aceita o encargo. Estavam envolvidos nesta empreitada o Brasil (D. Pedro II), a Bolívia (Morales), e os Estados Unidos (Grant). Georg Church enfrentou, na tentativa de realizar o trabalho, várias barreiras: naufrágios de seus navios, ataques dos índios, retraimento de capitais, processos nos tribunais ingleses e, por fim, o paludismo que lhe devorou acampamentos, engenheiros e operários. Com tudo isso, as forças se esgotaram e não pôde continuar o gigantesco empreendimento. O projeto não foi abandonado porque D. Pedro II considerava a rodovia a *chave do coração da América do Sul*. Sua abertura, todavia, caberia à República, muitos anos depois, em consequência das lutas do Acre e do Tratado de Petrópolis.

Em 1877, o coronel Church ao avistar-se com o presidente Grant, em Washington, enfatiza a necessidade de um levantamento do baixo Amazonas e do rio Madeira. Reconhecendo tal necessidade, o presidente ordenou que

*o vapor Enterprise, sob o comando do capitão Thomaz Selfridge, partisse imediatamente para elaborar a carta dos rios Madeira e Amazonas, desde Santo Antônio até o mar.*⁴³

Nessa viagem, e já em 1878, o vapor *Enterprise* aportou no seringal *Paraíso*, próximo a Humaitá, permanecendo por quatro dias.

Imigrantes de todos os matizes, que aqui aportaram visando à conquista do Amazonas, estabeleceram-se nos beiradões (margens dos rios principais), onde se encontravam grandes seringais, castanhais e rios navegáveis o ano inteiro. O desbravamento dos afluentes do Madeira e do beiradão constituiu uma silenciosa vitória do brasileiro anônimo, sem apoio oficial, norteado apenas pela vontade férrea e o espírito de conquista.

43 Idem, *Banco de Canoa*. P. 17.

O remo, a vela e o motor impulsionaram a marcha para o interior amazonense, em capítulos lentos, do oceano às fronteiras, durante os vários anos de penetração extrativista. Foi uma conquista pelas águas, remando ou com os velames ao vento, (...) a voga nas correntezas, a sirga ao longo das praias ou nos tombos violentos.⁴⁴

Aos primeiros regimentos masculinos, esfarrapados e famintos, sucederam-se famílias organizadas que traziam intuítos de fixar-se para sempre às margens dos rios, em especial nos seringais do Madeira, praticando o extrativismo ou agricultura ligeira, porque habitar os rios Jamari, Machado, Jaci-Paraná era praticamente habitar o cemitério, em decorrência da proliferação do beribéri, paludismo e do ataque dos índios. Nem mesmo os jesuítas conseguiram permanecer na missão de Santo Antônio, fundada em 1737. Foram expulsos ou enterrados pelas febres.

As margens barrentas do Madeira e seus afluentes foram palco das primeiras investidas. Os brabos chegaram às ribanceiras íngremes, dormindo em taperas cobertas de ouricuri com o céu luzindo através de suas talas e uma louca sinfonia de vorazes carapanãs. Com a fadiga das seringueiras, exploradas durante anos e anos, alguns proprietários aventureiros transpuseram as cabeceiras daqueles rios, descobrindo seringais fartos que se sucediam nas lombadas das terras firmes e se enfileiravam nas serras. Tangidas por vontade de ferro, as expedições se apossavam de terras férteis e abriam varadouros para transpor as cachoeiras encravadas nas profundezas do deserto verde. Não levavam bússola nem cartas geográficas e nem contratavam engenheiros.

Partiam nos rumos das águas e terras, das praias e pedras, das estrelas e do sol. Eram os sertanistas do ignoto. Despediam-se das companheiras de luta, mulheres admiráveis, que defendiam o comércio na retaguarda, enquanto os chefes, terçado à mão, abriam caminhos, unindo braços de igarapés aos rios maiores, na conquista invencível da floresta. (...) Partiam para o desconhecido sem certeza do regresso em batelão a vogas ou remo comum, sem o mínimo conforto e segurança.⁴⁵

44 Álvaro MAIA, *Defumadores e Porongas*. P. 30.

45 Idem, *Gente dos Seringais*. P. 113.

Previdentes, os exploradores escolhiam quase sempre uma enseada no Madeira a fim de erguer o barracão para a família, um telheiro para escritório, armazém e depósito de produtos, e um porto seguro para as embarcações. O lugar se transformava na trincheira da ação, no quartel-general do comércio, o reduto dos que penetravam os novos rios, sujeitos à agressividade dos índios bravos.

Como não havia autoridade nos povoados, distantes léguas e léguas um do outro, o patrão representava e concentrava o conselho, o amparo, a repressão. Era chefe, juiz, sacerdote, irmão de sofrimentos e alegrias, nos isolamentos das brenhas. No início das explorações, não existia quase nenhuma sociabilidade. Muitos seringueiros trabalhavam solitariamente, acompanhados por um cão, calados, durante meses, porque não tinham a quem dirigir uma só palavra.

Os sertanistas, que não raro eram também descobridores, diferiam dos antigos descobridores porque se estabeleciam, firmavam-se ao solo, abriam os caminhos e os descampados para as barracas, demarcavam e exploravam as posses que eram transformadas, mais tarde, em títulos definitivos. Foram sertanistas audazes que souberam resistir e morrer no posto de comando, venceram cachoeiras e foram erguer as taperas nos grandes seringais do alto, nos quais entravam no começo das safras, de inverno a inverno. Curtiram febres, domaram isolamento e desbravaram as entranhas da floresta.

Mateiros, geógrafos, aventureiros, foram os heróis nômades dessas explorações, percorrendo a selva por dias e meses, meses e anos em meio aos chavascas espinhentos e muitas vezes intransponíveis. Enfrentando com esforço e sacrifício o desconhecido, revelavam os rios para os mundos conhecidos. Sem esses homens, não teríamos a posse dos seringais milionários dos altos rios. Seus nomes vivem em todas as bocas, seus descendentes continuam as explorações ou exercem atividades em algum lugar no país. Complementando essa arrancada, vieram os rondonistas das comissões telegráficas e de estradas. Assim, o branco atinge os altos sertões, onde dantes somente uivavam onças e malocavam índios bravos.

Palco de muitas lutas no período da conquista, os beiradões, que inscreveram com sangue muitas páginas de sacrifício e heroísmo, transformaram-se com a presença da mulher,

...em caráter duradouro, ao lado do seringueiro, derramando do coração, como de concha magnética, sopros de bondade e tolerância. Ensinou a rezar, criou os filhos. Nas barracas e nas roças, nas estradas e nas viagens, implantou métodos novos, difíceis nas duras investidas, mas limpos e suaves na implantação da disciplina. [...] também com a ação cristã dos sacerdotes.⁴⁶

Sucederam-se outras gerações, outros comerciantes surgiram pelos caminhos abertos por aqueles bandeirantes que também plasmaram a sociedade do Madeira e seus troncos familiares.

Nesse processo de ocupação do Madeira e de seus afluentes, alguns pioneiros exploradores, pela ambição desmedida no domínio das terras e de seus habitantes naturais, iniciaram um processo de exploração e escravização dos nativos que desencadeou um corte nas relações amistosas entre brancos e índios, fazendo surgir, a partir de então, sangrentas lutas empreendidas ora pelos índios, ora pelos brancos. As várias culturas que ali aportam fazem surgir os seringais e, com eles, as lutas armadas entre os brancos invasores e os silvícolas que, ao serem atacados barbaramente, perceberam a ameaça à sua liberdade e à sua vida, e resolveram reagir, matando e morrendo ou desaparecendo, em compactos bandos, nos altos rios de difícil penetração para refazerem ali as suas malocas, reiniciarem as atividades agrícolas e espionarem os inimigos brancos através de artimanhas, visando empreitadas de vingança. Nesse longo embate com armas desiguais, derramou-se muito sangue e perderam-se muitas vidas.

4.2.2 – Figuras Marcantes do Processo de Ocupação

Na empreitada conquistadora, não eram apenas os bravos sertanejos que deixavam – sem saber se voltariam ou ficariam para sempre nos beiradões ou bamburrais – seus alpendres e algodoais em busca de aventura. Chegavam, também, como sentinelas ou vanguardeiros dessas terras, disfarçados nas armaduras das profissões liberais, intelectuais, jornalistas, poetas, escritores, médicos, advogados, guarda-livros e professores. Entre muitos, alguns deles mereceram destaque especial na

46 Idem, *Beiradão*. P. 23-24.

obra de Álvaro Maia: Manoel Lobo, José Garcia, Curt Nimuendaju, Fábio Moura, Segadais, Martins Álvares Afonso, Antônio Francisco Monteiro, Barão Pereira Gonçalves, Dom Ramon, Nunes Pereira, Raimundo Monteiro, Ferreira de Castro, Aníbal Teófilo, Solferino Araújo, os padres Pena, Felício, Vernon e Silvestre e os doutores Gusmão e Valério, entre outros.

A importância dessas personagens na conquista do Amazonas, em especial do rio Madeira e seus afluentes, pode ser percebida através dos relatos que Álvaro Maia faz de suas vidas, no contexto da obra.

José Garcia

Na domesticação dos aborígenes, o cearense José Garcia internou-se na selva por 30 anos. Esforçava-se para domesticar os Parintintins nas cabeceiras do Maici e nos firmes que se estendem para o Marmelos. Nesta busca, trocavam-se balas e flechas, expedicionários e índios tombavam. Os índios não perdoaram o assassinato de alguns companheiros e de um tuxaua num combate no Maici-Grande. Juraram extermínio total dos brancos, o que levou a uma sangueira e ódio de parte a parte.

Decidido a não desistir, Garcia conseguiu atingir a primeira maloca. Ao se aproximar, observou, sem ser visto, a movimentação dos índios. Construiu com rapidez uma paliçada bem próximo da maloca e perto do rio, a fim de que os índios a descobrissem. Estudou e elaborou um plano de catequese sem ataque; sabia que os índios, ao descobrirem a paliçada, viriam derrubá-la. Por isso mesmo, cercou o tapiri com fortes paredes de paxiúba em linha dupla; por baixo da cobertura de palha colocou caibros formando um assoalho bem unido para evitar a penetração das flechas; armazenou caças salgadas e, racionando as mercadorias, lá ficou.

As redondezas eram vigiadas, e pela madrugada dirigia-se às proximidades da maloca para observar e deixar propositadamente vestígios de sua presença. Suas ordens, bem claras, eram para não atacar e nem contra-atacar, não reagir a tiros, mas fugir em direção às paliçadas. A esse tempo, já imperava a ordem de Cândido Rondon: *morrer algumas vezes, matar nunca!* Em caso supremo, dariam salvas para o ar a fim de espantar os silvícolas. Garcia levava, além de presentes comuns para os índios, fazenda, pentes, terçados, espelhos, foguetes e uma vitrola.

Não demorou para que a descoberta fosse feita. Dois dias depois, em frente à barraca, uma ubá comprida, vermelha de índios armados e com olhares ferozes apontava; índios gesticulando e retesando os arcos. Não flecharam; voltaram pela manhã e iniciaram o ataque. Partindo de várias direções, centenas de flechas cravaram-se nas paxiúbas, na cerca, na cobertura. Como não penetrassem no interior da barraca, os índios emitiam berros guturais, insultando e desafiando; davam pulos de ginastas e gargalhadas prenunciadoras da vitória.

Pelas frestas, Garcia os observava. Aproveitando uma trégua, mandou pipocar alguns foguetes e bombas. Os atacantes calaram-se, imergindo na mata. Novos foguetes e novas bombas, e os índios retiraram-se, levando ainda algumas flechas. Sabendo que eles voltariam, no lugar onde haviam acampado foram colocados brindes e as varas dos foguetes; recolheram-se as flechas para que não fossem mais utilizadas.

A calma reinou por três dias, tempo necessário à renovação da munição; espias vieram à noite. Garcia mandou apagar a luz e tocar a vitrola com música e falas; o som intrigava e excitava os selvagens, sempre pacientes para outros serviços, menos para a guerra. Voltaram em grupo mais numeroso. Não flecharam. Examinaram os presentes e afastaram-se sem atacar. Garcia soltou foguetes de menor estampido: novas correrias, sem fuga. Ao longe, os selvagens observavam o efeito dos fogos, da fumaça, da queda das varetas.

No dia seguinte, voltaram pacíficos, trazendo bananas e peixe moqueado; sentaram-se no terreiro, sempre com as armas à mão e ouviram a vitrola. Os expedicionários ensaiavam passos de dança, cantavam e ofereciam pequenos goles de cachaça. Depois de vinte dias, nova troca de presentes, e Garcia, a convite, foi visitar a maloca. Convidou o tuxaua para uma viagem à margem do Madeira. Nessa ocasião, abraçaram-se, e o tuxaua, como prova de amizade e cumprimento da palavra de pacificação, entregou Narcisa, sua filha, como presente:

Deixou, assim, uma filha que uniu duas raças – o cearense e o índio, o sertão e a selva, o Nordeste e o Norte. Amamentou o menino mais velho, em seios selvagens, que traziam o sangue forte da solidão. Concentrava-se, numa gota de leite, o mistério amazônico.⁴⁷

47 Idem, *Beiradão*. P. 206.

Para Álvaro Maia, outras Narcisas floresceram às margens do grande rio em épocas inseguras de balas de rifles, dando exemplos seguidos de afeição. Deixavam de existir para si mesmas, existindo para os outros, em puro altruísmo cristão.

A catequese exigia predicados de paciência. Em algumas das primeiras investidas, os índios atiravam ao chão os brindes de Garcia e ameaçavam com os arcos em riste; aos berros e pulos, zombavam de rifles – uma arma contra dezenas de flechas. Em um desses encontros, José Garcia colocou duas folhas de zinco e mandou flechar. Voaram dezenas e os bicos se quebravam. Garcia pegou o rifle e detonou três tiros, três buracos surgiram e convenceram. Assim, pacientemente, José Garcia tornou-se um dos maiores amansadores de índios daquelas bandas.

Manoel Lobo

Projetou-se no bandeirantismo pela pacificação de índios e desbravamento da terra. Ao viajar pela Europa, ao lado de Aníbal Teófilo, regressou com maior amor ao berço de esperança e desesperança. De mãos dadas com José Garcia, chefou algumas expedições pacifistas e viu realizadas, em parte, as suas aspirações, na redenção dos aborígenes. Sob sua proteção, famílias inteiras de índios *achegaram-se a Três Casas, cruzaram-se com cearenses e fundaram lares.*⁴⁸ Antropólogo e naturalista, pelo conhecimento enamorado do ambiente, dissertava sobre o índio, a fauna e a flora, com desenvoltura.

Como relata Álvaro Maia, Manoel Lobo viveu em *Três Casas* como um grão-senhor medieval, rodeado de descendentes educados à maneira sertanista, para quererem bem aos seringais e lhe prosseguirem na ação extrativista e desbravadora. Filha, só uma, que aprendeu enfermagem e prestava assistência aos seringueiros e índios.

O prestígio de sua ação e bondade ressoava além do Madeira.

Escritores, pintores, poetas, encontravam a síntese do exotismo amazonense nos barracões de Três Casas. Aprendiam a descobrir os segredos das selvas, iam diretamente às malocas e aos recan-

48 Idem, Idem, p. 227.

*tos dos lagos, povoados de peixes e vermelhos de parasitas raros. Bastava um recado: abriam-se varadouros, tapiris, malocas; índios apresentavam-se em servir de guardas nos intrincados dos igarapés.*⁴⁹

Na descrição de Álvaro Maia, o primeiro encontro de pacificação de Manoel Lobo com os Parintintins foi nos milharais dos índios brabos:

*Postou-se no centro e começou a falar, de costas para o mato, guardando a retirada. Tudo correu bem. Quando se afastou, pelo mesmo caminho, sentou-se a um grosso e comprido tronco, totalmente oco. E, de dentro, com arco e frecha, saíram curumins já crescidos, como de um túnel...*⁵⁰

José Martins Álvares Afonso

Engenheiro e filósofo, veio do Rio Grande do Norte para conhecer o rio Jamari, o rio misterioso. Conhecer para melhor estudá-lo, através dos olhos abertos pela cultura e experimentado pela ciência, e revelar-lhe os mistérios. Acabou ali ficando e fundando o seringal *Aliança*, onde construiu residência magnífica à margem do Madeira. Lá, organizou biblioteca e escola aberta aos filhos de agricultores e seringueiros.

Aliança transformou-se em seringal-modelo: o proprietário, um benfeitor que dava conselhos, orientava os trabalhadores, distribuía medicamentos, espendiava a educação de adolescentes nos internatos de Manaus. Viajava constantemente até os centros no Jamari, pilotando o batelão ao sol calcinante, ou ao frio da noite, à luz das estrelas.

O pioneiro do Jamari envelheceu no posto, em Aliança, no panteísmo da solidão e das florestas, sempre humano, distribuindo ensinamentos e medicamentos aos que passavam. [...] Quando mais tarde as forças e as finanças diminuíram, desapareceram os amigos. O seringalista mudou-se do chalé principal para uma casa

49 Idem, Idem, p. 228.

50 Idem, Idem, p. 228.

*modesta. Transformou o barracão numa escola gratuita para filhos de seringueiros. Instruiu-os, educou-os às centenas.*⁵¹

Martins Álvares Afonso, que ofertou o sangue, o espírito e a vida ao Madeira, que deu quando podia, morreu minado por enfermidades e sofrimentos, ouvindo o rumor das cachoeiras que lhe acalentaram os sonhos para a realidade da vida, oferecida aos seus semelhantes.

Antônio Francisco Monteiro

Sertanista de fibra, dominou rios e florestas e conquistou a fortuna palmo a palmo, transpondo as cachoeiras do Machado à procura dos melhores seringais nas terras firmes e serras, entre febres e índios. Multiplicou as suas atividades incorporando vários seringais e castanhais, plantando canaviais, cafezais e pomares e preparando campos para o gado.

O seringal *Mirari*, de sua propriedade, transformou-se em depósito intermediário onde se abasteciam aviadores e seringalistas, e refúgio político-social do médio Madeira. Pouco se resolvia em Humaitá, sede do município, sem ouvir o castelão generoso, que fiscalizava a educação dos filhos em Manaus e Belém, e passava as férias no Chapéu-Virado ou em Portugal.

Com mais de mil trabalhadores, *Mirari* estendia-se pelo Cuniã, Machado e Rio Preto. Nele, Francisco Monteiro dirigia uma flotilha de lanchas e batelões; mantinha escolas, hospitais, caminhos largos para os centros. Estropiados, feridos, enfermos afluíam a *Mirari* e recebiam assistência médica; centenas vinham do Machado e outros rios em exploração.

A prosperidade e a tranqüilidade desapareceram com a crise da borracha. Crivado de dívidas pelos melhoramentos do Machado e do Madeira, o velho batalhador teve de entregar aos credores as lanchas, os valores, as propriedades. *Mirari* mergulhou nas sombras, sob a administração dos gerentes que se sucediam, enviados pelos credores implacáveis. Volvera à inércia, às capoeiras e urtigas, devorado pelo abandono e pela terra caída, dormindo o sono das falências irremediáveis, com barracas em destroços envolvidas pelas trepadeiras ou furadas pelos mamoeiros e goiabeiras.

51 Idem, *Gente dos Seringais*. P. 122.

Coronel Moreira

Assentado no beiradão do Machado, seringal *Pururi*, o coronel Moreira era responsável por mais de mil pessoas, trezentos seringueiros, aproximadamente. Contribuiu para desbravar e dominar aquela região de selva virgem, estendendo a rede de ação ao Machado e Rio Preto. Contratou turmas de trabalhadores, transformados mais tarde em amigos.

Com a decadência da borracha, o coronel Moreira adoeceu e passou, em sua propriedade, de patrão a empregado. Com isso, começou também a declinar o seu prestígio político. Aquele que dedicara a vida a combater e comandar, amargou rudes decepções, afastando-se dos seringueiros, definhando pouco a pouco em um mutismo que lhe devorava todas as horas.

Dom Ramon

Descendente de nobre família boliviana, defensor ferrenho da natureza, exemplo de pioneiro ousado e cimentador da fraternização entre duas pátrias, fundou no braço fluvial que segurava o porvir de dois povos, o seringal *Salvação*.

Pioneiro, aqui chegando no fim do século, não era proprietário definitivo. Com a decadência da borracha, uma firma de Manaus resolveu executá-lo por ínfima soma. Mandou, então, tocar a buzina e a sineta:

Acorreram todos ao chamado do seringalista-cavalheiro, exemplar raro de fidalguia: dizia que as terras pertenciam a todos, que os saldos deviam ser repartidos. (...) As terras não são minhas. Rateei o que ganhei. A vossa parte está aqui, irmãos brasileiros, em mercadorias e resto em dinheiro. Os bolivianos me acompanharão. Preparem o batelão grande e possante. Madeira acima, partiu a arca de Noé, – homens, mulheres, cães, utensílios, – a compasso das vogas, acenando adeus aos moradores restantes de Salvação.⁵²

52 Idem, Idem, p. 132.

Nunes Pereira

Apaixonado pela Amazônia e pelo seu habitante primitivo, percorreu-lhe as malocas, no rio Negro e no Madeira. Durante uma comissão nas brenhas do noroeste, desapareceu e foi dado como perdido. Reapareceu sem mais ser esperado. Retardara-se porque viajara do rio Negro para o Madeira, em estudos comparativos dos Tucanos e dos Parintintins.

Viveu em *Três Casas* ao lado de Manoel Lobo e José Garcia. Médico ilegal, levava sempre o diagnóstico e o remédio por onde passava, em seringais e castanhais. Nesses sertões, alimentava-se de moqueados, frutas silvestres e mingaus; descansava em tapiris dormindo em rede de tucum, com fogueira acesa para espantar o frio e os carapanãs.

É o andarilho das malocas, o sete-léguas dos seringais, tudo em canoa e ubá, nos firmes e chavascais. Colheu as lendas dos Parintintins deitado na barraca dos pajés e bebendo chicha, em noites de lua e festa da puberdade. (...) Coordenou as falas dos Parintintins, bebendo chibé e tarubá (...). Ouviu, em Três Casas, os Karvaik-Parintintim, nômades e guerrilheiros implacáveis (...). Levantou um estudo comparativo do vocabulário da língua maué, em colaboração com o de Curt Nimuendaju, etnógrafo alemão, que esteve no posto de Maici, em contato com os parintintins.⁵³

Preferiu sempre a solidão fecunda do igarapé de *Três Casas* com os seus índios, os banhos de japana, as mojicas de pirarucu, ao conforto dos arranha-céus nas grandes cidades.

Raimundo Monteiro

Descendente de desbravadores que lançaram os fundamentos de uma cidade e incorporaram o Machado e o Rio Preto à economia amazônica, nasceu em Humaitá e foi educado em Paris, Londres e Rio de Janeiro. Pertenceu à geração de Olavo Bilac e era íntimo de Martins Fontes, Bruno Barbosa e Aníbal Teófilo. Passados os anos de estudo,

53 Idem, Idem, p. 143-144.

retornou ao torrão nativo e assumiu a gerência dos negócios da família no seringal *Mirari*.

Um dos confortáveis seringais das redondezas de Humaitá, *Mirari* possuía luz elétrica, escolas, hospitais, lanchas, rodovias para os centros produtores, seu proprietário exercia as atividades em contínuas viagens ao Machado. Nos intervalos, costumava abrir os salões do chalé-grande aos intelectuais e aos necessitados, aos quais lia poemas inspirados pelas florestas nativas.

Produziu, ali, várias obras: “*Volutas*” – livro da adolescência; “*Horas Lentas*” – versos de maturidade e meditação; “*Mirari*”, “*A dor do Bandeirante*”, “*Árvores*”, “*Crepúsculo de São Félix*”, “*Cena Amazônica*”, entre outras.

Aníbal Teófilo

Gaúcho, entreaberto às generosidades da terra e da vida, foi professor em *Três Casas*, sentiu o encantamento dos seringueiros, das visitas exóticas dos índios semidomesticados, o bulício do aviamento de centenas de homens. Aníbal passou dois anos vendo essa gente sem demonstrar qualquer curiosidade. Seus nervos, seu coração não se prenderam ao ambiente. Uma vez apenas, descreveu uma trovoadas no Purus, quando viajava em um gaiola e foi atingido pelo mau tempo. A descrição é uma rara lembrança de sua passagem pelos maiores rios da Terra:

*Ah! Quem dissera ao ver-me o rosto branco,
Minha atitude de profunda calma,
Que levo dentro da alma
Pesar maior que o temporal bravio
Que enturva o espelho deste grande rio,
Que sinto dentro em mim, sob este céu de chumbo,
Esta saudade imensa a que sucumbo!*

Ferreira de Castro

Vocacionado para as letras, Ferreira de Castro realiza no interior do Amazonas, para onde veio em plena adolescência, o grande aprendizado

que a vida lhe reservara. No contato com os índios e a gente simples dos beiradões e bamburrais, vivendo e sofrendo a diversidade do meio, transformou-se, mais tarde, no grande intérprete dos seringais.

Traduzida para vários idiomas, “A Selva”, sua obra mais importante, descreve os costumes, a gente, a movimentação de *Paraíso*, onde dedicou grande parte de sua vida.

Estimado por seringueiros e patrões, trabalhou no armazém, onde recebia trinta mil-réis mensais, enviando a maior parte à sua genitora, em Portugal. Integrado à vida simples do interior, assimilou os costumes, criando, inclusive, o hábito de comer pirarucu seco cru, com punhados de farinha-d’água.

Mais tarde, de volta à sua terra, célebre com a publicação de “O Imigrante” e outras obras, Ferreira de Castro mandou buscar um punhado de terra de *Paraíso* como recordação do lugar que o marcara tão profundamente. Viajando pelo mundo, escreveu impressões sobre os lugares percorridos, sem jamais esquecer o Amazonas, o Madeira, *Paraíso*, onde sonhou e compreendeu a vida.

*Ofereceu A Selva aos companheiros de seringal, à terra que lhe deu coragem para o resto da vida. E devia-o, sobretudo, aos anônimos desbravadores, gente humilde que me antecedeu ou acompanhou na brenha, gente sem crônica definitiva, que à extração da borracha entrega a sua fome, a sua liberdade e a sua existência.*⁵⁴

Padre Pena

Nasceu no Uruguai e era descendente de família religiosa. Ao chegar ao Amazonas, fixou-se em Humaitá e dali percorreu os campos e o interior, os beiradões e os bamburrais, irrompendo nas barracas pobres, como uma luz de esperança para enfermos, desamparados e desesperados.

Comia o mesmo tabaqui, moqueado no cacete; sentava no mesmo banco de canoa; dormia ao sereno ou atava a rede no recanto do barraco, sem lugar especial. Tornou-se amado e respeitado: era o

54 Idem, Idem, p. 149.

*pajé de batina para os índios, um patrão generoso para os seringueiros, um amigo para os seringalistas.*⁵⁵

Construiu hospitais, escolas, edifícios de apartamentos, utilizando olaria e serraria próprias. Dirigia operários, carregando com eles tijolos, telhas e madeirame. Enquanto trabalhava, semeava a oração com a trena e o martelo às mãos e o evangelho nas palavras e na ação.

Padre Pena era médico e sabia curar as enfermidades tropicais que devastavam a região. Os seus conselhos guiavam a população nas manobras da politicagem, mas nunca se prestou à política; orientava as famílias, corrigia os excessos e impedia a desordem. Na sua porta sem fechaduras, batiam pessoas de todas as crenças ou mesmo sem crença, que recebiam o mesmo tratamento e o mesmo amparo.

Com a cabeça grisalha coberta por um chapelão, o sacerdote semeava legumes de zonas temperadas nas hortas do colégio, plantando enormes bananais na margem oposta do rio para servir de alimentação aos enfermos e aos alunos.

Acordava cedo e se dirigia para o trabalho, regressando ao cair da tarde, queimado do sol. Remava canoa, bebia água em cuias, conversava com os moradores, nos sítios por onde passava. *Venceram-no depois de Deus, o fascínio da natureza virgem e a ingenuidade da gente primitiva e boa.*⁵⁶

Padre Felício

Italiano, ordenado pelo Seminário de Turim, veio para a selva do Madeira – atraído pelos rumores de que, nas malocas, os índios perdidos na antropofagia bebiam, entre danças bárbaras, sangue em crânios de vencidos – para catequizar os Parintintins. Todavia, para que tivesse êxito em sua empreitada, antes de chegar à taba dos índios, nas cabeceiras do Marmelos, padre Felício teria de submeter-se, numa cidade ou seringal, a um processo de adaptação ao clima e à alimentação daquela região.

Passada esta fase, padre Felício inicia a sua tarefa, multiplicando-se em ação: confessava, rezava missa, fazia sermões, corrigia pelo exemplo e orações os desregramentos daquele meio em formação.

55 Idem, *Banco de Canoa*. P. 110.

56 Idem, *Gente dos Seringais*. P. 53.

...a licenciosidade paganizara muita gente: meninas profanadas aos doze anos, danças lascivas nos saracoteios dos forrós, a pretexto de veneração dos Santos, amigações sumárias, desrespeito aos lares organizados.

Na tentativa de acabar com tal situação, fundou a primeira associação religiosa, reunindo os jovens da pequena cidade e sítios vizinhos que juraram ante a cruz que se conservariam puros até o casamento. Tudo parecia caminhar muito bem; entoavam os versículos da ladainha, de cabeça baixa, sem olhar para os lados, disciplinados pelas sintonias do órgão. Era a primeira vitória contra a bebedeira dos instintos.

Finda a trabalhadeira, após a novena das dezessete horas, padre Felício recebe o maquinista indígena que iria experimentar o motor para as desobrigas em rios e paranás e insistia que o padre se dirigisse para a Ilha de São João. Atracou e subiu os barrancos onde se apinhavam convidados, esperando o pessoal da cidade. Dentro do barracão, os caboclos pulavam dependurados aos pescoços das damas. Divertiam-se à vontade, na mesma febre dos demais, os moços da associação religiosa dos castos. Padre Felício entristeceu. Tanta pregação, tantos esforços, e respeito somente na presença do sacerdote.

Em longo itinerário de dois meses, em desobriga, padre Felício adoeceu gravemente com sezões. Alegou os sacrifícios aos caboclos da associação. Recriminando-os por quebrarem o compromisso, ouviu de um deles a seguinte explicação:

Vocemecê perdoi, padre Felício. Está perdendo tempo com essa gente. Os rapazes da cidade tripulam canoas todos os sábados. Chegam à noite e saem pela manhã. Aqui não há divertimento. A semana inteira é para a seringa, a pesca para a bóia e a roça. Durante as enchentes, nem noites livres eles têm. Os pobres dormem sob respingos de chuvas, com ferroadas de arraia, mordidas de cobra, sem hora para gemer e comer. Nosso Senhor não se zanga com essas brincadeiras. Vocemecê é porque nasceu padre. Se não fosse, moço ainda, também gostaria de forró, cachaça e mulher.⁵⁷

57 Ibidem, p. 57.

O entusiasmo místico do padre Felício decresceu. Chegou à conclusão de que era bem difícil ser catequista; anulou todos os sonhos e dirigiu-se ao isolamento de sua sacristia. Meditou, sentou-se ao harmônio e resolveu dissolver, por falta de sessões, a associação dos moços castos.

Padre Silvestre

Nascido no Nordeste, padre Silvestre veio do nada, estudou em seminário do Nordeste, como um menino desprotegido, quase indigente, tolerado pela aplicação, disciplina e inteligência. Ordenado, recebeu oferta para lecionar em educandários da capital ou servir em cidades do sertão; mas sem quebrar a linha de obediência, pediu um ponto de ação no Amazonas.

Em aqui chegando, estabeleceu-se em São Francisco. Tinha atração pela natureza; sorria às quebreiras das águas, aos crepúsculos e manhãs; em tudo via um sentido humano de vida. Sem orgulho e vaidades, sem ameaças aos pecadores ingênuos, que em certos casos nem sabiam o que eram pecados.

Não restringia a catequese à capela, embora as aulas lhe consumissem o dia inteiro. Irmanara-se aos trabalhadores, dando-lhes práticos rumos na agricultura e, lado a lado, os ajudava como um lavrador, também, no repalhamento das barracas e arranco da mandioca. Deitava-se fatigado para recomeçar na manhã seguinte.

Padre Silvestre percorria os beiradões e os afluentes numa canoa esguia, sozinho ou com um remador. O conforto único era um tabuado, onde guardava o baú de folha de flandres, com as vestimentas sacerdotais, e o saco de seringa com a rede e o mosquiteiro. Pilotava a canoa como um caboclo qualquer, e dormia nas tábuas, nos refúgios das enseadas, se anoitecia longe das barracas de paroquianos. A canoa do padre Silvestre ascendia contentamento quando apontava no horizonte, ou a buzina chamava os moradores às concentrações nos barrancos; quando se aproximava, vestia a batina de pano cru, abençoava crianças, moços e velhos e fazia suas pregações.

Seu objetivo maior era construir uma capela e abrir uma escola naquela localidade. Para isso, obteve esmolas, cortou lenha para as lanchas, conseguiu ajuris para transportes de madeira e palha, serrou as

tábuas, amarrou caibros, cumeeiras e, pouco a pouco, viu uma despreziosa capela erguida em São Francisco. Bateu os sinos pela primeira vez, e lhe pareceu que as orações, sonorizadas em bimbалhos, acalentavam toda aquela boa gente. Os sinos ressoavam nas manhãs claras, e novos convertidos vinham de longe, remando horas para assistir a missas e novenas. Depois foi à escola onde recebeu meninos descalços, que estudavam em horários diversos, de acordo com as ocupações rurais. O seu nome voava pelos seringais:

A popularidade marcante repercutiu desfavoravelmente na sede municipal. O chefe político visionou um concorrente naquele sacerdote, rebelde às manobras eleitorais, declarando sempre que sua missão era totalmente oposta, – conseguir eleitores para Deus, sem indagar sexo ou idade, cultura ou partido.

A declaração peremptória irritou o chefe.

Irritou o velho vigário, educado em escola diversa, participante de vizinhanças nas casas ricas e acostumado a bisbilhotices de sacristia. [...] o vigário, oriundo da Europa, não vira bem o padre mudar de batina, serrar jacareúbas para a capela, comer peixe ao lado de caboclos, limpar feridas de crianças e curar bicheira de gado.⁵⁸

O vigário não aprovava aquela atitude: chamou-lhe a atenção dizendo que aqueles serviços eram de serrador, boticário e veterinário e que padre usa mangas rendadas; ele estava relaxando a vocação. Em resposta, obteve o seguinte:

Com a devida obediência, respeito a batina, mas não é esta somente que recomenda o padre perante Deus. O meu vigário cumpre dever na cidade; julgo cumprir o meu nas florestas. Fazendo o que faço, obedeço a Nosso Senhor Jesus Cristo e não desobedeço a Santa Igreja.

O vigário estrangeiro não gostou da resposta. Aquele padre caboclo não lhe daria lição alguma.⁵⁹

58 Ibidem, p. 62.

59 Ibidem, p. 62.

Diante da atitude do padre, o vigário conversou sigilosamente com o chefe político e juntos traçaram uma intrigalhada e urdiram calúnias para afastar o padre Silvestre de suas atividades:

Padre Silvestre era insinuante e forte; a moçarada o recebia em festas, beijando-lhe as mãos e o escapulário. Não era aquela recepção fria ao vigário. Haveria pecado na certa, nas desculpas do padre Silvestre: tinha afilhadas nos beiradões e na escola. Sangue é sangue, e, ademais, saíra de seminário brasileiro, sem o rigor dos colégios europeus.

A intrigalhada e a calúnia triunfaram. O chefe e o vigário desceram até a capital e, com o prestígio das autoridades, conseguiram a punição do padre, – suspensas as ordens de celebrar missa e praticar atos religiosos.

Ferido à tocaia e inocente, padre Silvestre, sem defesa, não pronunciou uma palavra. Permaneceu no sítio, velando a capela, que não recebeu outro sacerdote, ensinando na escola e entregue aos serviços agrícolas. Separava o necessário à frugal alimentação e empregava o restante na escola e aquisição de medicamentos.⁶⁰

Apesar da punição, o prestígio do padre Silvestre não decrescera, pelo contrário, aumentara. O que decresceu foi a freqüência dos seringueiros à paróquia, que só a visitavam para o batismo ou casamento; diminuíram as contribuições para a festa da padroeira. O vigário não sabia o que fazer para destruir aquele sacerdote – que apregoava a igualdade entre os homens, dizia que a terra pertence a todos e que os lucros devem ser aplicados em bens coletivos –, o qual, mesmo sem ordem, vivendo humildemente e sem sair do sítio, continuava a ser admirado e querido.

A resposta ao vigário veio quando menos esperava. Certa noite escura, recortada de relâmpagos, padre Silvestre ouviu gritos de homens e crianças, vindos do rio. Como fazia sempre, tocou os sinos para orientar os naufragos, mas os gritos continuavam. Padre Silvestre ardia em febre alta, mas não vacilou em tentar salvar as crianças que estavam ameaçadas pelos banzeiros. Acendeu o farol e, investindo contra ondas e rajadas, aproou a

60 Ibidem, p. 62.

sua canoa de boieira, usada nessas ocasiões, em direção aos gritos. A boieira flutuava sempre, embora cheia d'água. Lutou bravamente e conseguiu salvá-los, conduzindo-os à margem debaixo de uma chuva torrencial. Acomodou-os, deu-lhes café, redes e farol e, com os dentes tatalando, foi fazer as orações de agradecimento pelas vidas salvas. Ali mesmo tombou entre febre e delírio. Desacordado pela manhã, estava morto à tarde com o crucifixo entre as mãos calosas e magras. Enquanto o vigário era removido e promovido, morria salvando náufragos e rezando, o sacerdote sem ordens.

Enterrado na simplicidade em que viveu, entre açazeiros e ao lado de pescadores, recebe constantemente a visita de trabalhadores. Ruíram a capela e a casa da escola. Cresceram as árvores, capoeira cobriu o descampado. Formou-se a lenda:

À noite, os sinos de São Francisco acordam os ares. Será o vento, sacudindo os bronzes pendurados nas árvores? Mas por que também ressoam em noites de luar, quando as folhas não bolem? A gente de fora não explica, nem acredita, mas os beiradões, que ouvem as badaladas plangentes, vêem o padre Silvestre, com o seu sorriso acolhedor à cabeceira dos enfermos, nos roçados, nas estradas, nos temporais, protegendo-os e mostrando o céu, eterno refúgio dos perseguidos e dos bons.⁶¹

Dr. Gusmão

Era um médico simples, dedicado à coletividade de todas as classes e credos. Ingênuo, acreditando no ser humano e na possibilidade de ajudar a melhorar a vida da população simples e carente, resolveu, por pedidos insistentes e exigências dos amigos, aceitar candidatar-se, pela oposição, ao cargo de vereador. A partir da sua aceitação, começou a ser agredido de todas as maneiras, mesmo por aqueles que lhe eram devedores de gentilezas e dinheiro. Tudo isso para agradar o coronel Pedraça, comandante da política ou politicagem local.

A sua presença, em casa de amigos de idéias diferentes, motivava perseguições aos mesmos. Os que o procuravam em sua farmácia, o faziam às escondidas ou eram perseguidos. Se ele dava aos doentes as

61 Ibidem, p. 64.

amostras grátis, era acusado de distribuir remédios e não pagar imposto sobre os mesmos e, por isso, aplicavam-lhe multas.

O doutor Gusmão era retraído, recebia os caboclos da redondeza, visitava as barracas e curava mulheres e filhos. Por medo de sua popularidade, não era bem-visto pelos adversários, e as perseguições ao médico humanitário não cessavam. Apesar disso e mesmo alquebrado, doente e paralítico, não deixou de prestar assistência aos que o procuravam.

Aos de fora, que indagavam sobre as perseguições ao doutor que tratava de graça, dava o que possuía e defendia leis protetoras na Câmara Municipal, vinha a seguinte resposta: o coronel Pedraça desconfiou que ele queria ser chefe.

Dr. Valério

A medicina para o doutor Valério era um verdadeiro sacerdócio. Vivia pobremente da clínica dos que podiam pagar. Era querido por todos, menos por aqueles que vivem da exploração dos seus semelhantes. Quando resolveu aceitar, por insistência dos amigos, candidatar-se à Câmara Municipal, recebeu por parte do coronel Lutécio veemente oposição: calúnias, difamações de todas as espécies são jogadas sobre ele.

O coronel, chefe político do lugar, chegou ao ponto de mandar o delegado invadir o seu consultório a pretexto de defender menores explorados pelo médico.

Ao ocupar, por dois meses, a presidência da Câmara Municipal, foi acusado de roubo e enriquecimento ilícito. Uns acreditavam, outros, não. Mas, de tanto falatório, o médico passou a ser ladrão. Sua clínica decaiu e ele esperava uma oportunidade para sair dali, já que a sua própria casa havia sido doada para uma escola.

O coronel e seus seguidores não paravam de acusá-lo. Diziam que ele tinha dinheiro enterrado no quintal, comprado jóias, ou emprestado a alguns regatões. Na luta contra as difamações, o doutor Valério sofreu um infarto fatal. Somente neste momento, ao verificar o estado de pobreza, de quase miséria material, foi que o povo caiu em si e começou a perguntar o porquê de tanta perseguição e mentiras. A resposta veio do coronel Lutécio: a difamação e a calúnia eram os únicos meios de impedir a ascensão política do doutor Valério. Se o povo acreditou, melhor para ele e seus adeptos.

Fábio Moura

Ex-seminarista do Crato, veio para o Amazonas onde dirigiu expedições à procura de árvores seivas, fez o recenseamento dos seringais do coronel Francisco Moreira, comprou um pequeno seringal, estimulou o plantio da terra pelos empregados, fundou uma escola para os filhos dos seringueiros e os seus próprios. Nunca enriqueceu. Jamais filiou-se a partidos políticos, mas recebeu do governo a patente de coronel sem haver pisado nos quartéis. Foi um missionário sem ter sido ordenado padre.

Fábio assistiu ao apogeu e à derrocada da borracha, passou fome como qualquer seringueiro. As diversas atividades de Fábio levaram-no a conhecer a região, seja por terra ou por canoa:

Tinha lido bastante sobre as noites na selva, sobre a selva adormecida, e observava que a selva não dorme jamais. Alegria-se com a luz, mas, na escuridão, vidas diferentes se agitam. Morcegos bolem nas folhas, bichos e aves acendem os olhos rubros, farejando as presas. Ouviam-se urros de onça, seguindo-se-lhe gemidos de cutia, sangrados com sofreguidão. Sucurijus pegajosas preparam os botes nos baixios e bamburrais. Nas noites tenebrantes, escorria sobre as criaturas uma harmonia funérea, e os raios das estrelas, perfurando folhagens em lustres verticais, lembravam velórios intermináveis.⁶²

Fábio admirava o pioneirismo dos desbravadores que se tornaram proprietários pelos capitais do próprio suor, vagando pelo estuário verde, apropriando-se dos seringais como verdadeiros batalhadores e sem nenhuma assistência oficial. Muitas vezes mutilados nas viagens longas, não se consideravam vencidos e queriam recuperar a saúde para novas lutas e empreitadas.

O Amazonas era um oceano distante que precisa ser vencido – gente a educar, floresta a dominar, índios a domesticar.

62 Idem. *Beiradão*. P. 51.

Trabalhou com o coronel Moreira, fiscalizando os seringais do Machado em batelões com remo a voga, puxando sirga nas praias, arrastação nas cachoeiras e varadouros debaixo de sol e chuva, com mateiros e remadores. Nos pernoites dormia nas varandas abertas. Na empreitada, adoeciam remadores, mateiros; outras vezes, todos adoeciam e ali permaneciam, olhando uns para os outros, sem recursos a esperar. Fábio também adoecera gravemente, mas quando despertava dos delírios febris, aconselhava os mateiros e remadores a continuarem a viagem. De regresso ao seringal, elaborava o mapa da distribuição dos trabalhadores pelos centros, preenchendo os claros deixados pelas mortes, muitas vezes de famílias inteiras, com os novos braços, que utilizavam, não raro, os pertences deixados pelos mortos.

Na sua faina constante, Fábio amealhou pequeno saldo e partiu para rever o Crato. Partira bastante debilitado pelas doenças que contraiu na selva amazônica. Reviu familiares, recuperou a saúde, visitou o antigo seminário, percorrendo os seus salões e rezou na velha capela, abrigo de suas orações e meditações nos tempos de seminarista; morou à beira-mar, na serra, no sertão, e recuperou as forças perdidas. Encontrou trabalho, carinho e assistência. Poderia ficar, e com o seu pequeno capital restaurar e movimentar o sítio da família.

Era tarde demais. Fábio já havia contraído o vírus dos bamburrais, ouvira a barulheira de vento e da derrubada de árvores, não poderia deixar de regressar às matas e viver nos seringais, como um de seus seringueiros. Resistiria no Madeira para sempre:

Aprendera a lutar perto do perigo, sentira o perfume da barbárie e da civilização, na floresta em que os próprios homens cultos ficavam gagos, sem palavras, cegos no deslumbramento de uma queda-d'água.⁶³

Passados cinco anos, Fábio decidiu regressar e o planejou para depois da safra. Queria sentir um pouco mais o cheiro da cana e o carinho de sua gente para reiniciar a viagem. Embarcou em boa classe do Lóide: ouviu as vagas do mar e as ondas do rio, que se misturavam à entrada de Marajó onde se uniam fraternalmente as águas que vinham do

63 Ibidem, p. 170.

Machado e outros tantos rios. Buscava de novo o Amazonas, retornava às trincheiras do holocausto, certo de que não triunfaria para a riqueza, mas queria morrer onde pudesse servir e onde, embora pequeno, fosse mais útil. De consciência tranqüila retornava à floresta e à solidão.

Ao retornar, casara-se mais tarde com a filha de um seringalista, que havia entrado para o colégio religioso aos sete e saído aos 15 anos e não vacilara em seguir aquele visionário, em missão junto aos florestários pobres. Seria seringueiro e mais tarde seringalista.

Era a fase áurea da borracha. O Amazonas crescia aos imperativos do crédito, sem assistência bancária, assegurados pelos comerciantes de Manaus e Belém. Distribuídos pelas estradas, os brabos vibravam os machadinhos a esmo, enquanto as mudas de seringueiras cresciam no Ceilão.

Fábio não conseguiu isolar-se totalmente, como imaginara. Fora convidado para executar funções públicas, interpenetradas à sua vida interiorana. Encarregado da elaboração dos documentos, relatórios, atas de eleições, ofícios e anais, constatou – sem poder se opor, sob pena de ser morto – como os votos eram divididos paternalmente. Algumas vezes tinha de deslocar-se até Manaus para trazer documentos oficiais de caráter sigiloso. No regresso de uma dessas viagens, Fábio desembarcou em Humaitá para prestar conta das reuniões, da aprovação das eleições e do prestígio do diretório partidário local. Deparou-se com uma grande confusão. O superintendente resolveu governar sem consultar o partido e o coronel resolveu atacar a vila. Anunciava-se a batalha de Humaitá.

Diante da situação, Fábio ponderou ao coronel que, antes de atacar, lesse a correspondência que circunstanciava as reuniões que pregavam a salvação do interior. Se houvesse chacina, o governo mandaria um delegado militar, que abriria inquérito, prenderia os rebeldes, reporia o superintendente, o que abalaria o prestígio dos chefes em desentendimento. Após as conversas, horas depois, os chefes se entenderam: o superintendente teria dinheiro para administrar e o coronel dirigia a política. Abraçaram-se e resolveram confraternizar as tropas. Voltara novamente a paz ao município.

A preocupação fundamental de Fábio era a educação de seus filhos e, por isso, economizando sol a sol, fundou, em seu pequeno seringal, uma escola e recebeu gratuitamente os primeiros alunos. Fábio recebera oferta para trabalhar no Machado. Um ano de trabalho lá valia por três no

Madeira. A mulher o acompanharia, mas os estudos dos filhos, como ficariam? Resolveu permanecer onde estava.

Ao ser informado, através de cartas, da derrocada da borracha, ficou preocupado. Nada devia: possuía apenas um pobre seringal de doze estradas, uma pequena agricultura e criação de porcos e galinhas, mas pensou nos demais que teriam incalculáveis prejuízos. Pensou bastante no que fazer: voltar para o Ceará ou ficar na floresta? Resolveu seguir até *Puruí* e ouvir a palavra amiga do coronel Moreira, a quem admirava pela fibra de desbravador. Ali a situação estava difícil, mas sendo tratada com tranquilidade. Fábio ajudou o coronel a encaminhar as coisas e voltou para o seu seringal.

Esperou a pesada de sábado, em que estariam presentes seus dez seringueiros. Conversou com todos, explicou os efeitos da crise e apresentou as suas contas e a liquidação dos negócios dizendo que, se quisessem, poderiam partir levando canoas, utensílios e nada lhe deviam; quando os negócios melhorassem poderiam voltar, se desejassem.

Diante de tamanhas dificuldades, os seringueiros quiseram saber o que Fábio pretendia fazer: se iria embora ou permaneceria na localidade.

Em resposta, Fábio mostrou-lhes a esposa, três filhos menores e as crianças que protegia. Ela nascera na região, abandonara o conforto pelos seringais; eles nasceram ali também. Viera para o Amazonas em ano de seca, de fome e de morte. Fora feliz, pois não sonhava riquezas no pequeno seringal, parte de sua vida. Os meninos eram pequenos, a mulher amava o interior. [...] O igarapé tem peixes, a ilha reverdece em canaviais, o gado engorda no campo, os porcos em pleno mato. Não iria recomeçar longe, somente porque a borracha caiu no preço. Provaria que, sem borracha, o mundo não estava perdido. Produziria, de qualquer modo, para comprar café, fósforos e os gêneros essenciais. Não abandonaria tudo...⁶⁴

Dos companheiros, ouviu:

– Eu é que não vou. Para onde é que vou? Vocemecê não está botando pra fora. Fico aqui mesmo.

64 Ibidem, p. 289.

– *Nem eu!*

– *Nem eu!*

Repetiram-se as declarações daqueles homens rudes, calejados na trabalhadeira tropical. Era o reverso dos grandes seringais. Queriam permanecer, correr risco, afrontar a hora tremenda e enfrentar os temporais. Ficariam. Devolveram as contas e se sujeitaram aos parcos aviamentos...

Fábio abraçou os companheiros de solidão.

Diante das crescentes dificuldades, sem conseguir amealhar recursos para prover as necessidades familiares, Fábio quase chegara ao desespero. Nesse momento, chega a notícia de melhoria do preço da borracha. Fábio não se abalou, pois a experiência lhe recomendava prudência e desconfiança no governo.

Ao contrário, Segadais, advogado amigo de Fábio, prevendo a derrocada da borracha, encerrou as suas atividades para regressar ao Crato, aconselhando-o de Manaus, através de carta, a fazer o mesmo. O padre Silvestre, portador da missiva, sobre aprovar o conselho de Segadais, propunha, alternativamente, que Fábio viesse trabalhar em Manaus. Recusando ambos os conselhos, disse Fábio em resposta:

O senhor pode viver e servir em qualquer lugar do mundo: será promovido a cônego, monsenhor, bispo [...] todas as portas se abrem, exatamente porque não vai pedir. Ou pedir para outros, o que dá na mesma. Eu nada valho, porém sou necessário aqui, junto a esta gente desprotegida. São criaturas humildes, com uma rede, e nada mais, além de terçados e enxadas. Dei-lhes plena liberdade, no início da crise, e não quiseram partir; retribuiria com ingratidão e abandono. Estive no Nordeste, quando chumbado de beribéri, sorvi o aroma do sertão. Voltei para morrer aqui.⁶⁵

Fábio e a família deram tudo de si para agricultar as suas terras.

O sítio prosperava; frutos do Ceará vicejaram – jacas, cajaranas, bacuris, pitombas e parreiras atestavam a tenacidade do lutador.

65 Ibidem, p. 311.

Cachos de uvas arrocheavam as latadas. Gado, cortiços de abelhas, pombos; carneiros branquejavam à boca do igarapé. Na ilha em frente, milharais pendoavam. Havia tranquilidade na pobreza, a fartura na relatividade, a comprovação da vida no interior verde, afastando o tabu da vida unicamente apegada ao extrativismo.⁶⁶

Havia, nos beiradões, criaturas capazes dos maiores sacrifícios: mães que se imolavam a jacarés para salvar os filhos; pais que trabalhavam ao sol e chuva para educá-los; seringalistas que fundaram escolas e custearam a educação de meninos pobres. A parte social também renascia e renovava-se pelas misturas de famílias e pelas atividades dos primeiros filhos, ali nascidos e educados. A crise desestabilizou, mas não abatera os fortes, o ânimo construtivo dos que acreditavam no ressurgimento da região.

Ao retornar do Crato, Segadais foi visitar o amigo e lá ficou por alguns meses. Resolveu voltar às atividades advocatícias em Humaitá e retornava ao seringal nos finais de semana. Após alguns anos, decidiu regressar definitivamente à sua terra. Antes da despedida, Fábio convida Segadais a dirigir-se até as fruteiras, e ali, confessa ao amigo:

Ficará na terra em que encontrou a paz. A mulher escolheu um lugar ao meu lado no mesmo cômodo entre laranjeiras. Os filhos [...] partiram. Partiram para estudar e, possivelmente, para outras profissões. As meninas morreram de tétano. Não havia fotografos. Vivem em nossos olhos e nas bonecas de pano com que brincaram.⁶⁷

Feliz, Fábio vivia em paz, sem ódio no coração, sempre disposto a ajudar e agradecido pelas coisas que conquistara.

...fora um soldado obscuro que nunca abandonara a vanguarda. Quando a vanguarda abriu um flanco, permaneceu nas trincheiras [...]. Vencera a vida, sem ambições desmedidas e poderia caminhar para dois pontos supremos, – o nada do seu corpo, ofe-

66 Ibidem, p. 365.

67 Ibidem, p. 371.

*recido à Terra Jovem, e o todo de seu espírito, integrado à eternidade da luz.*⁶⁸

Firmo Segadais

Advogado, formado na Faculdade de Direito de Fortaleza, ao chegar ao Amazonas, transcorria o tempo singular dos coronéis de barranco, que se elegiam, ou elegiam deputados e intendentes. Segadais aporta à cidade, recomendado ao coronel Francisco Moreira que, por audácia e recursos, dominava a imensa região do Madeira. Bem recomendado, logo conseguiu vantajosas questões. Todavia, assim como as soluções das causas, os pagamentos também exigiam demora, porque a circulação monetária, no interior, era quase inexistente, reduzia-se às cidades e aos regatões. Após alguma convivência na sede municipal, várias subidas ao Madeira a bordo de gaiolas e baixadas em igarités, em regateio jurídico pelos seringais, onde derramava palavras enviesadas sobre causas civis e criminais, almoçando e dormindo nos barracões, Segadais aprendeu, entre tantas outras, esta lição:

*Nas sedes municipais, o profissional tinha de reagir à politicagem, filiando-se, sem entusiasmo, às hostes do governo, representadas pelo coronel barranqueiro, cuja autoridade pairava acima do superintendente.*⁶⁹

Embora resistisse, teve de esquecer, ante a inutilidade dos esforços, os ensinamentos do professor Soriano de Albuquerque, obtidos na Faculdade de Direito, de percorrer o interior, levar justiça às massas desamparadas sem babujar no cocho, onde babujavam o médico, o dentista e o vigário. Concluiu que teria de fingir uma falsa personalidade, criar um Segadais número dois para poder vencer os cipoais do interior, que embaraçavam-lhe os passos. Diante da realidade, Segadais amoldou-se manhosamente às imposições, passou a agir de acordo com a situação e não conforme o direito e a justiça e, com isso, começou a ganhar dinheiro e economizar para o futuro escritório, sonho acalentado e causa da sua vinda para o Amazonas.

68 Ibidem, p. 377-378.

69 Ibidem, p. 28.

Segadais não desejava casar-se aqui: era comprometido no Nordeste. Por outro lado, um casamento no interior do Amazonas implicaria escravidão ao mato, em não sair para a cidade em caráter definitivo e isto ele não queria. Todavia, talvez por desgraça, se apaixonara por Maria da Luz, casada com o coronel Setembrino, que desconhecia tal paixão. Receoso do seu amor à Maria da Luz, Segadais resolveu empreender uma última viagem de cobrança até Santo Antônio e em seguida baixar até Manaus. Antes, porém, apresentaria as suas despedidas ao coronel, de quem só recebera atenções.

Em lá chegando, ausente o coronel, Segadais resolveu confessar, através de uma carta, o seu amor à Maria da Luz, mas sua missiva errou a destinação e foi parar nas mãos de dona Raimunda, governanta da família. Esta guardou segredo e ordenou a Mané-Vaqueiro uma grande surra no doutor para que ele aprendesse a respeitar a mulher dos outros. Laçado, Segadais foi atirado ao chiqueiro dos porcos e depois, nu e com os braços presos às costas, foi amarrado num pedaço de cedro, caceteado nas pernas e no ventre, e jogado ao largo. Rolando pelas correntezas, o cedro desceu velozmente, mas, antes da chegada na vila, os pedidos de socorro foram ouvidos por um seringueiro. Socorrido e tratado, Segadais desceu no primeiro motor, sem roupas e sem dinheiro, por benevolência do dono do regatão. Ficou num entreporto de lenha, no baixo Madeira, por vários dias, ajudando o turco em todos os serviços.

Após alguns dias de dura faina, seguiu para Santo Antônio e começou a negociar adiantamentos de mercadorias, feitos pelos regatões. Queria ganhar dinheiro de qualquer jeito: enganava bolivianos, transpunha cachoeiras nas jangadas, imaginava diversões para os seringueiros centralizadas em torno das ladainhas. Afastou-se do júri, prosperou. Estava melhor do que na advocacia de Humaitá.

Segadais se afastou do Madeira, porém os termos da carta, o banho no chiqueiro dos suínos, as cacetadas aviltantes, a punição no cedro e a fuga num pequeno regatão, com barbas crescidas e azulão de marujo, espalharam-se na intriguice ribeirinha.

Por causa das intrigas envolvendo Maria da Luz e Segadais, Setembrino, mesmo enfermo, resolveu deixar *Puruí*. Adquiriu *Bomfim* e mudou-

se com a família para a nova propriedade. Ao encontrar-se com Segadais, em Santo Antônio, aproximou-se e lamentou o ocorrido e confessou a indignação de Maria da Luz, por ter sido envolvida em tamanha infâmia. A partir de então, retomaram a amizade e as visitas.

Após a morte de Setembrino e, posteriormente a de Maria da Luz, que morrera em seus braços e lhe entregou o filho Moacir para que dele cuidasse, Segadais continuou em seus negócios, levou Moacir para a escola de Fábio e seguiu para Santo Antônio.

Atento aos acontecimentos, Segadais previra com antecedência a derrocada da borracha, liquidando os negócios logo na primeira queda. Na companhia do padre Silveira, voltou ao Crato.

Decorridos três anos, resolveu retornar ao Amazonas, deixando Moacir no seminário. Estava com saudades e desejava reiniciar os serviços no foro. Ao voltar, passou alguns dias na capital, em conferências com o padre Silveira, que também havia retornado, e alguns chefes políticos. Pretendia trabalhar nas eleições em troca de um cargo na promotoria ou em qualquer outro lugar. Passado o pleito, a promoção não veio. Desapontado, seguiu para o seringal de Fábio. Ao chegar, olhou as fruteiras, o jardim, a ilha agricultada e disse: *Agiu melhor do que nós. A tranqüilidade vive dentro da gente. Não vive nos outros.* Permaneceu por mais de dois meses tentando viver como um trabalhador rural comum, pescando, caçando, plantando e observando aquela gente, tão diferente dos politiquieiros das vilas e cidades.

Decidiu voltar à advocacia em Humaitá, mas se recolhia ao seringal no fim de semana. Cobrava caro dos seus adversários. Percorria o município resolvendo as pequenas questões, recebendo o pagamento em borracha, tartarugas, ou como fosse possível. Os cabelos ficaram grisalhos, conseguira amearhar o suficiente para retornar definitivamente ao Crato e viver com o filho Moacir. Despedira-se do amigo: desta vez não mais regressaria.

4.2.3 – Expedições de Extermínio e de Conquista

A resistência dos índios, as mortes de brancos e, principalmente, os prejuízos econômico-financeiros causados pelos embates, levaram os seringalistas à decisão de exterminar os nativos. Para isso, foram traça-

dos alguns planos de guerra, entre os quais Álvaro Maia destaca o de Gentil Monteiro da Costa, que visava o extermínio dos Parintintins habitantes do Marmelos e do Machado.

A primeira expedição reuniu na boca do Marmelos os coronéis e os índios Mundurucus, já meio civilizados, inimigos dos Parintintins, sob o comando de tuxauas. Cercando-lhes as aldeias e malocas, deveriam liquidar os Parintintins com o uso concomitante de arcos, flechas, espingardas e terçados. O combate deveria ser sumário, deixando apenas corpos e sangue. Os Mundurucus eram valentes e estavam acostumados a flechar marrecas nos ares, daí que não seria difícil flechar Parintintins. Desembarcaram no Marmelos onde encontraram ubás e canoas já preparadas para a subida. À frente das canoas tripuladas pelos tuxauas mundurucus, partiram as ubás velozes, com cinco ou seis observadores. Iriam localizar as malocas, coordenar informes para o ataque supremo, mas desapareceram nas águas escuras do Marmelos.

Dias se passaram sem nenhum retorno: duas outras ubás foram despachadas, mas também não voltaram. Reuniram-se os tuxauas e resolveram romper as águas, rumo às cachoeiras e malocas. A incursão era muito difícil. Nesta ou naquela volta do rio, quando menos esperavam, recebiam, de um alto de terra firme, uma flechada, mas os atacantes enfurecidos persistiam.

Após alguns dias atingiram a grande maloca: só havia cinzas. No desespero, um tuxaua lembrou o conselho do velho pajé que ficara na tribo: *Ninguém deve atacar irmão e gente do mesmo sangue, pra agradar branco, que deseja apenas explorar e é sempre ingrato.*⁷⁰ Conscientes do fracasso e desfalcados de muitos elementos, resolveram desistir e retornar ao Marmelos e daí para os seringais, deixando os Parintintins em paz, que estes, conhecedores profundos da região, estariam longe, fora de alcance, em outros rios.

Uma outra expedição foi organizada para combater os Parintintins nas terras altas do Machado, em região encachoeirada e de difícil acesso.

*As ordens eram para exterminar definitivamente as vidas dos que lá residiam, incendiar-lhes as malocas, possibilitando a colocação de novos seringueiros nos latifúndios abandonados pelos civilizados.*⁷¹

70 Idem, *Defumadores e Porongas*. P. 48.

71 Idem, *Banco de Canoa*. P. 55.

A expedição iria acompanhada de antigos mateiros mundurucus acostumados a varar florestas e andar nas trevas. As canoas seguiriam até as cachoeiras e ocultadas para serem utilizadas no regresso dos expedicionários. Partiu a expedição rumo ao desconhecido. Transcorreram três meses e dela não se tinha notícias. No mês seguinte, novos mateiros experientes seguiram ao seu encalço. Passados dois meses da partida, os integrantes da segunda expedição reapareceram rotos e enfermos, à foz do Machado, e descreveram o drama vivido durante os dois meses de incursões no rio, matas e igarapés, sem encontrar qualquer componente da primeira expedição.

Após o fracasso das expedições de guerrilha visando ao extermínio dos Parintintins, foi dado início às expedições de paz objetivando o convívio pacífico entre brancos e índios.

A primeira expedição organizada pelo Serviço de Proteção aos Índios falhou. A falta de verbas e de pessoal experimentado impossibilitou a organização da segunda. Em decorrência disso, chegou-se à conclusão de que a domesticação teria de ser de iniciativa privada.

Foi nesta fase de protelação e abandono, quando razias ferozes ensangüentavam as selvas, que se organizou a primeira expedição, exclusivamente particular: rifles, munições, abastecimento, marinhas foram estipendiados pelo comerciante Pedro Monteiro, sediado em Paraíso, preferido para sucessivos ataques e bem perto de Humaitá, a meia hora de viagem em motor, descendo o rio. Dirigia-a o florestário Caetano Centaro, acompanhado de doze mateiros.⁷²

Antes da saída da expedição, Caetano Centaro ouviu a narrativa sobre o assassinato, pelos índios, de uma mulher grávida e o esquartejamento de seus filhos menores em represália à morte de um companheiro no Machado. Após a narrativa, deu ordens para que os componentes da expedição não atirassem em índios, a não ser em legítima defesa, e internou-se na selva.

Lucas Pupunha, ao depara-se com um silvícola, desobedeceu a proibição: atirou, matou, degolou e trouxe a cabeça para os compa-

72 Idem, Idem, p. 34.

nheiros. Diante do ocorrido, Centaro mandou buscar o corpo para ser enterado junto com a cabeça a fim de não deixar vestígios. Após o incidente e a longa caminhada que possibilitou o contato com os dois tuxauas que dominavam aquelas paragens, chegaram à foz do Traíra e, aplicando os processos indígenas sumários e rápidos, mandaram derrubar dois churuzeiros e abrir ubás e fazer remos de molongó para uma descida rápida ao Maici-Mirim, Maici-Grande, Marmelos e Madeira e chegar ao seringal *Paraíso*, meta da partida quatro meses antes.

A essa expedição sucederam muitas outras em que se destacam, nos primeiros contatos desta fase, fundamentais para o estabelecimento da paz entre brancos e índios naquela região, as atitudes de figuras como José Garcia, Manoel Lobo e Curt Nimuendaju.

4.2.4 – Convívio civilizado

Diaí, Hainambi, Iupan, Mangataí são nomes pronunciados com respeito e temor pelos desbravadores dos firmes à margem direita do Caiari:

*Diaí era o campeador das selvas, que se estendem do Marmelos ao Maici, abaixo do Machado, varejando, em arrancadas indomáveis, o Maici-Grande, o Maici-Mirim, os igarapés do Traíra e Pupunhas, os lagos adjacentes.*⁷³

Naquelas bandas, Hainambi e Diaí são os últimos tuxauas que dirigiram as derradeiras malocas. Como prisioneiros da empreitada civilizadora destacam-se José Garcia, Manoel Lobo e a Missão Salesiana.

Mas, a paz entre os dois últimos tuxauas e os brancos deu-se de forma diferente. Hainambi, depois de demorada resistência nos centros do Maici, cedeu a José Garcia.

Diaí estendeu a mão a Curt Nimuendaju quando o etnógrafo alemão, completamente despido, entrou nas águas neutras de um

73 Idem, *Gente dos Seringais*. P. 202.

*minúsculo igarapé e ofereceu presentes aos parintintins, em linha agressiva, com os arcos retesados. Diaí não vacilou e aceitou a paz.*⁷⁴

Submetido pela ação do mais forte, Hainambi governa os trabalhadores do barracão de José Garcia em *Boa-Esperança* e recebe os visitantes à porta da barraca sem sorrir; pensa muito e responde evasivamente às perguntas ou cala-se quando as julga inconvenientes; dá ordens secas, até por gestos, e é obedecido cegamente. Sua maloca está situada no Maici e pode-se chegar a ela, subindo-se de motor, por duas horas. Todos trabalham na maloca varrida, rodeada de fruteiras.

A maloca de Diaí está mais distante, num cimo de terra firme; para atingi-la, levam-se oito horas, sendo quatro em tortuoso igarapé. Ao contrário de Hainambi, é humilde e desculpa-se quando nada tem para oferecer aos visitantes. Boneca, sua segunda esposa, era filha de seringa-lista português com índia pura e nasceu na maloca onde absorveu os costumes tribais.

Na taba de Diaí, os índios domesticados viviam por sua conta sob o comando do tuxaua. Todos os dias, Diaí dava as ordens para o marisco, a caça, a roça, a sorva e a viagem até o barracão para levar a farinha do coronel Caetano.

No Igarapé-Assu, as curimatás se entrelaçavam; tucunarés sacudiam as caudas coloridas e os tracajás alisavam as áreas de baixo. É só arpoar e o almoço está pronto. O centro prospera:

Farinha-d'água se acumula nos paióis, cebolinhas e pimenta-de-cheiro crescem nos canteiros, suspensos em jiraus, a salvo de porcos e galinhas. O Parintintim civiliza-se: gosta de orisa, pano encarnado e espelhinho de bolso. Antigamente cria de casa, ia buscar um cacho de banana comprida: gastava uma hora, um dia, sem disciplina de tempo. Agora, na taba de Diaí, comporta-se e produz mais do que gente do beiradão. Os Parintintins, que se submeteram aos crivos civilizados, em catequese leiga ou religiosa, reagiram aos guantes da exploração comercial: são homens livres, seringueiros ou pescadores, sem quebra de certos cos-

74 Álvaro MAIA. *Banco de Canoas*. P. 25.

*tumes e tradições, aceitos pelos seringueiros, como preliminares de paz.*⁷⁵

Na taba de Diaí, antes da labuta diária, os mais velhos faziam o seu quebra-jejum (café da manhã) com tucunarés moqueados e beijus que passavam de mão em mão, molhados no alguidar de tucupi com pimenta-murupi. Os mais jovens, no entanto, já civilizados, conservavam-se em jejum à espera de café e mingau. Nas solenidades da padroeira, em dezembro, os jovens botavam sapatos, roupa boa, chapéu e dançavam com damas da cidade.

Como já foi dito, os Parintintins não se renderam totalmente: apenas alguns grupos foram subjugados ou aceitaram a civilização do branco; outros deslocaram-se para afluentes longínquos entre o Amazonas e Mato Grosso. Os que ficaram, já não expressavam a força de antes:

*viviam em reduzidas malocas, caricaturas do ciclo selvagem, ou cruzaram-se a caboclos e nordestinos, absorvidos definitivamente. Os serviços de Caetano Centaro, José Garcia, Manoel Lobo produziram efeitos, mas não houve continuação para os bandos que se afastaram.*⁷⁶

Nas malocas civilizadas, diluíram-se na miscigenação os últimos elementos; os costumes e o idioma evadiram-se com os que emigraram. Alguns se expressam em mistura de português e língua geral, cortando palavras e frases. Contudo, nem todos os hábitos se perderam. Entre os que permaneceram, está o da constituição da família: para o casamento, as cunhantãs são comprometidas desde os oito anos e casam-se aos doze, quando atingem a puberdade; mulheres para homens soltos, somente as viúvas; moça solteira é para casar; mulher casada tem dono. Diaí aceitou as coisas boas dos civilizados: roupas, redes, casamento no juiz e na igreja, batizado, festas com fartas comedorias, mas implantou, também, alguns hábitos dos índios aos civilizados.

O índio do beiradão vestia mescla e fazia arcos e flechas para vender. Incorporou-se aos serviços dos seringais no barracão ou nas estradas. No barracão uma figura que desempenhou um importante papel

75 Álvaro MAIA. *Gente dos Seringais*. P. 200.

76 Álvaro MAIA. *Banco de Canoa*. P. 37.

foi a “mãe-índia”. A exemplo da “mãe-preta” do resto do país, essa figura admirável amamentou os filhos do Madeira e, ainda hoje, as suas amas são caboclas humildes dos seringais. Assim, além dos irmãos de sangue, pela família, passaram a existir os irmãos de leite, pelo convívio dos primeiros meses sugando nos bicos dos mesmos peitos. Eram índias verdadeiras ou com sangue de índios, vinham das tribos, transplantadas para a civilização, atraídas pelas influências da educação e do ABC.

4.3 – O CABOCLO

A palavra caboclo possui, em Álvaro Maia, três significados:

- Caboclo: (índio + branco), mestiço resultante do contato interétnico entre o branco e o índio;
- Caboclo: índio aculturado ou civilizado que adota esta identidade em substituição à primitiva;
- caboclo: homem nascido no interior, que assimilou aquela cultura – sua fala, seu modo de vida, seus hábitos e suas crenças.

Qualquer que seja o significado que se empreste ao termo caboclo (a), o importante é ressaltar que ele se constitui, juntamente com o índio, em uma das identidades amazônicas.

Em *Vanguarda da Retaguarda*, escrito de 1943, Álvaro Maia destaca a importância do caboclo na formação da retaguarda econômica, imprescindível às vanguardas entregues à guerra. Destaca, também, o entendimento de Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, de que no Amazonas a posse da terra pertence ao caboclo brasileiro, heróico e sereno, que é sempre soldado – com as carabinas aos ombros nas horas da guerra e com as enxadas na mão nas horas de paz.

Neste momento, diferente do período da colonização, vencendo as selvas nesta frente, estão a marchar na campanha da borracha, predominantemente, os soldados caboclos, filhos dos primeiros desbravadores que combatem isoladamente, cada um em sua estrada, para vencer a batalha da produção.

Em *Defumadores e Porongas*, Álvaro Maia nos fala das preferências e dos redutos propriamente caboclos, puros ou miscigenados. Como foi dito, há caboclos entregues à exploração da borracha, todavia, a sua predileção é a caça, a pesca, a exploração do pau-rosa, a cultura da juta – trabalhos que se executam concomitantemente em terra e água, pela característica anfíbia.

Em *Gente dos Seringais*, Álvaro Maia nos diz que:

o biótipo do Amazonas não é um e já se diferencia: nota-se essa diferença entre o balateiro do rio Negro e o seringueiro do Madeira, entre o vaqueiro do rio Branco e o cedreiro do Javari, entre garimpeiros e pescadores. Provêm de índios ou sul-americanos das repúblicas limítrofes, de nordestinos, libaneses e portugueses [...] demonstrando que um largo sopro humano perpassara por esta gente pioneira.⁷⁷

O seringueiro brônzeo, gênio das águas barrentas, provinha da fusão de ameríndios e nordestinos. Em sua faina permanente está sempre grudado às canoas nas manhãs claras ou nevoentas, investindo pelas selvas em madrugadas claras ou chuvosas, em busca da sobrevivência. Para ele, o rio, gigante de mil braços, possui vida e vontade: deve ser amado, respeitado e compreendido para que possam conviver em paz.

Geralmente se entrega a roças ou produção de farinha, às criações de galinhas e porcos, pelas imposições imediatas da alimentação, jamais por vocação. Raramente é negociante, farinheiro ou tabaquista visando lucros. Planta para as necessidades diárias, com preferência para as culturas de produção rápida, como é o caso das bananeiras, mamoeiros, batata-doce, etc. É excelente canoeiro e exímio fabricante de canoa.

O homem do rio é assim a antítese do homem da seca. Um caminha em função do pé e da pata, o outro vive em razão do remo e da canoa. Mas, a vida com os seus paradoxos, colocou um em face do outro.

Homem tremendamente tranqüilo, o caboclo, cultura da diáspora, nasce e vive em uma natureza tremendamente perigosa, farta de movimentação. Traz os sinais das fornalhas tropicais: brota com a resistência

77 Idem. *Gente dos Seringais*. P. 14.

do aço e, embora provindo de outros elementos étnicos além do índio, parece mais com o índio, que pouco fala e age sempre.

Fala pouco, não costuma resolver as questões no mesmo instante em que elas acontecem, como é o caso do nordestino; à semelhança do índio, cultiva e executa a vigança, isoladamente, quando menos se espera. Gosta do álcool, à maneira nordestina, não o dispensando na faina diária e nos forrós. Possui a mesma energia e tenacidade dos nordestinos, mas adquirira costumes diferentes na linguagem e nas aspirações. É perito em tecer cestos, entrançar tarrafas, tecer palhas verdes de ubim, caranaí e ouricuri para toldas, cobertura de casas ou tapiris e em preparar assoalho com paxiúba batida ou de paxiubinha rachada.

Na canoa, quase sempre só, tudo conhece. Domina o rio, o lago, a mata, a imensidão, a solidão; é parte do meio, por isso, nunca se apressa; seu sofrimento e suas lágrimas são secretas, não produzem pranto. Pescador e não depredador, só leva arpão, espinhel, caniço e flecha.

Com Álvaro Maia, podemos dizer:

Este homem, bem o conhecemos porque somos iguais, porque bebemos na infância, ardendo em interrogações [angústias e medos] as águas que trazem o cristal das montanhas e o barro das planícies encharcadas.⁷⁸

78 Ibidem, p. 19.



CENÁRIO SOMBRIO

A primeira crise da borracha silvestre foi causada pela produção decorrente do plantio de mudas do Amazonas no Ceilão, no Oriente. A segunda, da plantação de sementes levadas daqui para São Paulo e Bahia.

O progresso alcançado no extrativismo da borracha no Amazonas, segundo Álvaro Maia, deveu-se, exclusivamente, ao dispêndio de energias pessoais, não havendo, jamais, qualquer ordenação oficial. Por isso, se um dia se buscar identificar a contribuição do Amazonas, tanto qualitativa, quanto quantitativamente, a nação terá de abrir um crédito ilimitado aos anônimos nordestinos e aos caboclos amazonenses, pelo altruísmo e abnegação, reconhecendo, com isso, a grandeza do nosso procedimento.

Na primeira crise houve êxodo parcial. Muitos proprietários, demonstrando admirável serenidade, permaneceram nos seringais, aguardando melhores tempos. Isto possibilitou o reinício das atividades seringueiras. Na segunda, no entanto, as conseqüências foram mais graves. A situação era desesperadora; não havia comida, mantimentos, remédios, nem qualquer esperança de melhoria. Os produtos do extrativismo, exceto a castanha, não tinham quase nenhum preço; por maior que fosse a produção, esta não cobria o preço das mercadorias. Diante disso, o seringueiro foi obrigado a abandonar as estradas e procurar outros trabalhos para poder sobreviver.

Velhos desbravadores que sacrificaram a sua existência naquelas paragens, ao fim, sem outros alicerces econômicos que possibilitassem a resistência, sucumbiram, caíram na ruína. Tanto na primeira crise, causada pelo Oriente, quanto na segunda, que se deve aos irmãos do Sul e Nordeste, os seringueiros desertaram, apagaram-se milhares de porongas e defumadores.

Igaritês, canoas de tolda e batelões com famílias inteiras descem para os jutais e para as zonas suburbanas das capitais. As terras afastadas retornam ao primitivismo, enfraquecendo o latifúndio extrativista. Os animais, os pássaros, os peixes retornam às áreas invadidas nas selvas e nas águas. As barracas apodreceram; nem mais as cruces assinalam os mortos. Desaparecera o vulto do andarilho audaz que se aprisionava em tapiris. Sobrevive, apenas, apesar de transfigurado por sacrifícios, o desbravador altruísta que, apesar das febres e beribéri, escreveu com sangue, suor e coragem, a conquista da hinterlândia. Fecha-se, em muitos rios, o ciclo da borracha silvestre.

Nos pequenos seringais e nas poucas colocações que ainda teimavam em produzir, faltavam fósforos, sal, café e açúcar. As roupas transformavam-se em farrapos. Alastrava-se a penúria. Nos rios do alto, faltavam medicamentos e alimentos; muitas crianças morriam de sarampo, coqueluche e à míngua. Por toda parte, a tragédia econômica aumentava. Para completar o quadro sinistro, veio a febre maligna, que liquidava o doente em poucos dias.

A situação da cidade também se agravava. Fecharam-se as casas de comércio, padarias e mercearias, os serviços públicos de luz e água.

A salvação daquela gente aconteceu com a chegada do judeu Saul que, com o seu batelão, dava início à fase dos regatões. Veio em socorro dos proprietários pobres que tinham produtos mas não tinham a quem vender. As transações seriam à vista: deixa a borracha, leva a mercadoria.

Acelerando as aperturas em que se debatiam os desbravadores, pelo declínio da borracha e, em seqüência ao êxodo dos seringueiros, vieram as execuções fiscais e hipotecas que arrancavam a carne e o sangue. Não havia produção extrativa, tinha de entregar a propriedade. Seringais, campos, embarcações, casas de farinha, engenhocas respondiam pelas dívidas; agricultores perdiam as posses onde lutaram anos e anos. Choviam as execuções criminosas.

Seringais tornavam a floresta, sem atividade lucrativa, pois não encontravam novos exploradores; barracões desabavam, barracas emaranhavam-se nas trepadeiras; a capoeira dominava. Surgia o imprevisível: seringalistas, outrora prósperos, pediam um emprego aos mais abastados ou ocupavam um pedaço alagadiço da ilha para defender a vida – derrubar a mata, plantar roçados... Retraíram-se em surpreendente humilhação, e assim morreram, em frente aos campos que haviam aberto e semeado, entregues à inércia, pelas execuções e carência de financiamento.⁷⁹

Nos grandes barracões, pelas responsabilidades dos capitais, a situação era mais dura. Por economia, manteiga, azeite e temperos foram abolidos da alimentação. O patrão, perdido o conforto anterior, sofria mais do que o seringueiro pobre, acostumado ao frio, ao vento, ao relento e a roupas rudimentares. O abastecimento ficou reduzido a poucos metros de fazendas, fósforos e sal. A natureza teria de suprir o resto.

As dificuldades cresceram, a miséria estendeu-se pelo beiradão; seringueiros e agricultores não tinham, sequer, como cobrir o corpo. Calças e blusas viraram molambos; de tanto remendo, não mais se via o tecido original. Crianças andavam nuas ou de tangas; até os sacos de trigo e café eram aproveitados para vestimentas.

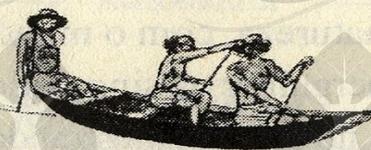
Os potes e bilhas eram fabricados com o barro local; das latas usadas faziam-se as lamparinas; o querosene era substituído pela banha de boto e de pirarucu; nas embarcações trocavam-se galinha e porcos por latas vazias de leite e de banha que serviam para copos, bules e tigelinhas; os pregos, utensílios de ferro, cordas, breu para calafetação foram abolidos; cipós fortes e tiras de envira passaram a ser utilizados nas esticadeiras para espinhéis; sorva calafetava as canoas com estopa de castanheira; com ferro velho levado ao fogo, produziam-se arpões e pequenas facas; carapaças, de jabuti, de tartarugas e alguidares e gamelas de madeira serviam de vasilhames, no império da necessidade. Rapaduras e garapa adoçavam; folhas de abacate e de café eram utilizadas para o chá matinal das crianças. Dormia-se na escuridão para economizar o óleo de peixe e querosene. Remédios, somente do mato ou mágica de rezadores.

79 Ibidem, p. 22.

Contudo, apesar da caótica situação, havia alguns pequenos proprietários que começavam a se afirmar na agricultura. Foram-se os comerciantes antigos, porém, novas casas comerciais começaram a ser abertas em Humaitá, possibilitando uma outra saída para as transações urgentes, até então nas mãos de Saul, que por ser o único no ramo por aquelas bandas, carregava nos preços.

O lema era trabalhar dia e noite até que o vendaval passasse. Tentava-se, em terras arrendadas, desenvolver a agricultura. Mas, também aqui, o valor dos produtos praticamente inexistia. Canoadas de laranjas, bananas, tangerinas, tabaquis não tinham cotação, muito pouco se vendia; o restante, quase tudo, dava-se aos pobres. Todavia, com persistência e tenacidade, o trabalho começa a dar pequenos resultados. Não possibilitava conforto, mas eliminava a fome.

Com isso, o beiradão começava a repovoar-se; seringais abandonados eram novamente procurados. Velhos seringueiros, fatigados dos esforços andarilhos, apelavam também para a agricultura. Ao fim de tantos sofrimentos, desesperos e mortes, operava-se a reação. Sem auxílios oficiais, a economia amazonense erguia-se ao impulso da própria terra. Compensando o êxodo de trabalhadores facilitado pelas passagens oficiais, índios rondonizados, iniciativas religiosas e particulares preenchiam claros nas atividades extrativas. Nos setores em que o estrangeiro se curvava vencido, surgia o nacional para recomençar a luta iniciada pelos que resistiram. A crise perturbara, desequilibrara e destruía muitos, mas teve o mérito de obrigar o homem a olhar para a terra, *abrir-lhe o ventre e assistir à germinação de todas as sementeiras.*



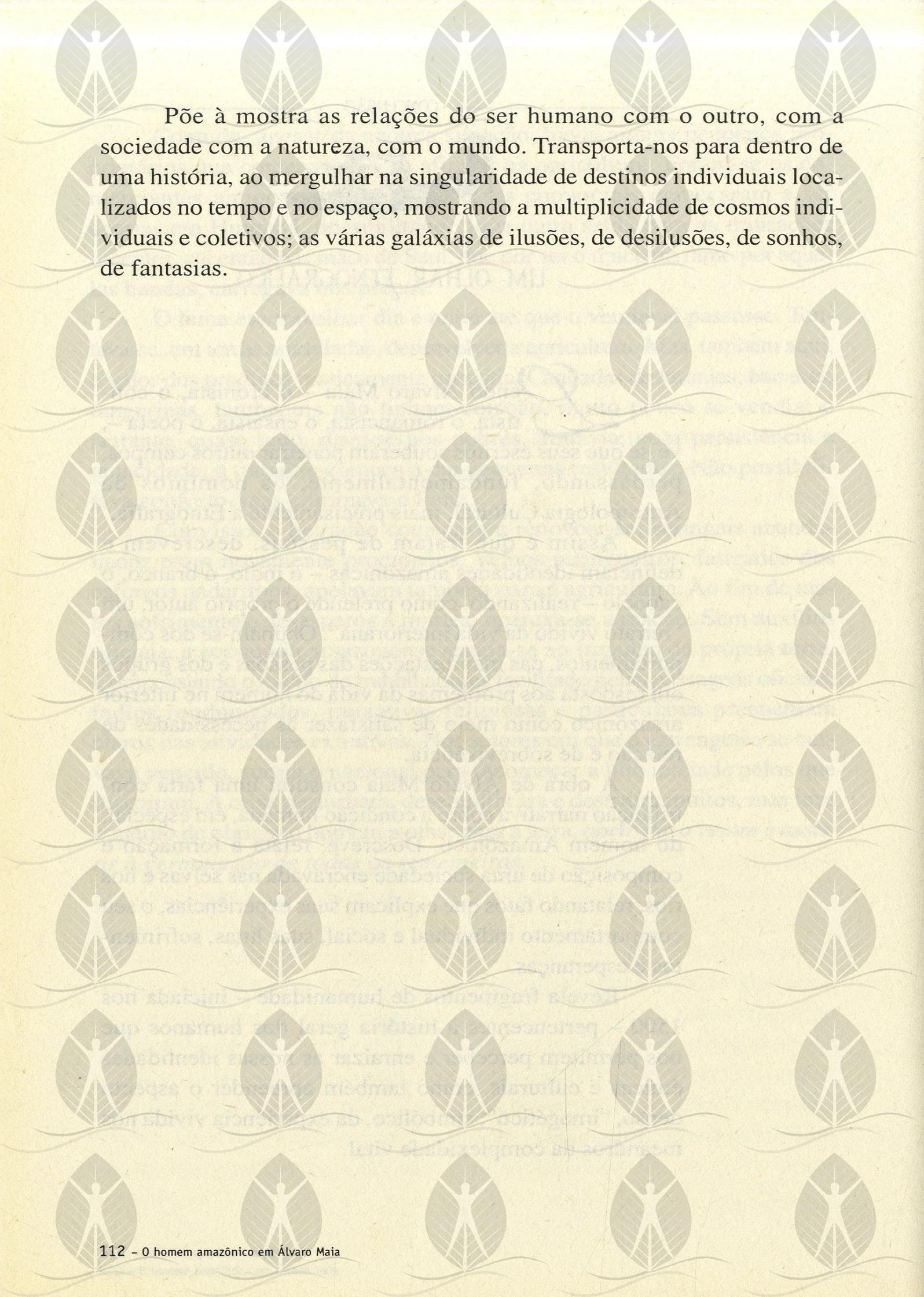
UM OLHAR ETNOGRÁFICO

Quando Álvaro Maia – o cronista, o contista, o romancista, o ensaísta, o poeta –, vê-se que seus escritos souberam penetrar outros campos, perpassando, fundamentalmente, os domínios da Antropologia Cultural, mais precisamente a Etnografia.

Assim é que tratam de pessoas, descrevem e delineiam identidades amazônicas – o índio, o branco, o caboclo – realizando, como pretende o próprio autor, um “retrato vivido da vida interiorana”. Ocupam-se dos comportamentos, das manifestações das pessoas e dos grupos em resposta aos problemas da vida do homem no interior amazônico como meio de satisfazer às necessidades de relação e de sobrevivência.

A obra de Álvaro Maia constitui uma farta contribuição narrativa sobre a condição humana, em especial, do homem Amazônico. Descreve, relata a formação e composição de uma sociedade encravada nas selvas e nos rios, relatando fatos que explicam suas experiências, o seu comportamento individual e social, suas lutas, sofrimentos e esperanças.

Revela fragmentos de humanidade – iniciada nos 1500 – pertencentes à história geral dos humanos que nos permitem perceber e enraizar as nossas identidades étnicas e culturais, como também apreender o aspecto denso, “imagético”, simbólico, da experiência vivida nos meandros da complexidade vital.



Põe à mostra as relações do ser humano com o outro, com a sociedade com a natureza, com o mundo. Transporta-nos para dentro de uma história, ao mergulhar na singularidade de destinos individuais localizados no tempo e no espaço, mostrando a multiplicidade de cosmos individuais e coletivos; as várias galáxias de ilusões, de desilusões, de sonhos, de fantasias.

BIBLIOGRAFIA



BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade & Etnia*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

HOEBEL, E. Adamson & FROST, Everett L. *Antropologia Cultural e Social*. (trad.). São Paulo: Cultrix, 1995.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 7.^a ed., 1992.

MAIA, Álvaro Botelho. *Na Vanguarda da Retaguarda*. Manaus: DEIP, 1943.

_____. *Pela Glória de Ajuricaba*. Manaus: IGHA, 1952.

_____. *Gente dos Seringais*. Rio de Janeiro: Bosol, 1956.

_____. *Buzina dos Paranás*. Manaus: Ed. Sergio Cardoso, 1958.

_____. *Banco de Canoa*. Manaus: Ed. Sergio Cardoso, 1963.

_____. *Defumadores e Porongas*. Manaus: Imprensa Oficial, 1966.

_____. *Beiradão*. 2.^a ed. Rev. Manaus: Valer/UA, 1999.

NIMUENDAJU, Curt. *Mapa Etno-Histórico*. IBGE, 1981.

Comissão Pró-índio. *O índio e a Cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

RABUSKE, Edvino A. *Antropologia Filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1995.



Este livro foi impresso na cidade de Erechim/RS, em outubro de 2001, pela Gráfica Edelbra. A família tipográfica utilizada na composição do texto foi Times no corpo 12/15. O projeto gráfico – miolo (editoração/fotolitos) e capa – foi feito pela Valer Editora. Os fotolitos da capa foram produzidos em Manaus pelo Bureau.com.

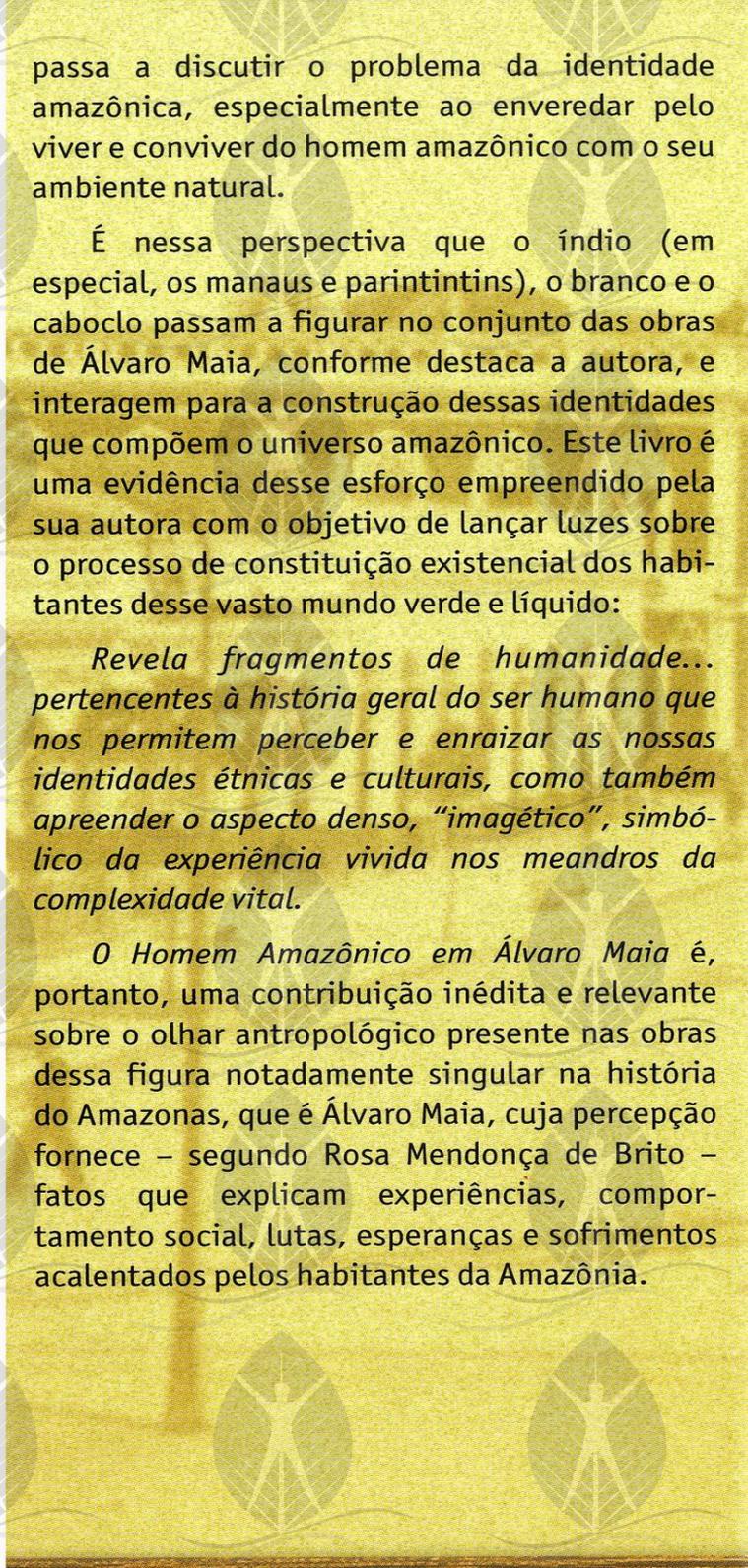


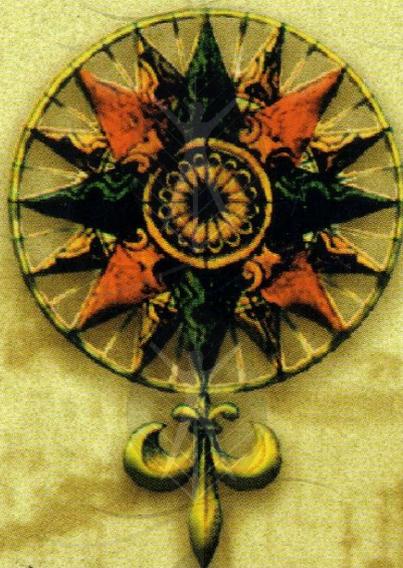
passa a discutir o problema da identidade amazônica, especialmente ao enveredar pelo viver e conviver do homem amazônico com o seu ambiente natural.

É nessa perspectiva que o índio (em especial, os manaus e parintintins), o branco e o caboclo passam a figurar no conjunto das obras de Álvaro Maia, conforme destaca a autora, e interagem para a construção dessas identidades que compõem o universo amazônico. Este livro é uma evidência desse esforço empreendido pela sua autora com o objetivo de lançar luzes sobre o processo de constituição existencial dos habitantes desse vasto mundo verde e líquido:

Revela fragmentos de humanidade... pertencentes à história geral do ser humano que nos permitem perceber e enraizar as nossas identidades étnicas e culturais, como também apreender o aspecto denso, "imagético", simbólico da experiência vivida nos meandros da complexidade vital.

O Homem Amazônico em Álvaro Maia é, portanto, uma contribuição inédita e relevante sobre o olhar antropológico presente nas obras dessa figura notadamente singular na história do Amazonas, que é Álvaro Maia, cuja percepção fornece – segundo Rosa Mendonça de Brito – fatos que explicam experiências, comportamento social, lutas, esperanças e sofrimentos acalentados pelos habitantes da Amazônia.





O *Homem Amazônico em Álvaro Maia* é um livro que se impõe pelo seu conteúdo de humanidade e compromisso com a esperança. Estrutura-se como um roteiro metodológico que nos permite identificar relatos e descrições que revelam um Álvaro Maia observador-participante, escritor de cenários nos quais está inserido desde o nascimento: “Escrevo no interior, vendo e sentindo a influência genésica da natureza. E somos, na verdade, fragmentos dispersivos dessa natureza, impregnados por suas ansiedades e suas forças construtoras”. Adentrando em sua percepção sobre os povos amazônicos, a professora Rosa Mendonça de Brito mostra como Álvaro Maia passa a discutir o problema da identidade amazônica, especialmente ao enveredar pelo viver e conviver do homem amazônico com o seu ambiente natural.

 **Valer**
EDITORA

 **CULTURA**
Edições
Governo do Estado

ISBN 85-7512-025-5



9 788575 120255



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA